

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

BILLY GRAEFF BASTOS

**ESTILO DE VIDA E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE
SKATISTAS: DA “VIZINHANÇA” AO “CORRE”**

PORTO ALEGRE

2006

BILLY GRAEFF BASTOS

**ESTILO DE VIDA E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE
SKATISTAS: DA “VIZINHANÇA” AO “CORRE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador:

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

PORTO ALEGRE

2006

BILLY GRAEFF BASTOS

ESTILO DE VIDA E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE SKATISTAS:
DA “VIZINHANÇA” AO “CORRE”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Aprovada em Porto Alegre, 22 de dezembro de 2006.

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – (orientador – UFRGS)

Prof^o Dra. Janice Zarpellon Mazo (PPGCMH – UFRGS)

Prof. Dr. Vicente Molina Neto (PPGCMH – UFRGS)

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares (UFES – UGF – UFRJ)

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação àqueles e àqueles que sabem dar sentido prático à solidariedade...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, **Marco Paulo Stigger**, pela prestimosa ajuda a cada momento, pela paciência e pelo chicote. Ao GESEF e todos os seus componentes, pelos espaços e as interações científicas, pelos diálogos profícuos e amizade. Ao grupo de pesquisa **F3P - EFICE** e aos professores **Alex Branco Fraga** e **Vicente Molina Neto** pela boa convivência na nossa antiga sala e fora dela. Ao professor Mário Braunner pela parceria na luta.

Agradeço a minha família, sobretudo à minha mãe (sem sua ajuda essa dissertação não existiria) **Liana Maria Reis Graeff**, te amo; e à minha avó **Nicinha, Cleonice Reis Graeff**. Aos meus irmãos, **Emiliana de Luna Graeff Bastos, João Marcos Graeff Bastos, Guilherme Graeff Sampaio** e **Camila Graeff Sampaio**, que, cada um a sua maneira, foram fundamentais para meu trabalho. Aos meus tios **Beto** e **Vera** e seus filhos **Lucas** e **Gabriel** pelo apoio à minha carreira.

Agradeço ao pessoal de Teutônia, aqueles e aquelas que viveram comigo diversas etapas de minha formação e da minha vida. **Carlos Leandro Tiggemann**, meu irmão (nada mais precisa ser dito). **João** e **Ângela Bandeira, Rafael, Rodrigo** e **Arthur**, uma família a mais que tenho. **Karli Heller** e **Cassiane Goettert, Lucas Brolese**, meus amigos para toda hora. S.E.R.C. **JUVENTUS** e todos/as que a construíram e a mantém viva, pelos momentos de crescimento.

Agradeço a **Eduardo Borges Basso**, pela acolhida em Porto Alegre e pelos pai, mãe, avó, tias e afilhada que me empresta. À família **Simonetto Dal Pozzolo, Gordo, Bruno, Malila, Marlói** e **Juliana**, pelo apoio incondicional.

Agradeço aos **militantes** da Educação Física, aqueles que não abandonam os projetos coletivos por objetivos individuais. Represento esse agradecimento na minha saudação ao Movimento Estudantil em Educação Física - Diretório Acadêmico da EsEF, aos seus batalhadores, e ao Movimento Nacional Contra a Regulamentação da Educação Física: “a luta é pra vencer!”. **Guilherme Gil, Giovanni Frizzo, Shin Pinto Nishimura, Guilherme Bernardi, Caroline Canabarro, Larissa Gysi, Luciano Gysi, Pedro Silveira, Guilherme Zingano,**

Felipe Duran, Tatiana Borin, Juliana Guerra, Fabrício Teixeira, Vicente Calheiros, Diogo Petry, Isabela Fillipini, Sabrina Costa, Camila Armas e tantos outros/as que não pude lembrar.

Agradeço a **Luciano Kussler** pelos incontáveis e inestimáveis momentos de diálogo, pelas trocas científicas e teóricas, pelo apoio nos momentos mais difíceis e pela amizade.

Agradeço a **Fernando Rieth** pela parceria em todos os aspectos, desde que nos conhecemos. Amigo, co-autor, colega de mestrado e de pesquisa e colorado.

Agradeço a **Eduardo Pergher**, colega, sócio, amigo, parceiro para todas as oportunidades e na falta delas também. Pelas longas conversas, pelo apoio, pelas aprendizagens de parte a parte, por nossas andanças pela Cidade Baixa, pelo Tudo Pelo Social, pelo Élio, pelo Dan e pelo Entre Bells. Pela alegria e pela compreensão.

Agradeço à **Milena Barbalho**, que partilhou e partilha comigo tantos sonhos que já não podemos mais saber o que é não saber um do outro. Minha família nordestina **Fátima, Marcílio, Belo, Silvana** e seus filhos.

Agradeço à **Celi Taffarel**, professora, amiga, mãe e companheira de luta. Ela foi o Orixá que abriu os meus caminhos. **Brígida e Hermano Taffarel**, ótima herança de laços que não se desfazem e que recebi de presente.

Agradeço às pessoas com quem convivi durante o período em que fui professor da Escola de Educação Física da UFRGS. Em especial, os monitores das disciplinas que ministrei, aos educandos, o pessoal das secretarias da Pós Graduação, do Departamento e do LAPEX, os funcionários da manutenção e das portarias.

Agradeço à **Daniela Conte**, porque certas pessoas chegam quando tem que chegar. **Lala, Sérgio e Daniel**.

Agradeço aos meus parceiros de samba, que dividiram alguns momentos de paz e alegria comigo durante o período da pesquisa. Pagode sem preconceito – Canela, Vila, William, Marco Aurélio, Carlinhos e Ramos – e Daniel Cavalheiro, Douglas e Alemão Leonardo da EsEF. Ao Pagode da Felicidade, representado na pessoa de Karine.

RESUMO

O texto dessa dissertação apresenta problematizações acerca do universo social do skate, com atenção especial ao mundo patrocinado e profissional. O percurso da pesquisa inicia na busca de pistas do universo cultural do skate, passa pela definição do foco da pesquisa, das questões de pesquisa e dos aspectos metodológicos (entrevistas semi-estruturadas, observações e análise de documentos). Em seguida, trata da trajetória social dos sujeitos (skatistas identificados com o universo dos patrocínios e da profissionalização), partindo de suas atividades iniciais num ambiente de “vizinhança”, encontrando um estilo de vida, a constituição de um gosto, um conjunto de disposições e capitais. Traz para a discussão o tema de significados atribuídos (*illusio*), das transubstancializações (reconversões de capitais), dos estatutos dos sujeitos, da especificidade de uma lógica de reciprocidade e das posições objetivadas no campo e subjetivadas em disposições. Apresenta também debate sobre os planos e sonhos comuns ao universo estudado. Localiza o skate no plano da cultura corporal e discute as relações skate/esporte/competição/espetacularização. Entre as principais contribuições que o trabalho traz está o fato de que, no universo social do skate e dos patrocínios, o capital corporal/esportivo não é a única determinante para o “sucesso”.

Palavras-Chave: skate - estilo de vida - sociologia do esporte

RESUMEN

El texto de esta disertación presenta problematizaciones a cerca del universo social del skate, con atención especial al mundo del patrocinio y profesional. El camino de la investigación inicia en la búsqueda de pistas del universo cultural del skate, pasa por la definición del foco de la investigación, de las cuestiones de investigación y de los aspectos metodológicos. A seguir, trata de la trayectoria social de los sujetos (skatistas identificados con el universo de los patrocinios y de profesionalización) partiendo de sus actividades iniciales en un ambiente de "vecindad", encontrando un estilo de vida, la constitución de un gusto, un conjunto de disposiciones y capitales. Traz para la discusión el tema de significados atribuidos (illusio), de las transubstancializaciones, de los estatutos de los sujetos, de la especificidad de una lógica de reciprocidad y de las posiciones objetivadas en el campo y subjetivadas en disposiciones. Presenta también debate sobre los planos y sueños comunes al universo estudiado. Localiza el Skate en el plano de la cultura corporal y discute las relaciones skate/deporte/competición/especularización.

Palabras- claves: skate, estilo de vida, sociología del deporte.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(CBSK) Confederação Brasileira de Skate

(EUA) Estados Unidos da América

(FGSKT) Federação Gaúcha de Skate

(POA) Porto Alegre, cidade de

(RS) Rio Grande do Sul, estado do

(ZH) Jornal Zero Hora

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

- Figura 1 – página 20
- Quadro 1 – página 23
- Figura 2 – página 51
- Figura 3 – página 56
- Figura 4 – página 68
- Figura 5 – página 133

SUMÁRIO

<i>SUMÁRIO</i>	12
<i>INTRODUÇÃO</i>	13
<i>1 PROBLEMATIZAÇÃO, OBJETIVO E QUESTÕES DE PESQUISA</i>	16
1.1 “SKATE É MINHA VIDA” – SEGUINDO PISTAS AO UNIVERSO CULTURAL DO SKATE.....	16
1.2 SÃO SKATISTAS! SÃO SKATISTAS?	26
1.3 OBJETIVO	28
1.4 ENTRE O OBJETIVO E AS QUESTÕES.....	29
1.5 QUESTÕES DE PESQUISA.....	32
<i>2 MÃOS NA MASSA E PÉS NA TÁBUA</i>	33
2.1 DAS IDÉIAS ÀS COLETAS	33
2.2 MÃOS NA MASSA	36
<i>3 SKATE - “NA VIZINHANÇA”, SAINDO DO BAIRRO, SENDO INCORPORADO COMO UM ESTILO DE VIDA: TRAJETÓRIAS COLETIVAS DE QUEM VIVE (OU ESTÁ EM VIAS DE VIVER) DE SKATE</i>	48
3.1 O INICIO: UMA ATIVIDADE DE “VIZINHANÇA” E UMA PRIMEIRA MODALIDADE DE APRENDIZAGEM.....	48
3.2 ANDANDO NA “BAIXA” DO SKATE EM POA, SAINDO DO BAIRRO, CONHECENDO, CRIANDO E RECRIANDO O ESTILO E APREENDENDO UMA NOVA APRENDIZAGEM.....	55
3.3 SKATE E ESTILO DE VIDA: A CONSTITUIÇÃO DE UM GOSTO, DE UM CONJUNTO DE DISPOSIÇÕES E CAPITAIS E SUA INCORPORAÇÃO.....	73
3.4 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS, ILLUSIO (OU UM DISCURSO REPETIDO) E DESENVOLVIMENTO E EVOLUÇÃO.....	94
3.5 TRANSUBSTANCIALIZAÇÕES	101
3.5.1 Os primeiros caminhos: pertencer a uma rede determinada, ser reconhecido e obter apoios e, depois, patrocínios.....	104
3.6 TRÊS ESTATUTOS: SKATISTA (UM ESTILO DE VIDA), ATLETA (PRATICANTE DE UM ESPORTE) E REPRESENTANTE DE MARCA(S) (IMAGEM E MERCADORIA).....	111
3.7 UMA LÓGICA DA RECIPROCIDADE?: “GANHA TANTO O DONO, A GENTE TAMBÉM QUER GANHAR TANTO”	120
3.8 ANDAR ATÉ NÃO PODER MAIS E SEGUIR NO UNIVERSO DO SKATE: PLANOS E SONHOS (RECONVERSÕES POSSÍVEIS).....	125
<i>4 SKATE E CULTURA CORPORAL – UMA PRÁTICA HETERÓCLITA</i>	128
4.1 SKATE E ESPORTE.....	133
<i>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	150
5.1 LIMITAÇÕES DO TRABALHO.....	156
5.2 CONTINUIDADES.....	157
<i>OBRAS CONSULTADAS</i>	159
<i>ANEXOS</i>	166

INTRODUÇÃO

O texto que chega em suas mãos é o fruto de uma pesquisa de campo, de um regime de estudos, de uma rotina de leituras e de diálogos com outros pensadores da área e de fora dela. É também o resultado da escolha de um tema, da construção de um problema e da aproximação com um universo teórico. Falo da questão do universo social do skate e de um estilo de vida, do problema da constituição de uma trajetória coletiva de skatistas ligados à profissionalização e aos patrocínios e da discussão com os assuntos importantes para os debates acerca de estilo de vida e das teorias da ação (BOURDIEU, *passim*; LAHIRE, *passim*).

O início desse processo se deu em 2004, quando da minha entrada no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Educação Física do Rio Grande do Sul e seguiu até o momento da entrega desse trabalho. Entre uma e outro, o caminho de produção científica teve avanços e recuos, acertos e erros, mas sobretudo escolhas. Foi minha preocupação não ocupar o leitor com palavrório e meias palavras. Caso se aponte discordâncias, é esperado que elas sejam de conteúdo e de reflexões, de entendimentos diferentes e não de falta de entendimento.

O trajeto da construção textual representa de boa maneira o percurso da produção da pesquisa. Vai desde a entrada no campo, com referências de toda sorte e uma certa sensação de tempestade de idéias até a discussão de temas específicos encontrados na relação mais sistemática com o universo estudado e com os autores selecionados.

O segundo capítulo da dissertação (que segue a essa introdução) traz a problematização conjuntamente com o objetivo e as questões de pesquisa. Tem início com uma chuva de referências ao skate advindas das mais diversas fontes, passa pela atribuição de algum significado e a perda da sensação de difusão. Esse caminho reflete o próprio percurso de minha pesquisa: assim me senti nas primeiras incursões ao campo, ainda sem objeto claro, sem objetivos, catando papel na ventania. O objetivo e as questões de pesquisa, que criam, de maneira substancial e de inegável relevância, um foco para a pesquisa, vêm em seguida, de certa maneira como vieram para mim, no sentido de especificar o papel da pesquisa. O objetivo “compreender um estilo de vida particular, o daqueles que vivem – ou tem como

horizonte viver - do skate, a partir de suas trajetórias particulares” orientou as questões de pesquisa, todas ligadas à trajetória social dos sujeitos e do universo em que se envolveram e serviram de ponto de referência durante todo o restante da pesquisa e acima de tudo para a confecção dos roteiros de entrevistas e sua realização.

O terceiro capítulo trata dos métodos e técnicas. Teve como referência as discussões específicas acerca das metodologias afetas à pesquisa qualitativa e apresenta as particularidades do fazer dessa pesquisa. Especificamente, descreve a forma como foram apropriadas e colocadas em andamento as técnicas da observação, da coleta de documentos e da entrevista.

No quarto capítulo, abordo a trajetória social dos sujeitos da pesquisa, em diálogo com a teoria (autores e obras que discutem estilo de vida, gosto, disposições, capitais etc.). Parto do início das vivências no universo social do skate, das primeiras experiências, das primeiras aprendizagens e dos primeiros acessos. Identifico algumas características importantes do mundo do skate e sigo até a constituição de um gosto, de um conjunto de disposições e sua incorporação. Dou continuidade às discussões com temas como a especificidade da *illusio* nesse universo (uma espécie de magia necessária ao *modus operandi* vigente no campo), a prática das transsubstancializações (transformações de capitais de determinada natureza em outros de outras), a constituição das redes de relações, dos estatutos dos sujeitos, da reciprocidade esperada no campo e dos planos e sonhos dos skatistas entrevistados, assuntos considerados relevantes para o universo estudado.

O quinto capítulo apresenta debates acerca do skate no reino das práticas corporais, principalmente sobre a espetacularização e esportivização dessa manifestação social e cultural. Estão ali debates que permeiam as formas competitivas, institucionalizadas e profissionais que passam a fazer parte cada vez mais significativa do skate.

O capítulo sexto trata das considerações finais, apresentando o que considerei limitações do trabalho e possibilidades de continuidades. Tentei sintetizar os capítulos e sub-capítulos da dissertação, desenvolvendo os pontos centrais de cada um deles, puxando o *fio da meada*. As continuidades possíveis apontadas dizem respeito à ampliação da plataforma de referências e dos dados da realidade, aumentando o número de configurações estudadas e o tempo de estudos, possibilitando qualificar as discussões do universo do skate e abordar o tema das

transposições de capitais e disposições para além do universo das práticas corporais.

1 PROBLEMATIZAÇÃO, OBJETIVO E QUESTÕES DE PESQUISA

1.1 “SKATE É MINHA VIDA” – SEGUINDO PISTAS AO UNIVERSO CULTURAL DO SKATE

O capítulo que inicia-se visa apresentar informações sobre o universo do skate, na perspectiva de uma aproximação com o mesmo; em seguida, introduzo discussões acerca da constituição de estilos de vida a partir de práticas esportivas e, por fim, as questões que orientaram a coleta dos dados da pesquisa.

O esporte, em suas mais diversas manifestações, está disseminado pela sociedade em geral. De acordo com as preferências regionais, alguns se tornam mais freqüentes em determinadas comunidades, enquanto que muitos desses e outros se popularizam e transformam-se em práticas comuns e de conhecimento quase universal. Entre esses últimos, existem aqueles sobre os quais não precisaríamos dizer muito para que interlocutores entendessem do assunto do qual falamos. Sem dúvida, o mais facilmente reconhecível seria o futebol.

Se o futebol fosse um jogo praticado por uma sociedade longínqua, sendo preciso descrevê-lo antes de tecer considerações acerca da maneira absorvente com que os nativos se entregam a ele, seria oportuno referir que se trata... (DAMO, 2005, p.13).¹

O skate² tampouco se caracteriza por uma prática distante da maioria dos habitantes das grandes cidades brasileiras, principalmente das capitais; entretanto não estou convencido de que deixe de ser pertinente, no mínimo, um vôo de reconhecimento sobre o skate e os skatistas, nossos vizinhos³.

Sobre a presença do skate nas capitais, e outras informações, o Instituto de Pesquisa Datafolha (DATAFOLHA) divulgou que 16 % dos domicílios da cidade de

¹ Damo (2005) realizou um estudo, em sua tese de doutoramento, acerca do processo de formação de jogadores de futebol, se utilizando de dados coletados em configurações brasileiras, da França e da Espanha.

² Pelo número de vezes que aparece neste texto a palavra skate, decido evitar colocá-la em itálico, apesar de isso ser sugerido para termos estrangeiros.

³ A intencionalidade do uso do termo vizinho está na noção de alguém que coabita conosco um espaço mais amplo que a casa, o lar, mas que não necessariamente conhecemos.

Porto Alegre⁴ - Rio Grande do Sul (RS), por exemplo, “tem alguém que pratica skate” (2002). Mas acredito que um simples passeio, uma simples olhada pela cidade permitisse aos portalegrenses notar a existência e a circulação de skatistas. Esses argumentos de que lancei mão em princípio, absolutamente distanciados da própria prática, indicam a estratégia que adoto aqui: do geral ao particular. Iniciarei apresentando informações colhidas de qualidade e abrangência distintas, jornal de grande circulação, internet, pesquisa de um grande instituto etc..., para chegar a um estilo de vida e deste a um conjunto de sujeitos que têm em comum o fato de terem o mesmo meio de subsistência - ou o têm como objetivo -, viver do skate.

As referências que aparecem aqui neste primeiro trecho do capítulo são, então, as mais exógenas e distanciadas - cabe tratá-las como o que são, dados brutos. Como uma pesquisa – acima citada – em que os sujeitos são apresentados em forma de percentuais comparados a todos os demais habitantes do país, dos estados ou das capitais, sem que seja feita qualquer distinção pormenorizada. Também são destituídas de um sentido mais profundo, ficando por vezes “soltas” na história. É o caso da notícia, publicada no Jornal ZERO HORA (BARRIONUEVO, 2001), acerca da criação da pista do IAPI. Não poder-se-ia imaginar que o surgimento desta pista estivesse descolado de um processo. Este é um dos problemas de apresentar, mesmo que de maneira organizada, estas referências que se apresentaram a mim de maneira tão dispersa: suscitam problemáticas que trazem à tona possibilidades de pesquisas diversas – muito além dos limites colocados para um trabalho como este. Por ora, mais uma notícia de ZH (06.02.05), que informa a conquista de um título nacional no ano de 2004, por um porto-alegrense, o de *street skate*⁵. Assim, com a leitura do quadro 1, logo abaixo, fica muito aparente que existem várias formas de andar de skate, no que toque às técnicas, manobras, terrenos, peças e dimensões do aparato. Porém, a tudo isso (e a cada modalidade em específico), conforma-se uma série de elementos de ordem imaterial (que só chegam à materialidade na forma de preferências, afeições, rejeições, escolhas, decisões etc...), o que permite - e de certa forma, no caso desse trabalho, obriga - que se faça uma classificação mais voltada às práticas (distintivas) dos grupos que se articulam a partir dessas modalidades. Também pensando no trabalho de Damo

⁴ A pesquisa que desenvolvo para este trabalho se dá, principalmente, em Porto Alegre, cidade que passou a receber maior atenção de skatistas da região metropolitana e de outras cidades do estado do Rio Grande do Sul a partir da construção da pista do IAPI.

(1994), numa perspectiva configuracional, a partir de uma leitura de Bourdieu (1990, 1991, passim), descreverei e, em seguida e concomitantemente à descrição, refletirei sobre o conjunto de elementos conformados a partir do (ou no) *street skate*.

Da internet vem a informação de que a Confederação Brasileira de Skate (CBSK) estima que “o mercado do skate (fabricação de peças, vestuário, e calçados com revenda no atacado e varejo) fatura algo em torno de 200 milhões de reais [sic] por ano” e que “o Brasil tem a segunda maior indústria mundial (de skate), sendo um dos poucos países que produzem peças, calçados e vestuário para esta modalidade” (CBSK, 2005, grifo meu). Ainda da internet vem um primeiro apontamento sobre a difusão do estilo de vestir dos skatistas. A realização da Feira Internacional de moda de rua - *street wear e skate show* – que busca aproximar a moda de rua/*street wear* ao skate, em função deste criar “uma moda jovem e urbana” (waves, 2006), que movimenta milhões de reais por ano. A feira teve sua 8ª Edição em 2006 e esperava que o skate mobilizasse R\$ 230 milhões naquele ano. Além de simplesmente apresentar vestimentas, acessórios e calçados do skate, a feira também promove uma tendência, a de “aproximar” a moda de rua/*street wear* ao skate. Algumas vezes, o que usam os praticantes de skate torna-se uma moda apropriada por não praticantes. É o caso apresentado nessas duas notícias⁶:

As calças curtas masculinas, chamadas de capri, corsário, pantacourt, pescador ou cropped pants, emplacam o terceiro verão. Esse estilo inovador não saiu das passarelas, mas das necessidades dos skatistas, que precisavam de bermudões longos o bastante para proteger os joelhos e suficientemente curtos para não prejudicar a evolução do esporte. Das pistas de **Skate** para a moda, foi um salto espetacular (ZH, 05.10.2003, grifo meu).

Uma moda que começou nas pistas de Skate invadiu as ruas. O esquema é o seguinte: pegue uma camiseta de manga curta e vista sobre uma de manga comprida. No início, parece estranho usar duas camisetas, mas os guris dizem que não tem nada de mais. No final dos anos 90, a moda da sobreposição de camisetas era exclusivamente dos **skatistas**. O antigo uniforme da tribo ganhou adeptos e virou fashion: é a moda streetwear (ZH, 24.09.2004, grifo meu).

⁵ Ver quadro 1.

⁶ Procurei os arquivos do jornal Zero Hora e copiei para os arquivos dessa pesquisa cerca de duzentas notícias de 1999 a 2004, a partir da palavra skate.

Se, por vezes, as notícias e outras informações causarem a sensação de difusão, não esqueçamos que estamos seguindo o skate desde suas aparições mais externas, fortuitas. Já estava falando do estilo dos skatistas difundido pela moda, ou seja, do estilo dos skatistas onde nem há mais skatistas, pelo menos não somente eles. Isso se dá num caminho da propagação do skate ao conjunto mais amplo da sociedade. Pois também encontro indícios – ou mais um indício, logo que a anteriormente referida feira e as notícias subseqüentes também podem ser assim tomadas – de interesse na lógica inversa, da corporação Nike⁷ no skate (no mercado do skate) brasileiro. Foi na internet que busquei mais essa informação, a de que a Nike iria “promover em sete cidades do país a *session* Nike SB – um evento para skatistas de todas as idades que quiserem mostrar seu talento no skate” (sk8.com.br) e que tais eventos marcariam a entrada da empresa no mercado do skate.

Digitando a palavra “skate” no campo de busca do site GOOGLE e fazendo uma busca interna a “empresas”, encontrei 40.500 referências. A rede mundial de computadores é, realmente, vocacionada a produzir dados volumosos, que podem até surpreender, mas com pouco significado mais específico. Mesmo assim, apenas no site de busca GOOGLE, em páginas brasileiras, são 96.600 ocorrências para “Skate”, para “vôlei” são 62.000, para “voleibol” são 14.900 e para “volleyball”, 2880, sendo que muitos sites se repetem. É um número significativo, quando comparado a um esporte como o voleibol, olímpico e mais antigo que o skate. Em páginas mundiais, são 178.000 referências ao “Skate”, 116.000 ao “voleibol” e 28.000 ao volleyball, sendo que nos países de língua inglesa, o skate é conhecido como Skateboard. Não estamos falando das 1.470.000 referências ao futebol, mas também não estamos falando de um número de referências que possa ser ignorado.

Já num segundo bloco de referências encontradas, começa-se a reconhecer a atribuição de algum sentido mais particular, alguns textos acadêmicos – escassos – e os primeiros contatos com a mídia especializada. A própria existência de mídia especializada já é um indicativo de certa particularidade: existe demanda estabelecida que os move para a especialização, sendo assim, existem não-especialistas e, então, uma distinção. Até aqui o skate era apenas um entre outros muitos fatores: o objeto de uma – entre várias – pesquisa de um grande Instituto, um

⁷ Para saber mais, ver KLEIN (2002).

mercado – entre vários – que despertou o interesse de uma grande empresa transnacional.

Começa-se a perder a sensação de uma tempestade de informações. Para diminuir o vento da tal tempestade, perguntaríamos: “onde tudo começou”? Mesmo sem muitos registros na academia, tomei a história⁸ do skate pela que é aceita entre os nativos, corroborada pelos mais variados veículos de comunicação e, inclusive, pelo autor de uma série de estudos acerca do skate, Tony Honorato. Trata-se de que o skate teria sido inventado por surfistas na Califórnia – EUA – no início da segunda metade do século XX, a partir de adaptações de rodas de patins e tábuas de madeira, sendo praticado sobretudo em piscinas vazias, difundindo-se pelo mundo rapidamente.

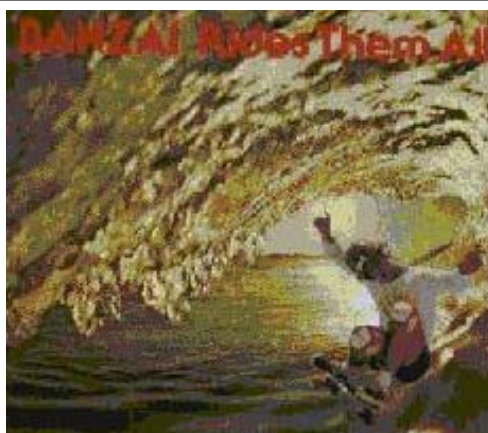


Imagem extraída da revista Skateboard World vol. 1 n 4, outubro de 1977. Ilustra a proximidade do surf com o skate. O que também fica muito evidente no filme - documentário Dog Town and Z-boys, que mostra imagens dos primeiros skatistas, que por sua vez eram também todos surfistas.

Figura 1

Não há consenso quanto à precisão e origem, porém, mesmo sendo díspares, os dados não chegam a desdizerem-se, algumas fontes (como a CBSK) apontam os anos de 1960 como o período de surgimento do skate, enquanto outras (como

⁸ Esta história, além de ser bem aceita no universo do skate, é verossímil e possui muitos indicativos de fatos e eventos que teriam se sucedido, apontando para sua construção na forma conhecida,

BITENCOURT e AMORIN, 2005) apontam a década de 1950. No Brasil, o skate tem seus primeiros registros na década de 1960 - no ano de 1965, para a CBSK. Essa aterrissagem pode ser considerada o início da história do skate no Brasil, esta que no seu decorrer fluiu/desenvolveu-se mais ou menos articulada com o skate pensado em escala mundial e com acontecimentos locais.

Mas existe um aspecto desta história do skate no Brasil que me parece merecer um cuidado especial no contexto deste trabalho, inclusive porque tem relação direta com o cenário que serve de espaço/tempo (objeto?) para a realização desta pesquisa. Embora atente e assumo os riscos de esquematizar a história (o passado), imbricando-a de maneira determinista sobre o presente (meu cenário de pesquisa, por exemplo). Este aspecto de que falei logo acima, não é um legado que pesa sobre os ombros daqueles que o têm como um componente de sua tradição - no sentido apontado por Mauss (1974) e seguido por diversos cientistas sociais -, que poderia ser tomado como uma cultura. É um dos componentes de sua cultura, de onde se aprende a ser, não o que determina este ser. É o que venho chamando de altas e baixas do skate⁹. A primeira alta aconteceu no final dos anos 1970. Honorato reproduz frase de Fábio Bolota, um dos autores do livro *A Onda Dura* (2000), que então era referido como skatista há 23 anos, na tentativa de dar idéia do que havia significado esse período: “todos que presenciaram o **apogeu** do skate no final dos anos 70, puderam ver a virada da década e o **declínio** de uma geração” (HONORATO, 2004, p.6, grifos meus). Tal escalada do skate pareceu à Fábio Bolota um apogeu. Tenha sido tão expressiva ou não, ela contrastou com um “declínio”. Talvez por esse período ser algo nebuloso, por contar com poucos registros, se possa questionar sua grandeza ou dimensão – ou vice-versa, talvez por não ter sido um momento tão significativo assim, se tenha poucos registros. Mas na esteira da fala de Fábio Bolota, vem a primeira “baixa” do skate, a primeira metade dos anos 1980 – e ainda menos registros. Sobre esta decadência, Honorato registrou que com “a retração do mercado, a revista especializada Overall saiu de cena, bem como

embora muito pouco sistematizada. Cfe. BOLOTA et ali, 2000; HONORATO, 2004; CBSK, 2005; LOPES, 2005; BITTENCOURT E AMORIN, 2005.

⁹ Uma instabilidade estrutural, variação no número de praticantes, de competições, recuos nos negócios, variações no número de mídias, etc.

algumas marcas, e outras como Mad Rats, URGH!, Lifestyle¹⁰ e Narina conteriam as investidas de capitais” (2004, p.10).

Segue-se um ascenso do skate, com o aumento do número de praticantes, fábricas de peças e produtos identificados (roupas, tênis, acessórios etc...). Surgem as primeiras revistas especializadas editadas no Brasil, mais especificamente em São Paulo (HONORATO, 2004). Agora, chamo a atenção para outro aspecto, esse fundamental, pinçado deste breve relato: uma movimentação por dentro do universo do skate, o surgimento e o crescimento acelerado do *street* skate frente aos outros estilos.

A termo de esclarecimento preparei um quadro explicativo do que são, na linguagem nativa, os estilos ou modalidades do skate, por mais que saiba dos limites de qualquer classificação no ambiente de um estudo preocupado com aspectos sociais e culturais¹¹.

¹⁰ Muito característicos os nomes das marcas, ligados, alguns, a termos nativos do skate e outros mesmo indicando a peculiaridade de uma concepção, como a marca “Lifestyle” ou em bom português, estilo de vida.

¹¹ Essa classificação tem origem nas observações que fiz, nas construções explicativas dos próprios skatistas acerca de seu universo, na leitura do texto do Atlas do Esporte no Brasil (BITENCOURT e AMORIM, 2005) e de sua versão do estado do Rio Grande do Sul (GRAEFF, 2005).

Quadro1¹²¹³¹⁴¹⁵

1

12 .
13 .
14 .
15 .
.

Durante o início da década de 1990, há indicativos de estagnação ou novo recuo. Em entrevista a mim concedida e indagado sobre o cenário do início de sua carreira, o skatista profissional Goró¹⁶, afirmou que “era um universo bem grande, pois era o ‘boom’ de 89, 90. Depois caiu muito e ficaram em Porto Alegre poucos adeptos ao esporte, acredito que no máximo 40 skatistas”.

Do que pude depreender deste percurso do skate ao final dos anos 1990, e nos primeiros anos do século XXI, o skate difundiu-se velozmente pela sociedade, tendo tornado-se, como visto anteriormente, um mercado interessante até para grandes corporações e um foco irradiador de moda. Desse volume, dessa importância que passa a ter o skate na sociedade – 44.795.101 domicílios com skate no Brasil (DATAFOLHA, 2002) -, fica a relevância de um estudo que se coloca na perspectiva de traduzir essa cultura, criada a partir de uma prática corporal tão difundida. Dos aspectos referentes às formas intrínsecas, às peculiaridades deste crescimento acelerado e avolumado, uma característica tem relação direta com este trabalho: o lugar que toma o *street* skate no conjunto das diferentes formas (modalidades, para os nativos) de se andar de skate possíveis no seu universo. O *street* skate passa a ser “responsável por 90 % dos praticantes de skate em todo o mundo” (FEDERAÇÃO GAÚCHA de SKATE (FGSKT), 2006). Essa especulação encontra eco no jornal ZH (2005) e na CBSK. Para a mesma FGSKT, a história do *street* skate se deu com o “fechamento de diversas pistas nos EUA e a urbanização propícia...” então, “os skatistas começaram a andar nas ruas usando calçadas, escadas, muros ou qualquer lugar onde se pudesse andar, com a assimilação das modalidades *free style* (pouco praticada) e vertical, desenvolveu-se a modalidade *street*, como o próprio nome diz, prática de Skate nas ruas” (FGSKT, 2006, grifo meu).

Posteriormente, o *street* skate passou a ser praticado também em locais específicos, como praças ou parques, lugares que os skatistas chamam de “pista”. Esses lugares trazem obstáculos, rampas, escadas, corrimões etc., imitando o mobiliário urbano comum.

Honorato notou a “invasão definitiva das ruas pela modalidade *street*” (2004, p.9), esse movimento por dentro do skate e também anotou a criação e o ressurgimento

¹⁶ Goró é skatista profissional há alguns anos, campeão brasileiro (2004), pratica skate desde muito jovem em Porto Alegre, tendo seu primeiro patrocínio com apenas oito anos de idade. Passou por

de uma série de “marcas como Cush, *Sessions*, *Visions*, *Sims*, *Drop Dead*, *Alva*, *Urgh!*, *Narina*, *Crail*, *Moska*, *Rudeboy*, *Kranio*, *Varial*, *Tailon*, *Overdose*, *Lifestyle*, entre outras...” (HONORATO, 2004, p.11) acompanhando esse movimento.

Nos anos de 1996 e 1997, os primeiros brasileiros conseguem resultados internacionais, entre eles estão Piolho, Digo, Ferrugem e Bob¹⁷, nomes conhecidos até hoje, skatistas ainda em atividade. Logo após, a partir de 1998/1999, encontra-se um período que contextualiza-se como o cenário maior (nacional) em que esta pesquisa desenvolve-se objetivamente. O skate no Brasil conta com etapas do campeonato mundial em calendário fixo (Revista Tribo Skate, 2000), mantém-se (em alguns anos com mais força, em outros com menos) um circuito nacional de competições profissionais e vários regionais amadores. Dá-se a manutenção e a até expansão de marcas próprias do universo do skate, a difusão do estilo do skate por outros grupos, criou-se um programa de televisão específica e unicamente sobre skate e patrocinado por uma marca do skate¹⁸ e a construção de espaços específicos para a prática de skate em escala crescente¹⁹.

No caso de Porto Alegre e, em certos casos, de outras cidades próximas, o cenário apresenta características semelhantes, organização paulatina, aumento do número de competições, de competidores, de premiação, a criação da pista do IAPI. Nos anos de 2004 e 2005, os dois primeiros de atuação da FGSKT (fundada em 2003), foi mantida uma série de competições amadoras que atraíram inclusive competidores de Santa Catarina e Paraná. Esses circuitos premiaram seus vencedores com passagens aéreas – uma para uma competição em qualquer lugar do mundo e outra para qualquer competição da América latina. Em janeiro de 2006, pela primeira vez aterrissa no RS o campeonato mundial profissional. Com a criação da pista do IAPI, os encontros passaram a ser mais freqüentes em um só lugar – skatistas como Goró, Dadinho, Fera, Rato, entre outros, mudaram suas residências para os arredores da pista – e amadores e profissionais passaram a conviver mais intensamente.

vários momentos junto com o desenvolvimento do skate brasileiro e mundial em geral e porto-alegrense em específico.

¹⁷ revistas Tribo de 1996 e 1997.

¹⁸ O programa é apresentado regularmente no canal de TV ESPN e patrocinado pela marca QIX Skateboards, segundo e-mail trocado com a produtora, Helga Simões.

¹⁹ Segundo o guia de pistas da revista Cem Por Cento Skate de 2003, existem 721 pistas em mais de 291 municípios distribuídos em 25 estados (apenas não sendo encontradas pistas no Tocantins e no Piauí). Sobre pistas no Rio Grande do Sul (RS), ver Graeff, 2005.

O ambiente passou a ser muito propício para o encontro desses jovens, podendo, a partir de então, um iniciante observar ao mesmo tempo muitos praticantes de longa data, inclusive patrocinados que vivem apenas do skate, ouvir suas conversas, atentar para seus movimentos, vestes etc., e com o controle facilitado²⁰, segurança – não corre-se o perigo de atropelamento no interior da pista, por exemplo -, infraestrutura – à época²¹, a prefeitura mantinha bebedouros e banheiros em pleno funcionamento -, foram constituindo-se vidas identificadas com o skate.

O quão importante pode ser considerado o skate na construção da vida de alguém? Talvez isso pudesse ser sintetizado nas palavras de Goró, em diálogo comigo - essa fala apenas ilustra uma possibilidade de entendimento, a qual será questionada mais adiante a partir de uma dada perspectiva teórica.

Falávamos sobre uma competição internacional e indaguei-lhe sobre a entidade responsável, ao que me respondeu, “é uma organização americana cujo presidente é Tom Postik”. Despretensiosamente devolvi, “ex-skatista²²?”. Em princípio, Goró acena positivamente, para depois corrigir-se, “ex-skatista...aliás, skatista”. Já com um pouco de surpresa, perguntei, “skatista ainda?”, surpreendente foi a fala seguinte de Goró, “não existe ex-skatista, né? O cara que foi skatista vai ser skatista a vida inteira”. O assunto mudara repentinamente, passávamos a falar daquilo que já começava a perceber no campo, um estilo de vida. Por certo que Goró também percebera em sua experiência que andar de skate terminava por influenciar outras instâncias das vidas das pessoas. Sufocando-me para não iniciar uma discussão sobre o assunto, passo-lhe a palavra: “então, o que é ser skatista?”. Sem titubear, Goró responde, “além de ser um esporte, é um estilo de vida, né? Influi desde o modo de vestir ao de pensar. Eu acho que o skate me ensinou tudo, desde a maneira de eu conversar, a agir, a pensar. O skate é minha vida”.

1.2 SÃO SKATISTAS! SÃO SKATISTAS?

Neste contexto, não foi difícil reconhecer um “estilo de vida”. Conforme Bourdieu, estilos de vida seriam “desvios diferenciais que são a retradução simbólica de

²⁰ uma criança, por exemplo, podia sair de casa e dar sua localização precisa.

²¹ Nos anos 2004 e 2005, os banheiros ficaram fechados e o bebedouro deixou de funcionar, D. Gioconda, proprietária de uma Van que vende cachorro-quentes, refrigerantes, balas, etc, além de ter ótima relação com os freqüentadores da pista, minha informante, contou-me que alguns casos de vandalismo e a troca da administração municipal causaram o abandono.

²² talvez preocupado em saber se seria mais um caso de skatista que assume outro papel no universo do skate.

diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (1983, p.82). O autor organiza o conceito a partir de um mesmo “operador prático”, o *habitus*, que seria um sistema de disposições incorporadas, duráveis e transponíveis. Daí a idéia de ser possível identificar estilos de vida, porque se pode identificar diferentes *habitus* e disposições. Também se mostra importante a construção teórica do gosto, “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras...” (1983, p. 83), que estaria no princípio do estilo de vida, ou seja, como um princípio diferenciador dos estilos de vida. Para o autor, estilo de vida seria “um conjunto unitário de preferências distintivas...” (1983, p.83).

Ora, são skatistas! Embora essa primeira constatação contenha o problema da generalização (são todos que andam de skate, skatistas? Basta ter um skate para ser skatista?), de fora e/ou de longe²³, talvez esse fosse um conceito provável de se construir. Porém, incorrer em generalização tamanha seria ignorar dois fatores: 1) uma escolha desta natureza não é “utilitária, calculada e individualista” (DAMO, 2005, p. 27) – é, antes disso, estética e perpassada por um gosto construído historicamente e, no caso específico, levada a partir de um elo cultural (mais ou menos local/global) que diferencia e identifica; 2) que a construção de maneiras de viver são articuladas com processos de incorporação de determinadas disposições e capitais, no caso em voga esportivos, culturais, que “tem por propriedade específica a de existir sob o estado incorporado” (BOURDIEU, 1991, p.117) e com esquemas de ação que só são assimilados após uma inserção em determinado universo cultural.

Stigger também oferece uma possibilidade de compreensão do fenômeno esportivo a partir de Lovisolo (apud STIGGER, 2002), para quem “tanto a linguagem das normas como a de utilidade permitem apenas um universo limitado das práticas esportivas” (p. 37). Após esses questionamentos, me pergunto: ora, são skatistas? Ou seja, pode-se falar em um estilo de vida nesse caso específico?

²³ José Guilherme Cantor Magnani, em sua obra de perto e de dentro – notas para uma etnografia urbana, explora as possibilidades da etnografia e suas características na compreensão do fenômeno urbano, “mais especificamente para a pesquisa cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas” (2005, p.1) – opõe a esta perspectiva (de perto e de dentro) outros enfoques que classifica como “de fora e de longe” (Idem, *Ibidem*, p.1).

1.3 OBJETIVO

Não está entre os objetivos deste trabalho simplesmente verificar quem é ou quem não é skatista, ou quem é mais ou menos skatista. Mas discutir uma maneira de viver particular. Assim, parto do princípio de que um princípio distintivo está colocado: a notável diferença entre boxe e briga de rua (WACQUANT, 2002) ou o contraste entre o jogador de futebol profissional (ou em vias de profissionalização) e o “mero praticante de peladas” (DAMO, 2005, p.48). A diferença entre andar de skate (por lazer, por hobby, diversão, moda etc.) e **viver de skate**. O caminho, então, dirige-se para essa preocupação, a de compreender uma maneira particular²⁴ de estar no mundo, a daqueles que vivem do skate, a partir de suas trajetórias particulares. Conforma-se o objetivo desta dissertação.

Não obstante, essa discussão se permeará de reflexões oportunas (assim o penso) acerca das relações constitutivas deste estilo de vida. Portanto, procurarei descrever, entender e explicar uma lógica traduzível nas ações individuais e coletivas, um conjunto de disposições comungado. A efeito de poder considerá-las duráveis, problematizarei, inspirado pelo debate suscitado por Lahire²⁵ (2002), justamente os casos peculiares que compõem o específico conjunto de práticas (ações, interações, falas etc.) selecionado para este trabalho. Duas são as armadilhas das quais minhas formulações tentam escapar. A primeira, também evitada por Lahire (2002) no trato cuidadoso com outros autores, é o debate infrutífero, feroz e fisiologicamente engajado. A adesão irrefletida e acrítica a uma “grande escola” ou a franquias de um “grande pensador”. Embutida nela penso estar também a resistência cega a uma ou a outro, do que igualmente quero escapar. A segunda, decorrente da primeira, seria buscar “provar” forçosamente um peso mais determinante do passado (incorporado) ou do presente (contextual) nas situações

²⁴ Em minhas observações, não foi difícil notar semelhanças nas ações comuns a diversos praticantes de skate com quem convivi – inclusive meu irmão menor e uma porção de pessoas com quem costumava andar de skate, quando da oportunidade em que fui praticante, e que reencontrei por ocasião da pesquisa –, assim, o que me levou a tratar de um estilo de vida particular foi justamente a consideração da constante “vivem do skate” ou mesmo “buscam viver”. Mais profundamente, poder-se-ia dizer “vivem no e do” skate.

²⁵ LAHIRE publicou em 2002, *Homem Plural – os determinantes da ação*, abrindo um debate acerca das teorias da ação – o que ele apresenta como um debate onde “pode-se distinguir duas grandes tendências... de um lado, estão os modelos que conferem um peso determinante e decisivo ao passado do ator, e de modo particular a todas as primeiras experiências (no mais das vezes consideradas homogêneas) vividas na primeira infância... e de outro lado, os modelos que descrevem

encontradas no estudo. Que os dados e os procedimentos me digam o que dizer do caso particular da realidade que investigo.

1.4 ENTRE O OBJETIVO E AS QUESTÕES

Não sou eu, nem tampouco meus contemporâneos, que inicio o debate sobre a constituição de algo no interior de determinada cultura compartilhada que, em alguma medida, possa conferir coerência a ações/interações dos membros daquela cultura: "... atividades semelhantes criam disposições correspondentes", já disse Aristóteles (apud LAHIRE, 2002, p.14). Porém não datam da época de Aristóteles estudos que coloquem práticas corporais - pensadas como elemento cultural - como traço distintivo de um estilo de vida.

Os trabalhos de Stigger (2000, 2002) constroem condições que nos possibilitam ficar à vontade para falar disto. O autor organiza três grupos de autores, dispostos posteriormente em duas tendências, que, após suas críticas, podem ser sintetizados nos que tem uma visão institucional e homogênea do fenômeno esportivo e nos que vêem o esporte como um processo histórico de longa duração, multifacetado e heterogeneamente apreendido por diferentes pessoas e grupos. Seguindo na busca da heterogeneidade do esporte, Stigger, acompanhando uma série de autores²⁶ (2002, p. 37), identifica o esporte como uma prática com características distintivas expressas nas "diferentes formas de apropriação cultural do cotidiano dos atores sociais" e como "um elemento constitutivo dos estilos de vida" (STIGGER, 2002, p.38).

A escolha de Stigger como ponto de partida deve-se ao fato de que foi o autor - no contexto brasileiro - que talvez mais tenha se preocupado em fazer a discussão específica da construção do conhecimento a partir do esporte utilizando a perspectiva etnográfica. Entretanto, tanto nos trabalhos de Stigger, quanto em Wacquant (1998, 2002), Uvinha (1996, 2001), Honorato (2004), Gastaldo (2001), Damo (1994, 2005), Costa (2000) e Costa e Costa (2003, 2004, 2005), pude encontrar diversas referências a autores como Bourdieu, Elias, Dunning, Caillois, com maior ou menor ênfase a um(ns) ou a outro(s). E também – maiores ou menores,

e analisam momentos de uma ação ou de uma interação ou uma dada situação de um sistema de ação sem se preocupar com o passado dos atores..." (p. 46).

mais ou menos qualificadas – referências à idéia do *habitus*, construções teóricas acerca de disposições, estilos de vida, capitais esportivos, incorporação de esquemas de ação - ou seja, teorias da ação construídas a partir de práticas esportivas. Mesmo identificado esta tendência, não pretendo fazer do meu trabalho um tratado sobre o *habitus* ou qualquer construção teórica apropriada pelo campo de estudos qualitativos do esporte ou a arena de confronto das teorias da ação, simplesmente. Pretendo, outrossim, visitar os trabalhos dos autores em busca de suas construções explicativas, não deixando de dar atenção especial aos aspectos mais ligados aos estilos de vida – *illusio*, *habitus*, disposições, gostos, capitais,- e à maneira como eles aparecem nesses textos. busco fazê-lo afim de possibilitar o entendimento de como se construíram determinadas narrativas explicativas e para poder construir as minhas.

A título de ilustração, apresento alguns trechos de trabalhos citados, para dar idéia de como se constróem tais narrativas.

No caso de Stigger, uma das estratégias buscadas para entender a articulação de um dos grupos estudados foi a entrevista semi-estruturada. Seu resultado não poderia ser considerado insatisfatório:

Tentando explicar o que os mantém unidos há tanto tempo, afirmam que o gosto pelo esporte em geral e pelo voleibol em particular é o que os aproxima, assim como a amizade e o convívio que obtém nesta atividade: 'comecei ao futebol, vim para aqui, pessoas conhecidas e eu, como gosto de praticar desporto, continuei. E também o ambiente, também gosto, gosto de conviver. Até era uma modalidade que eu não gostava, o voleibol, mas agora já gosto' (Santos) (STIGGER, 2002, p.53, grifo do autor).

Outra estratégia adotada é a observação participante e a descrição dos contextos em que o pesquisador se envolve. Wacquant nos mostra como uma narrativa pode reproduzir - construir ou reconstruir- uma situação e nos ajudar a compreender as tensões envolvidas, e embora longa, cabe reproduzi-la aqui:

Está na hora do aquecimento. Curtis sai para o corredor e começa a pular sem sair do lugar e depois a descontraír, lutando em shadow. Eddie põe os pads e estende-lhes como alvo. Jabe, jabe, direita, gancho, uppercut. Os golpes nervosos estalam sob o olhar

²⁶ Elias e Dunning; Pociello; Bourdieu; Bento; Archer; Padiglione; Lovisoló, entre outros.

interrogativo dos clientes do bar vizinho. O suor brilha nas têmporas do boxeador do woodlawn, escorre pelo seu torso nu. Vêm nos avisar que dentro de cinco minutos é a nossa vez. Bato no punho fechado de Curtis e ele responde a essa saudação ritual pré-combate. Tensão. Apreensão. Excitação. DeeDee convida-nos a sair, deixar Curtis orar com calma no vestiário, com os irmãos. Nós nos impacientamos na porta. O velho técnico murmura para Jeb Garney: 'vai dar uma olhada se acabou!' Acabou, a oração foi feita, a hora do 'main event' soou. 'Eight rounds of boxing!' Atravessamos o bar em fila indiana, Curtis saltando sobre os pés, a cabeça baixa sob o capuz, de roupão branco, com Jeb Garney a reboque, vestido com a túnica azul, DeeDee e eu atrás, e Strickland, que fecha a fileira. Nós desembocamos no estacionamento sob os aplausos da platéia. 'let's get busy!', a música fetiche de Curtis, faz os alto-falantes vibrarem.

O boxeador do woodlawn sobe de quatro em quatro a escada e emerge entre as cordas. Delírio dos fãs, sobretudo dos irmãos e amigos, apertados no córner oposto, que fazem uma zona incrível. Ele dá um volta no ringue, pulando e batendo uma perna na outra, o rosto enrijecido de concentração, durante todo o tempo que demora o anúncio do combate. Hannah está se aquecendo, boxeando em shadow no outro canto, sem olhar para Curtis. Depois, os dois combatentes encaram-se no centro do ringue, para as últimas advertências do árbitro. Curtis volta ao seu córner, DeeDee destila suas instruções, Strickland massageia-lhe o pescoço e coloca-lhe o protetor bucal. 'Dingue!' A luta começa (WACQUANT, 2002, p. 243).

Por fim, vejamos como Damo constrói, a partir do diálogo com outros autores, o objeto de sua pesquisa. Trata-se de um excerto de seu texto, onde Damo parte de um princípio, apoiado nas idéias de Bourdieu, para singularizar seu objeto e qualificar sua abordagem.

Partindo do princípio de que um sistema de disposições para a prática, qualquer que seja, mobiliza o sujeito enquanto totalidade, a investigação acerca de como se dá a incorporação das disposições necessárias à prática do futebol profissional haverá de detalhar, a partir de casos concretos, o processo de constituição de uma modalidade particular de capital corporal (DAMO, 2005, p. 47).

Essa discussão precisa, agora, ser interrompida. Em meio a ela, devo apresentar os dados de minha pesquisa, para então poder retomá-la, dessa vez com argumentos ancorados na reflexão a partir dos dados e no diálogo com os autores.

1.5 QUESTÕES DE PESQUISA

Retomando o objetivo desta pesquisa: compreender um estilo de vida particular, o daqueles que vivem – ou tem como horizonte viver - do skate, a partir de suas trajetórias particulares.

Para que as questões em seqüência sejam efetivamente úteis, visto, com elas, cercar os fenômenos mais relevantes de tais trajetórias, afim de poder utilizá-los em minhas formulações.

Logo que não poderia imaginar as pessoas como se fossem criações espontâneas e imediatas, desprovidas de histórias individuais e coletivas - melhor dito, desprovidas de “programas culturais... para ordenar seu comportamento” (GEERTZ, 1989, p.56), considerei que os percursos históricos dos sujeitos deveriam ter sua importância considerada nos momentos em que os contatasse.

O que estive a perguntar, em procedimentos descritos à miúdo num capítulo à parte, foi:

- quem são estas pessoas que, no decorrer de suas vidas, tornaram a prática do skate constante e passaram a viver de skate – ou a buscar isso?
- Como são (e como foram, como eram) suas vidas, suas rotinas, seus afazeres, suas atividades, suas relações sociais?
- Como se deu/dá a incorporação dos conhecimentos práticos tão específicos e necessários ao universo do skate e como isso pode ser utilizado para a obtenção de outros recursos – como o financeiro, por exemplo?
- Como estas pessoas vieram a integrar-se no universo do skate e como o conjunto de práticas que constitui este universo se relacionou/relaciona com outras esferas de suas vidas?
- Quais as características da prática corporal que essas pessoas praticam e como se deu/dá a relação com outras manifestações do tipo esporte – sobretudo o esporte espetáculo, amplamente difundido no século XX e referência para o “desenvolvimento” de práticas esportivas que buscam a universalização/espetacularização?

2 MÃOS NA MASSA E PÉS NA TÁBUA

Uma parte do que poderia chamar de *óculos*, pensado como um instrumento que *ajuda a enxergar*, que auxiliou a maneira de ver e entender o universo estudado é advinda das concepções gerais e específicas (incorporadas e referências) do social, das relações entre as pessoas e das suas construções conseqüentes. Este capítulo trata de apresentar particularmente outra parte dos *óculos*, aquela que auxiliou a realização desta dissertação, os instrumentos, métodos e técnicas de pesquisa. Desta forma, estou *tirando os óculos*, para que possamos vê-los, logo que os “...óculos: se os mantivermos sobre o nariz, é paradoxalmente impossível enxergá-los e compreender seu funcionamento e sua contribuição específica. Por isso, é preciso tirá-los e examiná-los como tais” (Desrosières, 2005, p. 215).

2.1 DAS IDÉIAS ÀS COLETAS

Para que satisfatoriamente pudesse essa pesquisa lograr êxito, era necessário que partisse, em termos de instrumentos metodológicos e de concepção de investigação, do parâmetro da tradição do que seja a investigação científica para as ciências sociais, sobretudo a partir de seu afastamento das ciências naturais. Pois exigiu seu objeto, o skate, que não tratasse apenas de quantificações e de tratamentos estatísticos. Se tratou de conhecer, entender e traduzir tal cultura. Sendo que a primeira ferramenta intelectual a se utilizar, anterior mesmo a seleção de técnicas, foi o entendimento de que o fim (não o objetivo) dessa jornada investigativa foi “o alargamento do universo do discurso humano” (GEERTZ, 1989, p. 24).

Então, ponto chave, pressuposto metodológico deste trabalho, é que está se localizando no campo do que se convencionou chamar investigação qualitativa. Para esclarecer,

a expressão 'investigação qualitativa' não foi utilizada nas ciências sociais até o final dos anos 60. Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim formuladas com o objetivo de investigar fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas à medida que recolhem dados, a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos nos seus contextos ecológicos naturais (BOGDAN, 1994, p.16).

Também é importante ressaltar que

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significares, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (BOGDAN, 1994, p.22).

Em função de problemas que se me apresentaram durante o período da coleta, da convivência com os skatistas, do levantamento de temas, da descoberta de interfaces de interesse, da seleção de assuntos nos quais investir e, inclusive, nos momentos mesmo de produzir dados, fabricá-los, o conteúdo, o esqueleto e a vocação dessa dissertação foram se afastando da perspectiva de uma descrição densa, no sentido de Geertz (1989). Fui descobrindo e me interessando por temas que não condiziam com uma descrição mais detalhada (antropológica?) e passei a operar de maneira mais abrangente (sociológica?). Fiz um número grande de entrevistas e não fui disciplinado quanto aos diários de campo. Esforcei-me para me apropriar de um corpo teórico que ajudasse a pensar os dados da realidade, a concatená-los, a mostrar seu funcionamento. Fiz enquetes, pesquisas na internet, buscas em sede de jornal, na sede da Federação Gaúcha de Skate, onde coletei uma série de documentos. Mesmo minhas observações, muitas vezes, prejudicavam

a feitura de diários de campo. Passava tempo demais nas incursões em campo e então tinha dificuldades em relatar tudo ao diário. Tanto ganhei na profundidade com que pude abordar certos temas (me tornei próximo a vários dos entrevistados, acompanhei atividades desde sua combinação até as despedidas, pude observar e ter conversas *desinteressadas* sobre vários temas etc...), quanto perdi no grau de detalhamento das descrições em diários de campo.

Entretanto, o fato de ter essa pesquisa se desenvolvido mais pelas entrevistas e menos pelos diários de campo, mais também pela observação de temas correlacionados com outras esferas da sociedade que não o próprio skate e menos somente por temas encerrados no nicho pesquisado, mais pelo diálogo com a teoria e menos pela descrição extensa (embora essa não tenha faltado), ela não se afastou do universo das pesquisas qualitativas, sendo que

...a investigação qualitativa possui cinco características.

1. na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;

2. a investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens. Os resultados escritos da investigação contém citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos;

3. os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;

4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos vão se agrupando. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes;

5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo diferentes pessoas dão sentido às suas vidas (BOGDAN, 1994, pp. 47, 48, 49, 50).

Então, “os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (BOGDAN, 1994, p. 51). Daí que estratégia adotada nesse trabalho foi

“... privilegiar a interpretação” da prática²⁷ “a partir do contexto onde ele acontece” (STIGGER, 2002, p. 50) e, também, problematizar os temas imanentes. Porque esse trabalho teve como intenção compreender a prática corporal estudada a partir de suas “expressões particulares”, identificando-a “como elemento da cultura que é apropriado por diversas pessoas, as quais, no seu dia-a-dia,” a “inserir no seu modo de vida” (STIGGER, 2002, p. 59).

Durante o período de aproximação com o campo, que se assemelhou ao que a literatura chama de fase exploratória da pesquisa (MINAYO, 1994), é que se foi desenhando, entre outras coisas, o objeto da pesquisa e alguns problemas. Assim, ao desenrolar da pesquisa, se constituiu um processo de acompanhamento de sujeitos skatistas. Primeiro, fiz contato com skatistas em geral, observando-os principalmente junto à pista do IAPI e depois, focando a observação nos skatistas patrocinados (aqueles que vivem ou estão em vias de viver de skate). Boa parte de minhas observações se deram na pista, porém, no decorrer do período compreendido entre 2004 e 2006, me vi obrigado a “seguir-los” em outros espaços e atividades, o que significou uma variada sorte de relatos desses momentos.

A partir do momento das observações, da definição do foco da pesquisa, da problematização, pode-se dizer que iniciou-se um processo de realização da pesquisa. Foi implicada aí uma dinâmica de relação entre os pressupostos metodológicos, as peculiaridades do objeto, dos sujeitos e do pesquisador. Não se trata de abrir mão dos pressupostos, mas de reconhecer as particularidades e as exigências metodológicas do objeto estudado, do problema e dos sujeitos envolvidos (pesquisados e pesquisador). Por suposto que foi um processo contraditório, em que nem tudo era tão tranquilo como aparenta neste relato. Em seguida, descreverei os procedimentos metodológicos e a forma peculiar que tomou este tema na construção dessa dissertação.

2.2 MÃOS NA MASSA

Conforme o que vinha sendo dito anteriormente nesse capítulo, em termos gerais, a localização desse trabalho no universo da ciência pretendo ter esclarecido.

²⁷ Na pesquisa que realizei, o mais adequado seria dizer “interpretação” da cultura corporal de um contexto social, denotando um quadro de variedade de significações da prática.

Tratarei a partir daqui do modo de apropriação das práticas científicas e dos procedimentos metodológicos. Digo apropriação porque após o período de coleta, em que se tem como referência os manuais e os clássicos da discussão metodológica, é o termo que melhor considera um processo de ressignificação de termos que designam instrumentos até então relativamente abstratos para mim, como “observações” e “entrevistas”. Explicarei a forma específica que tiveram em meu trabalho três procedimentos metodológicos: a observação, a entrevista e a coleta de documentos.

A observação da qual lancei mão “consiste – em linhas gerais – na vivência do investigador no contexto que pretende investigar, por um longo período” (STIGGER, 2002, p. 8, grifo do autor). O contexto desta pesquisa, iniciou-se na pista do IAPI, lócus inicial do estudo, o que não correspondeu a impossibilidade de acompanhar os skatistas em incursões a outros espaços, tendo em vista que seguia com eles a rede de relações sociais que interessava conhecer. Por vezes estive no que chamamos de casa dos skatistas, uma casa onde moravam diversos skatistas profissionais, próxima à pista. Assim como estive em competições em diversos municípios da região metropolitana de Porto Alegre, como Novo Hamburgo e São Leopoldo, em reuniões como na Assembléia Legislativa, no Fórum Social Mundial e do Orçamento Participativo de Porto Alegre (acompanhando os skatistas), em lojas de skate etc.

Para mim, ex-skatista, amigo de muitos skatistas profissionais e amadores, conhecido de um número maior ainda e, até certo ponto, sujeito da história recente do Skate em Porto Alegre, cresceu a necessidade de atenção para o que instrui e alerta a literatura sobre investigações que envolvem trabalho de campo. Sobre a participação dos investigadores em atividades de campo, os autores dão alguns conselhos, entre eles o cuidado para que os primeiros não fiquem “tão envolvidos e ativos com os sujeitos que perdem [percam] as suas intenções iniciais” (BOGDAN, 1994, p.125, grifo meu), assim como também orientam para que o investigador “seja discreto” (BOGDAN, 1994, p.128), não se envolva em conflitos apesar de dever estar atento a revelações e em transformá-las em experiências produtivas (BOGDAN, p. 130), a não reprimir os sentimentos e, ao contrário, usá-los para auxiliar a investigação (BOGDAN, 1994, p. 131), além de limitar as observações a questões como o tempo disponível para anotações, salvo situações extraordinárias (BOGDAN, 1994, p. 133). Ainda porque

em investigação qualitativa, uma das estratégias utilizadas baseia-se no pressuposto de que muito pouco se sabe a cerca das pessoas e ambientes que irão construir o objeto de estudo. Os investigadores esforçam-se, intelectualmente, por eliminar os seus preconceitos (BOGDAN, 1994, p. 83).

Ou seja, para mim, foi necessário redobrar as precauções, porque

este risco (o de não estranhar o familiar) é maior para o pesquisador cujo objeto de estudo faz parte de sua própria sociedade. Condições à primeira vista favoráveis – manejo da língua, facilidade de acesso, informações prévias – porém transformar-se em obstáculos, pois muitas vezes a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de idéias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas (MAGNANI, 1984, p.10, grifo meu).

Por outro lado, minha história anterior pôde servir para evitar constrangimentos e dificuldades na entrada no campo. Mesmo que tenha tomado os cuidados necessários, o caminho foi facilitado para que assumisse o papel que buscava, o lugar de quem realiza uma observação,

o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação (OLIVEIRA, s.d., p. 24).

Inclusive porque era mister que tivesse acesso àquela rede de relações sociais da qual falava antes e não há modo menos traumático do que fazê-lo sem ter que dar explicações sobre todo tipo de questionamentos que podem surgir num momento como este e porque a observação

consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo (GIL, 1999, p. 113).

Tratando-se da necessidade de, além de conhecer, explicar, problematizar e traduzir a cultura à qual estive em contato durante a pesquisa, o mais indicado era que não confiasse apenas em minha memória. Então, colocou-se a necessidade de me apropriar e utilizar do que a literatura aponta como o diário de campo.

Se era objetivo “inscrever” o discurso social, era antes anotá-lo. Ao fazê-lo, transformamo-lo de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente (GEERTZ, 1989, p. 29). De certa forma, o diário de campo é uma primeira inscrição, é um relato que evita que um acontecimento passado deixe de existir após sua ocorrência, para ser - ainda que limitado ao próprio pesquisador apenas - algo que pode ser retomado e consultado. Após considerações e/ou averiguações, foi do diário de campo que puderam surgir alguns dos elementos que ajudaram a descrever o “discurso social” (GEERTZ, 1989, p. 29), traduzindo-o. Como diário de campo propriamente dito, recolhi uma série de anotações feitas na seqüência de minhas observações. Esse trabalho se revelou para mim extremamente penoso. Além de fazer as próprias anotações, era preciso evitar interpretações e generalizações apressadas. Era preciso aproveitar para não deixar passar oportunidades de fazer reflexões, sem misturá-las aos relatos. Era preciso não esquecer detalhes importantes. Nas primeiras oportunidades me precavi com um gravador miniatura, o mesmo que utilizei para as entrevistas, ao qual me reportava ao deixar o campo, afim de utilizar a memória fresca. Por diversas vezes, minha permanência no campo extrapolava as poucas horas a que me dispunha e os diários ficavam pesados por demais de escrever. Passei dias inteiros em competições, por exemplo, e fiz algumas *sessions* com os skatistas, o que requeria ir com eles, ficar lá com eles e voltar com eles, podendo levar uma tarde inteira até que todos se reunissem e boa parte da noite até que uma manobra fosse filmada ou fotografada. Mas não posso deixar de dizer que não fui o mais dedicado escritor de diários de campo, deixando anotadas apenas questões pontuais de algumas de minhas observações. Ao final da pesquisa de campo, paralelamente às entrevistas, quando meus diários estavam parecendo cada vez mais completos e bem escritos, chegava o momento do abandono ao campo e uma desconfortável sensação de que poderia ter feito mais me acompanhou por algum tempo.

Ainda durante as observações, cheguei a um ponto em que não surtia mais efeito estar na pista sem maiores contatos, sem ser procurado, sem estabelecer laços um pouco mais duradouros. Era o mesmo momento em que começava a tomar consciência de algumas práticas muito próprias dos skatistas, como o comércio de peças de skate e do vestuário usadas e recebidas em patrocínios. Vários skatistas traziam esses itens e os colocavam à venda em verdadeiras banquinhas na pista.

Também me perguntava sobre o número de skatistas patrocinados que freqüentavam a pista, sobre o tempo que cada um estava envolvido com o skate, sobre suas escolaridades e a natureza pública ou privada dessas escolas.

Para contribuir duplamente com a pesquisa, entendi ser proveitoso realizar o que chamei de enquetes e por duas vezes fiz perguntas para pessoas que andavam de skate na pista de maneira indiscriminada. Responderam ao todo mais de oitenta pessoas. Além de obter dados que auxiliaram a pensar o universo com o qual me familiarizava, pude me apresentar e ser conhecido por diversos skatistas que, após isso, passaram a me cumprimentar e a conversar comigo nas minhas observações posteriores. Indicativos de que quanto mais tempo tem um skatista de skate, maior a probabilidade de que tivesse acesso à material por preço barateado (com skatistas patrocinados); de que o skate é praticado preferencialmente por homens (47 homens e 5 mulheres num dia e 26 homens e 5 mulheres no outro); de que é uma prática de jovens (média de idade entre 17 e 21 anos); de que o número de patrocinados é pequeno (menos de 10% dos presentes à pista naquelas oportunidades) etc. foram o saldo de dados da experiência.

O segundo procedimento do qual falamos é a entrevista. No caso deste estudo, trata-se da modalidade semi-estruturada de entrevista. Essa técnica de investigação, longe de ser uma escolha feita ao acaso, foi tomada por ser um instrumento privilegiado, e

o que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO, 1996, pp. 109 – 110, grifo da autora).

Dentre outras possibilidades, a modalidade de entrevista elegida foi a semi-estruturada, também porque

suas qualidades consistem em enumerar de forma mais abrangente possível as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos, obviamente, da definição do objeto de investigar (MINAYO, 1996, p. 121).

A entrevista semi-estruturada diferencia-se das outras entrevistas por não ser hermética, fechada, o que tornaria o aparecimento de elementos inesperados quase impossível; e por não ser tão aberta que viesse a deixar de escapar a possibilidade de ver o conteúdo da mesma tornar-se estéril para os objetivos do pesquisador. Para tanto, monta-se um roteiro de entrevista, onde se aponta o percurso que o diálogo deve tomar, sendo que

visando apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa, o roteiro contém poucas questões. Instrumento para orientar uma 'conversa com finalidade' que é a entrevista, ele deve ser o facilitador de abertura, de ampliações e do aprofundamento da comunicação (MINAYO, 1996, p.99, grifo da autora).

Outro aspecto que contribuiu para a escolha é que “nas entrevistas semi-estruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão” (BOGDAN, 1994, p. 135).

Além disso, a entrevista a entrevista semi-estruturada está colocada para o tipo de estudo realizado aqui de forma muito indicada, logo que permite ao entrevistado falar do universo ao qual está habituado e que conhece não a partir de categorias escolhidas *a priori*, que nos possibilita uma perspectiva de desvelar o universo preñado de significações dos participantes dos grupos (STIGGER, 2005b). As entrevistas terminaram por transformar-se em talvez a mais importante fonte dessa pesquisa.

Realizei dezoito entrevistas com quatorze skatistas do universo dos patrocínios, um empresário e um dirigente. Os informantes foram escolhidos de acordo com critérios ligados à sua participação no universo dos patrocínios. Entrevistei o representante no RS da principal marca de skate do país e o presidente da FGSKT. Assim como também quatorze skatistas, dentre eles praticamente todos os profissionais de Porto Alegre, alguns amadores que já despontam na esfera dos patrocínios e são apontados como futuros profissionais (fala de Ilton: “Se eu continuar assim,... É o que todo mundo fala pra mim: ‘continua a andar de skate assim, tu vai ser um profissional e tanto’”) e outros skatistas que circulam no universo dos patrocínios e da profissionalização, porém sem patrocínio no momento.

Elaborei cinco diferentes roteiros de entrevistas²⁸, então; um para skatistas profissionais com patrocínio, outro para skatistas profissionais (ex-patrocínados, competidores da categoria profissional) e amadores s/ patrocínio, outro para amadores c/ patrocínio, outro para dirigentes de instituições (FGSKT) e outro para empresários. Porém, como o objetivo da pesquisa primava pelas trajetórias sociais, dei especial atenção a esse fator em todas elas. O processo das entrevistas foi muito rico, desde os contatos para marcá-las (e as indicações de uns a outros: em muitos contatos, inclusive entrevistas, eram feitas sugestões de nomes para entrevistas, acompanhadas muitas vezes de explicações para o provável interesse) até sua realização e posterior transcrição. Durante as entrevistas, um certo sentimento de *desvendar* ajudou suas realizações. Em alguns momentos esse sentimento era compartilhado pelos entrevistados, em minha interpretação, e somado da possibilidade de dar vazão a pensamentos e impressões. Por vezes, no decorrer das conversas, tive vontade manifestar minhas opiniões, tomei cuidado para não influenciar respostas. Porém, ao final do processo, senti impulsos de retornar aos entrevistados para conversar mais a respeito dos temas que abordamos. Planejo poder dar-lhes algum retorno. Entretanto, tenho consciência de que aquele pesquisador “que realiza longas entrevistas é um tipo particular de confidente, aquele que desaparece depois de a confiança ter sido feita” (LAHIRE, 2004, p. 33).

Tive como local das entrevistas espaços como a pista do IAPI, a praça da Matriz de Porto Alegre, uma loja de skate, um shopping center, a casa dos skatistas, entre outros. Alguns dos fatores mais proveitosos das entrevistas são ligados ao fato de “dar a palavra” aos sujeitos. Dessa maneira, diversos assuntos, até então pouco debatidos abertamente, vieram à tona, como o exemplo, que muito ajudou essa pesquisa, o tema dos patrocínios. Por outro lado, fatores não considerados tão relevantes até então, saltaram aos olhos, como a escolarização, a partir dali pensada como determinante nos processos de profissionalização. Todavia, como um alerta aos que se interessem por realizar procedimentos dessa natureza, penso ser positivo dizer que, após uma jornada de dezoito entrevistas (um profissional foi entrevistado em três oportunidades diferentes) - com média de 45 minutos cada -, não me posso furtar de dizer que utilizei uma transcritora antiga e que faço votos

²⁸ Anexo 3

para que a tecnologia das transcritoras avance rapidamente. O processo de transcrição é deveras trabalhoso e demorado. Credito à aparelhagem parte do peso desse trabalho em minha pesquisa, um único canal de áudio, leitor de áudio antiquado e ruidoso. Mesmo em contato com pesquisadores mais experientes não pude encontrar alternativa plausível. Urge que esse tema seja levado a um melhor fim e que se desenvolva a tecnologia necessária para que entrevistas e outros registros de som possam ser mais facilmente incorporados à pesquisas, permitindo, assim, que sirvam como dados os seus conteúdos e não apenas sua fabricação como processo, uma espécie de tributo a pagar, reduzindo o já exíguo tempo disponível à pesquisa no contexto geral desse país.

Por fim, após as transcrições (e, assim, uma primeira *leitura*), realizei uma leitura detalhada das entrevistas, anotando passagens que considerei interessantes (vinculadas às perguntas da investigação) para a pesquisa. Ainda assim, restava material demais e seu trato dificultaria a escrita da dissertação, o manuseio ficaria *pesado* demais. Foi nesse ponto que decidi por subtrair das entrevistas tais passagens e organizá-las de maneira que facilitasse lidar com elas. Passei a um processo de depuração, onde recolhia de cada entrevista os trechos mais relevantes por serem vinculados às respostas que eu buscava. A partir dessa depuração (feita a partir das falas em entrevistas e não a partir de categorias a priori), organizei os trechos selecionados em quadros de conjuntos de informações concatenadas, simplesmente algumas informações sobre um mesmo tema, como família ou escola e algumas categorias, como esporte ou profissionalização. Por conta desse exercício, já havia realizado três leituras aprofundadas das entrevistas, o que me permitiu uma familiarização com os dados.

A terceira e última técnica de pesquisa que se elegeu foi a análise de documentos. Pois que

não são apenas as pessoas vivas que constituem fontes de dados. Muitos dados importantes na pesquisa social provêm de fontes de 'papel': Arquivos históricos, registros estatísticos, diários, biografias, jornais, revistas, etc. (GIL, 1999, p.160, grifo do autor).

Assim como também por que

... a análise documental pode se construir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LÜDKE, 1986, p.38).

Por certo que o termo *documento* pode remeter a alguma limitação, aquele que lembra uma folha de papel A4 com timbre, marca d'água e carimbada, nesse trabalho ele é tomado como qualquer expressão material de um universo cultural. Mas também não pode ficar só nas "fontes de papel" (GIL, 1999, p.160), logo que um dos espaços privilegiados para a comunicação dos skatistas é a Internet, que não se encaixa no conceito "de papel".

Então todo tipo de objeto que pudesse conter ou positivamente contivesse, trouxesse consigo informações acerca da cultura do skate se considerou um documento, ao que devo uma pequena coleção de adesivos, folhetos, fôlderes, fotos, cartazes, notícias de sites os mais variados, jornais etc. E embora nem todos esses documentos tivessem servido para constar da dissertação, foi por ter recolhido-os que pude selecionar alguns interessantes/relevantes para inserir no trabalho. Além dos meios oficiais e da grande mídia, pois

os documentos de comunicação de massa, tais como jornais, revistas, fitas de cinema, programas de rádio e televisão, constituem importante fonte de dados para a pesquisa social. Possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico. Neste último caso, com a eficiência provavelmente maior que a obtida com a utilização de qualquer outra fonte de dados (GIL, 1999, p. 164).

E os *sites* de lojas, marcas, skatistas, Federações, Confederação etc... na Internet. A escolha justificou-se porque os documentos "representam ainda uma 'fonte natural' de informações. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto" (LÜDKE, 1986, p.39, grifos da autora).

Trazidos para o contexto do trabalho, dados do diário de campo e das entrevistas puderam ser auxiliados pelos documentos no intuito de traduzir, preencher vazios de conhecimento acerca do universo cultural estudado. Entre os procedimentos de coleta de documentos, posso ressaltar a oportunidade em que estive com todos os documentos da FGSKT, por intermédio de seu presidente. Na

mesma instituição que trabalha e que abriga a FGSKT, pude copiar todos os documentos que me interessavam, com o consentimento de seu presidente.

Ao processo de levantar evidências cruzando dados de materiais de mais de uma fonte dá-se o nome de triangulação. Triangulação “é um termo usado nas abordagens qualitativas para indicar o uso concomitante de várias técnicas de abordagens e de várias modalidades de análise, de vários informantes e pontos de vista...” (MINAYO, 1996, p.102). Ao início desses cruzamentos, certa insegurança se fez rondar, logo que nem tudo se encaixa perfeitamente (embora tenha sido feito um esforço para entender e explicar o que se encontrava no campo). Com o passar do tempo, inclusive esses desencaixes passaram a fazer parte do trabalho, mesmo como limites dele, mesmo como partes mais obscuras e de difícil compreensão. Este esforço foi feito, considerando que: “Quanto mais o pesquisador trabalha com um grande número de indicadores consonantes e dissonantes, mais seu trabalho interpretativo pode ser facilitado e complexo” (LAHIRE, 2004, p. 43).

Para concluir, gostaria de fugir um pouco à tradição e falar sobre um procedimento pouco valorizado na literatura acerca da metodologia da pesquisa. Para tocar nesse tema, devo antecipar que posso incorrer em alguma gafe frente aos epistemólogos, aos historiadores e aos filósofos da ciência e outros. Para os autores ligados aos métodos de pesquisa e sua discussão e, sobretudo, ligados à pesquisa qualitativa com que tive contato, algumas premissas estavam colocadas de certa maneira *a priori*. Em certos momentos, avança-se para além de termos como cultura, sociedade, construção social etc. Diz-se que para alcançar determinado conhecimento acerca de cultura e sociedade, tais ou quais fatores devem ser observados. Isso não se pode negar, que a realidade social se recusa a ser reduzida a números, que representações sociais só podem ser compreendidas a partir dos contextos de suas criações, que não há homogeneidade em coletivos humanos, que determinados aspectos devem ser levados em conta para se estudar o social e o cultural etc... Mais ainda, é visto com bons olhos o relacionamento dos dados com a teoria. Ou seja, uma pesquisa é feita tanto da coleta e da fabricação dos dados quanto da sua discussão com teóricos e teorias.

Entretanto, somente um desses modos de construção é discutido em pormenores. Eu não diria que esse desequilíbrio é injusto, a produção de dados é fundamental à produção do texto científico e o ato de estudar é considerado como coisa dada por grande parte dos cientistas.

Pois estabelecer uma rotina de leituras, um regime de estudos, um universo de referências, um sistema teórico *em apreensão* é parte anterior à possibilidade do uso de determinada teoria ou de qualquer que seja o nome que se queira dar ao quinhão teórico de um trabalho científico. Para que se possa utilizar as idéias de outros autores a fim de refletir sobre os dados e os temas de nossas pesquisas, é antes necessário apropriar-se do conjunto dessas idéias, e isso só parece se dar de forma organizada. Esse tema só aparece aqui porque foi na solidão acadêmica das leituras demoradas e extensas, no folhear concentrado de artigos de revistas científicas, de capítulos de livros e mesmo de livros inteiros que pude entender o quanto de suor e lágrimas é necessário se colocar em um trabalho científico.

Antes de qualquer coisa, é necessário que se estabeleça um universo teórico, sem o que tudo pode parecer merecer ser lido e muito tempo pode ser gasto insatisfatoriamente em momentos importantes. Isso deve partir (e no caso de minha pesquisa, partiu) dos temas relevantes ao estudo. Uma mera lista de textos e autores e, depois, as referências bibliográficas destes textos podem servir como passo inicial e orientadores podem ajudar muito nesse ponto. Concomitantemente ao estabelecimento de tal universo, comecei uma rotina de leituras. Passei por várias fases que, quando do abandono à reclusão da solidão acadêmica, puderam ser compartilhadas com e reconhecidas por meus pares. Fui da fuga ao vício. Passei dificuldades do tipo não conseguir ler por ansiedade até ficar chateado por ter lido por tempo demais e ter que descansar (a contragosto). Ao equilibrar a equação, pude desenvolver uma rotina produtiva de leituras. Problemas simples de difícil solução se apresentaram. Como manter um livro aberto para fazer anotações em uma ficha sem comprometer pelo menos uma das mãos nisso? Minha solução foi desenvolver um aparato tecnológico que chamei de “aparato de leitura”. Resume-se a um pequeno móvel, que se coloca em cima da mesa ou escrivaninha onde se lê. Feito de papelão com um apoio que permite que o livro se incline alguns graus (aliviando a curvatura da cervical) e com uma peça que tranca as páginas a fim de deixar as mãos livres. A utilização de tal aparato melhorou qualitativa e quantitativamente minha leitura. Sem dúvida, um espaço próprio e calmo para a leitura contribui significativamente, boa iluminação, segurança para deixar as coisas como estão até a próxima jornada e um assento confortável também.

Um fator pode aparecer sem avisar, o desespero (somente para exemplificar: há uma comunidade no site de relacionamento orkut <www.orkut.com> chamada

“mestrado gera traumas?”). No meu caso, parte do desespero veio do fato de que minha rotina de leituras e meu regime de estudos tardaram a começar (para a preocupação do orientador também). Outra parte, que me parece também mais comum, proveio da consciência cada vez mais clara de que ignoramos por demais. Quanto mais se lê e se aprende, mais noção se tem do pouco que já lemos e do pouco que já sabemos. Depois de algumas semanas ou meses, outros desesperos podem surgir, substituindo ou não os anteriores.

Esse processo de apropriação teórica (ou de transformação de livros/teoria em ferramentas mentais) é facilitado (senão, permitido somente) quando realizado dentro de um regime de estudos. E, nesse caso, a atitude de planejar pode ser decisiva. Colocar as ações dentro de quadros de possibilidades (calendários) pode ajudar a calcular quanto de cada tempo vai ser dedicado a cada coisa. Saber dosar campo, coleta/fabricação/produção de dados e leitura pode ser uma característica extremamente diferencial entre pesquisadores. Em matéria de organização do regime de estudos, ter em mente um problema e uma problematização, um tema e um objeto, assim como os asnos dos desenhos animados tem um cenoura pendurada a sua frente para garantir que caminhem, pode não ser uma má idéia.

Enfim, terminei por fugir à tradição em diversos sentidos. Mas quis com esse relato metodológico dizer mais sobre a experiência de fazer essa dissertação do que dissertar sobre metodologia. Ela foi feita com dificuldades, com “empacadas”, com incertezas, com mudanças, com recuos e avanços, e eu aprendi a fazer uma dissertação fazendo uma (como todo mundo). Mas ela também foi feita com diálogo, com esforço para entendimentos, com energia científica, sem “preguiça empírica” (LAHIRE, 2002, p.80), e com alegria. Alegria não tem como contrária a seriedade, e sim a tristeza. Penso que o desfecho deste capítulo mostrou também um pouco disso, foi o caso de botar a mão na massa e os pés na tábua.

3 SKATE - “NA VIZINHANÇA”, SAINDO DO BAIRRO, SENDO INCORPORADO COMO UM ESTILO DE VIDA: TRAJETÓRIAS COLETIVAS DE QUEM VIVE (OU ESTÁ EM VIAS DE VIVER) DE SKATE

O corpo está dentro do mundo social, mas o mundo social está dentro do corpo (Bourdieu).

O mundo social está em nós tanto quanto está fora de nós (Lahire).

Após os processos descritos no cap.3, restavam depurados os documentos selecionados e pré-organizados para contribuir com determinados sub-temas, minhas anotações de campo e os escritos das entrevistas sistematizadas conforme o processo supracitado (cap.3). A organização dos sub-capítulos que se seguem respeita uma determinada lógica, de ordem e importância. Não com surpresa, os dados apontaram para a relevância da constituição de um estilo de vida e, sobretudo, neste contexto, para a constituição de um conjunto de conhecimentos práticos e teóricos indispensáveis a: 1) entrada em um sub – universo do skate e, sobretudo, 2) permanência neste sub – universo. A ordem que pretendi com tal lógica diz sobre as respostas às questões de pesquisa, assim como sobre os dados e informações mais substanciais que coletei. Sendo assim, as relações que se estabelecem no sentido de efetivar transsubstancializações – adentrar o sub-universo do skate patrocinado, ter retorno material – e a construção das condições para a permanência ali tomam vulto no interior do trabalho. Não ficando sem atenção alguns outros aspectos, por vezes menos específicos, por vezes aparentemente menos diretamente determinantes dos processos centrais ao trabalho.

3.1 O INICIO: UMA ATIVIDADE DE “VIZINHANÇA” E UMA PRIMEIRA MODALIDADE DE APRENDIZAGEM

Grande parte dos entrevistados tem em sua trajetória²⁹ a marca de um momento específico do skate (*street*) em Porto Alegre e cidades vizinhas, trata-se do fato de

²⁹ A utilização do termo “trajetória”, no âmbito deste trabalho quer escapar ao modelo da física (balístico). Quer considerar a trajetória como um percurso não pré-dito, não inicialmente determinado. Porém, não totalmente livre e solto no tempo e no espaço. Mas, sim, historicamente construído. Por isso a insistência em localizar as mais diversas peculiaridades do universo em questão, localizando assim também as condições de produção da “trajetória” dos informantes da pesquisa. Como em

não terem parado de andar (abandonado o skate) em algum “desaquecimento” do skate na região. Falaremos sobre o que chamei de instabilidade estrutural, uma espécie de “altas e baixas” freqüentes no universo em questão, à frente.

Por ora, me ocupo de identificar que, quase sem variação, os informantes iniciaram a praticar o skate junto aos vizinhos e irmãos. Assim, os primeiros passos (ou embaladas³⁰) com o skate remetem à atividades de “vizinhança”. Eram configurações locais, onde o skate era um brinquedo como qualquer outro (carrinho de rolimã., iô-iô, patins etc.), por vezes popularizado por força de uma moda e passível de ser “trocado” com a chegada de uma nova moda. As referências eram poucas, tais configurações encerravam suas possibilidades de interação nelas mesmas, via de regra. O desenvolvimento técnico era limitado, logo que fatores como espacialidade, qualidade e volume de material, amplitude de referências de aprendizagem também eram limitados.

Pode-se considerar que essa também era uma característica de um determinado tempo, haja visto que crê-se que em nossos dias as configurações locais não se organizem como anteriormente, crê-se que o skate hoje não esteja mais descentralizado. Ou nas palavras de um skatista de 26 anos e pelo menos treze de skate, “tinha a galera da zona sul, do centro, da zona norte... **não era uma mescla**³¹.” (Guto, grifo meu). Melhor explicado, pensa-se que, hoje, com maior ou menor freqüência os skatistas vão aos pontos mais centrais, mesmo que se dediquem a andar em seus bairros prioritariamente. Ainda assim, mesmo que não freqüentasse um ponto mais central ao skate, por via de recursos de fácil acessibilidade, como a internet, um skatista poderia ter contato com o skate que não só o de sua vizinhança Fato apontado em entrevista que a internet já se tornou

Bourdieu, para quem “não podemos compreender uma trajetória (ou seja, o *envelhecimento social* que, ainda que inevitavelmente o acompanhe, é independente do envelhecimento biológico), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ele se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis. Essa construção prévia é também condição de qualquer avaliação rigorosa de *personalidade* designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto de posições simultaneamente ocupadas, em um momento dado do tempo, por uma individualidade biológica socialmente instituída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua intervenção como agente eficiente nos diferentes campos” (1996, p. 81, grifos do autor).

³⁰ Embalar é o movimento mais básico do skate, significa “empurrar” o solo com a sola do pé para deslocar-se sobre o skate. A embalada está para o skate assim como o passo está para a caminhada, para a corrida.

“fundamental” para o “desenvolvimento” do skate. Diferente de antigamente, quando não havia “mesclas” nem internet e as configurações locais eram fechadas em si mesmas.

A propósito destas primeiras experiências mais locais com o skate, fica claro, frente às entrevistas, que estão num plano de socialização quase familiar (quando não totalmente) e que os atores a percebem como algo conseqüente da convivência no bairro, na vizinhança, chegando mesmo a parecer que há uma seção entre o skate praticado ali e outros skates que se encontre em diferentes lugares. Apesar de essas configurações locais tratarem do mesmo objeto de prática que outras menos locais, elas guardam (ou guardaram ou guardavam) diferenças entre si. Rapidamente havia tocado anteriormente no fato de que o skate ter em seu desenvolvimento traços locais e globais.

Pois que, quanto mais locais eram essas configurações, menos podiam oferecer aos praticantes. Por exemplo, no universo de cem skatistas que moram em diferentes lugares mas que convivem, a notícia do lançamento de uma peça, de um equipamento (roda ou tênis) ou revista circula em razão geométrica (mesmo um exemplar de revista pode fazê-lo), um skatista pode passar adiante um exemplar de revista para outro grupo de oito, dez skatistas e assim por diante, enquanto que em comparação com um universo de dez, oito skatistas, que residem no mesmo local, essa circulação se dá em razão aritmética, as trocas se encerram entre estes oito, dez. Isso se repetiria com o repertório de manobras, também. Exemplo: 10 skatistas dando dez manobras cada um, tendo em comum cinco manobras, resultaria em um repertório total de 55 manobras. A mesma conta feita com 100 skatistas resultaria em um repertório de 505 manobras. Mesmo sob a ótica de um organizador de eventos, seria surpreendente se ele se ocupasse de fazer a divulgação de uma competição num universo de seis pessoas, mais comum seria procurar pontos onde se reunissem centenas de pessoas, em que circulassem skatistas de diversas localidades, e que estes levassem consigo a informação.

Ao ponto de os informantes passarem a sentir-se skatistas ao passo que extrapolavam a vizinhança para conhecer os pontos mais centrais do skate na

³¹ Como serão inúmeras as oportunidades em que grifarei as falas dos entrevistados, passo a assinalar os grifos somente dos próprios entrevistados, ficando os grifos sem apontamento em crédito a mim.

cidade. Assim como o skate deixava de ser um hobby, um brinquedo, para se transformar.



³²Daí, depois, quando eu comecei a ir pra o quinta avenida, daí eu comecei a me identificar com o skate mesmo (Cauê).

B: Tem um pouco de importância da Praça da Matriz nessa história...

C: Ah! Bastante... é, esse local aqui que nós estamos... foi onde foi aprimorado, né? A maioria das manobras... (Carlinhos).

C: O skate sempre entrou como um hobby para mim. Mas esse hobby é, para mim, muito mais que um hobby, assim. Na real, é minha vida. O skate me ensinou muita coisa, até a pessoa que eu sou, o jeito que eu sou. Passei por várias modalidades, o skate se modificou muito ao longo dos tempos. Conheci muitas pessoas... isso daí é muito bom no skate.

B: Até a tua namorada, né?

C: É, com certeza, é. (Risos)

B: Mas, cara, em algum momento tu pode ter decidido, assim, “vou tentar o skate”. Isso aconteceu assim?

C: Muitas vezes. Tipo, quando eu passei para profissional, eu até larguei um trabalho, que eu estava trabalhando...(Carlinhos).

No trecho acima, apesar de a idéia parecer um pouco confusa para o informante, parece clara a oposição entre aquilo que fora um hobby e algo pelo qual se “larga” um trabalho. Essa segunda significação está mais ligada ao plano da “saída do bairro”, que veremos no sub-capítulo subsequente.

Tais configurações locais se caracterizavam pelo fato de que por muitas vezes se construíam por força de uma moda passageira - os informantes relatam que o skate lhes chegou como chegou a moda das “bikes”³³, do iô-iô e do carrinho de rolimã, sendo substituída em breve espaço de tempo. Como também pelo fato de

³² O número de entrevistas transcritas e reproduzidas ao longo do trabalho é relativamente grande, para facilitar sua leitura e evitar dúvidas, quando elas forem muito longas ou se seguirem diversos excertos, ressaltarei o recorte colocando-os em um quadro.

³³ “bike” foi o nome dado à prática de manobras em bicicletas do tipo “cross”, muitas vezes importadas e caras.

que, pela sua própria característica local e pelo estágio de desenvolvimento das tecnologias de informação, não acessavam informações veiculadas pelos meios comuns ao skate com elos globais mais intensos, revistas e vídeos, principalmente. Assim, além da característica geográfica, estas configurações locais também se identificavam pela precária acessibilidade a conhecimentos e informações.

F: Aí...eu era **preso ao bairro**, né? **Minha evolução**, então, **era**, tipo, **presa ao meu bairro**. O que eu via os caras fazendo, eu fazia (FERA, grifos meus).

B: Como era a aprendizagem?

D: **Olhando os caras** que sabiam e inventando os negócios... e, de repente, a gente começou a ir prumas pistas, saiu uma pista... aí, meus pais, a gente foi pra Campo Largo. Aí, saiu uma pista lá. Aí, a gente ia andar nas pistas em Curitiba, aprendia as manobras lá e ia dar em outro lugar... aí, começou a aparecer os vídeos de skate, plain B, ocus pocus... daí a gente começou a aprender mais manobras... (Dadinho)

B: Aonde mais se vê manobras novas assim?

C: Eu acho que é vídeo.

B: Tu acha que a fonte é vídeo ?

C: eu acho que é vídeo, vídeos nacionais, internacionais (Crânio).

Os informantes relataram que conheceram o skate por intermédio de familiares e/ou vizinhos; que nesses primeiros momentos a sua relação com a técnica do skate era quase (senão totalmente) uma brincadeira, embalar e andar sentado, descer lombas; que as informações eram precárias e que os companheiros das primeiras jornadas, em sua grande maioria, abandonaram o skate. Julgo relevante que olhemos, a título de conhecermos melhor processos e sujeitos, as modalidades de aprendizagem, cuja primeira veremos agora, e a composição do segundo universo do skate em que se inseriram os informantes, que, por sua vez, vem acompanhado de uma segunda modalidade de aprendizagem. Essas são as discussões dos sub-capítulo seguinte.

Como vínhamos acompanhando, as configurações locais se caracterizam pela escassez de fontes de informação. Em decorrência, as primeiras aprendizagens referidas pelos entrevistados tiveram como traço inconfundível o mimetismo³⁴, a

³⁴ O trabalho de Wacquant (2002), realizado no universo do boxe, traz a discussão da aprendizagem mimética. Tanto lá como aqui, salvadas as diferenças, se dá uma aprendizagem pouco codificada, baseada principalmente na imitação. "A uma prática corporal e pouco codificada, cuja lógica só pode ser apreendida em ação, corresponde um modo de inculcar implícito, prático e coletivo. A transmissão do pugilismo efetua-se de uma forma gestual, visual e mimética, sob o custo de uma

imitação. Apesar de não ter podido atentar para quem se imitava, nem de onde estes que eram imitados buscavam suas manobras, estilos etc., o processo das primeiras aprendizagens se passava numa relação de mimetismo e alguns ensinamentos não muito freqüentes³⁵.

C: É, eu via os movimentos e eu via... **ficava prestando atenção no cara andando assim...** e depois, também era guri, era empolgado, ficava me jogando... aí, ia tentando assimilar o pensamento pro que eu queria fazer, andar de skate. (Coral).

G: Eu acho que... cara, eu comecei a andar de skate, bem **olhando os outros**, só que naquela época não tinha muita manobra assim (Goró).

I: No chão batido. E no pátio ainda! Tipo, era cheio de grama e tal... e daí, um dia, meu pai cortou e eu botei o skate no chão e fiquei só dando manobra de solo, assim, parado. Daí, um dia, “ah, vou andar ali na esquina, meu irmão nem vai se ligar”. Daí, peguei o skate, fui pra esquina e comecei a andar ali no solo e tal. Daí, veio uns camaradas meus pra chamar o meu irmão pra andar, já ficaram ali andando comigo e tal, **me ensinando** umas manobras e tal...

B: Os caras foram te ensinando um pouquinho então?

I: É (Ilton).

R: Ah, o pessoal que eu andava, **eles ensinavam... mas eu aprendi olhando também**. Mas eles davam uns toques assim, “mais fácil se tu colocar o pé assim, pra dar tal manobra”, aí, iam dando uns toques e o cara ia aprendendo (Romeu Duran).

B: Como é que tu aprendeu a andar de skate? Tu começou a andar, todo mundo andava... como foi, os caras te deram dicas?

F: Não. **Só de olhar** (FERA).

Os excertos apresentados acima são de skatistas que não se iniciaram no skate nem obrigatoriamente na mesma época nem no mesmo local, o fiz desta forma para evidenciar como de maneira geral essa modalidade de aprendizagem é comum. Trata-se de uma aprendizagem coletiva, mimética e não-dirigida.

Coletiva, no sentido de que se dá na interação entre skatistas dos mais diversos níveis técnicos. É na interação, no compartilhamento dos mesmos espaços e

manipulação regulada do corpo que somatiza o saber coletivamente detido e exibido pelos membros do clube a cada patamar de hierarquia tácita que o atravessa” (WACQUANT, 2002, p. 120).

³⁵ O que quero dizer com isso é que os skatistas patrocinados (profissionais ou em vias de sê-lo) internalizam e operam o *habitus*, essa matriz de percepções, de apreciações e de ações, porque incorporam determinadas disposições de suas experiências passadas, acumulam em seu percurso o que vivenciaram neste universo, do qual se aproximaram, onde foram iniciados e onde ocupam agora o espaço mais privilegiado. Ou seja, que “aprenderam pelo corpo” (BOURDIEU apud WACQUANT, 2002, p.12).

tempos, que uns vêm aos outros, observando manobras, combinações e utilização de equipamentos (rampas, escadas, corrimões etc.).

É uma aprendizagem mimética logo que a incorporação de manobras ao repertório do skatista depende única e exclusivamente da observação de outros (seja *in loco*, seja em vídeos ou revistas). Acho prudente ressaltar que essa técnica, a da imitação, não é objeto da preocupação dos skatistas, que de certa forma ignoram tal pedagogia do skate. Embora, muitas vezes, o local da prática seja escolhido de acordo com “quem” frequenta e mesmo a presença de skatistas experientes (ou mesmo um grande número de skatistas) opere uma mudança de ritmo, que poderia ser traduzida como o aumento da energia demandada. Quanto mais aumenta esse ritmo (quanto mais skatistas experientes ou quanto maior o número de skatistas em geral), maior a energia demandada, maior o número de manobras executada por skatista, maior o tempo que cada um passa no local, então maiores as possibilidades de observação.

O skatista “está sozinho” no universo do skate. Assim como contatos de todo tipo (empresários, mídias etc.) são feitos diretamente com o skatista (inexiste a figura do empresário e raramente há intermediários, a não ser familiares), o skatista se movimenta no universo social do skate solitariamente. Entretanto, por mais contraditório que seja, é uma solidão coletiva. Sem querer encerrar a questão numa antinomia³⁶, tenho que explicar que a solidão se caracteriza pela constância de práticas individualizadas entre os skatistas (tanto nos momentos de prática - é uma prática individual -, quanto em momentos como acordos com patrocinadores, competições etc.) e pela falta de diretividade (não existe a figura de um professor, técnico ou treinador, embora sejam contemporâneas a essa pesquisa as primeiras escolinhas de skate no estado do RS). O skatista aprende “andando”, é o que se diz. Ou seja, ele deve estar lá. E não haverá instruções explícitas com frequência. Mas ele não é um autodidata, a aprendizagem é coletiva.

³⁶ antinomia é um termo utilizado por autores como Bourdieu, Dunning e Lahire e significa a oposição entre dois princípios, contradição entre duas leis ou oposição recíproca.

3.2 ANDANDO NA “BAIXA” DO SKATE EM POA, SAINDO DO BAIRRO, CONHECENDO, CRIANDO E RECRIANDO O ESTILO E APREENDENDO UMA NOVA APRENDIZAGEM

Por ser elemento fundante da trajetória do conjunto de skatistas estudados, foi necessário empreender esforços para localizar historicamente o papel das variações no “volume” do universo em questão. Foi encontrado, assim, um traço significativo que se explica e sintetiza no início deste capítulo. Para depois tratar de um movimento comum aos entrevistados, a saída do bairro (e a conseqüente e dupla incorporação a uma configuração mais central ao skate). E, por fim, concentrar-se na modalidade de aprendizagem peculiar à saída do bairro.

Alguns dos entrevistados são muito novos para terem vivido a “baixa” da qual falo neste trabalho especificamente; outros skatistas, muito velhos para terem colhido os frutos da modalidade de aprendizagem que apresento (conforme a fala de um informante, até certo tempo atrás, **profissional** era apenas uma categoria de competição e não uma “profissão”). Todavia, a grande maioria dos informantes mesmo que não tenha vivido os três processos que balizam este sub-capítulo, os viveu um ou dois.

O que venho chamando de “baixa” do skate até aqui é uma aparente diminuição no número de praticantes, de marcas (empresas especializadas) de skate e de estabelecimentos especializados, as lojas de skate e de mídias de skate. Foram muito freqüentes nas entrevistas as falas sobre as baixas, sendo percebidas com maior ou menor ênfase. Sobre a época em que começou a andar de skate, Crânio diz que “era eu e uns dois amigos só e deu, não era uma febre como é hoje. Era tipo 91, 92”. A “baixa” a qual me refiro especificamente foi a da primeira metade da década de 1990. Anteriormente a ela, havia eclodido na cidade de Porto Alegre e em alguns municípios vizinhos, conforme depoimentos, uma “moda” de skate. Eram momentos em que vizinhanças inteiras tinham o skate como uma de suas atividades comuns e rotineiras e facilmente se encontravam referências a skatistas reconhecidos e lugares que os centralizavam.

G: Tipo, quando eu comecei a andar, já tinha uma galera que andava bem. Tipo, o Goró já dava um rolê. O Goró era o Goró! (Cara de espanto) era **O** Goró. Já tinha o nome forte. Já tinha saído na Veja. Aí tinha o Poupa, era xarope, porque ia para São Paulo para correr os campeonatos... (Guto, grifo dele)

B: Então, mais ou menos deve ter sido por causa do teu irmão que tu teve um skate mais perto e por causa dos guris da tua rua...

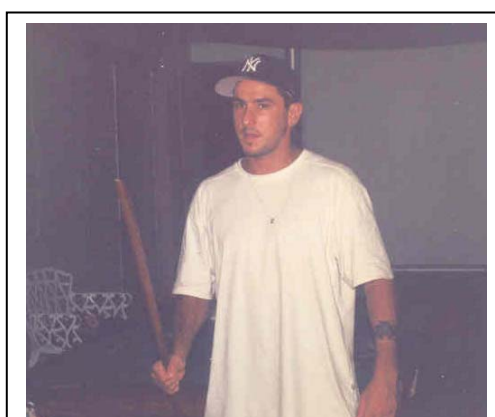
G: Isso. Acho que foi por causa disso. Era bem na época que **era o esporte da moda**, que tipo, todo mundo da rua tinha um skate, assim. Um pouco depois do carrinho de rolimã, sabe? Teve os carrinhos de rolimã e depois teve o skate... (Goró)

B: E tinha bastante gente andando já?

F: Tinha, tinha uma galera. Quase todos os meus amigos da minha idade andavam de skate. E os que não andavam, tinham skate também. Mas saiam pra rua pra brincar, com o skate, tá ligado?

B: Tipo, não eram skatistas, mas também andavam...

F: É. **No condomínio que eu morava, era todo mundo [skatista]**. (FERA)



FEBEM: skatista que viveu
várias “fases” do skate

Figura 3

Tais momentos, de acordo com os apontamentos que fiz e os informantes também, além de se traduzirem numa melhora geral do universo do skate, possibilitavam a retroalimentação deste mesmo. Se dava o inverso da baixa, aumentavam o número de praticantes, de marcas e de lojas de skate (ver Honorato, 2004) e de revistas, vídeos, jornais etc. especializados. A segunda metade da década de 1990, especialmente seu final, e o início dos anos 2000 se caracterizaram como uma dessas “altas”. Essa retroalimentação fica clara na fala de um jovem de 15 anos, que no período desta alta conheceu o skate e tornou-se a principal revelação amadora do skate no RS, tendo vencido 4 etapas do Circuito Gaúcho de 2005, além de diversas outras competições no mesmo ano, inclusive

uma prova ultra-disputada³⁷ de lançamento da linha de skate de uma transnacional da área de equipamentos esportivos, sendo, por isso, convidado a entrar em seu time de skatistas patrocinados.

B: E como tu conheceu o skate?

L: Conheci... tinha um atleta profissional na minha rua, o Nilton Urina... daí, um dia, eu vi ele andando, assim, pedi pra dar uma volta... e aí, desde ali, eu comecei a andar... e queria um skate, fui montando um skate pra mim. Aí, depois, um parceiro meu, o Farinha, foi me patrocinando, também, pela Ident, depois a Leca, depois o Goró...

Há que se depreender da observação de momentos tão distintos que se sucedem no universo do skate e que são vividos pelo conjunto de skatistas que contribuíram para a confecção deste trabalho, que tais sujeitos não passariam sem que lhe marcassem aquelas altas e baixas. Ao assim considerar, ponderei, com a ajuda dos dados coletados, que esse era um traço distintivo deste universo do skate e o discuti com alguns informantes³⁸.

B: Tem uma coisa que eu consegui pensar, a partir das coisas que eu vi e observei no universo do skate e conversei com as pessoas... e tem uma coisa que eu notei, que é bastante fundante, que é uma característica do universo do skate, que eu fui chamar de altos e baixos, já pensei outras formas de chamar... aqui no Brasil... nos Estados Unidos, não sei... mas aqui tem essa história de altos e baixos... agora em 2005, tivemos apenas duas etapas do campeonato profissional. Tu enxergas também essa questão estrutural do skate?

R: É, perfeito. Eu enxergo. Porque esses altos e baixos... ele bate exatamente no que eu falei,, ou seja,...

B: Eu chamei de instabilidade estrutural.

R: É, instabilidade estrutural. Perfeito. Por que o que acontece? Automaticamente, a mídia... toda uma ação que é voltada pra essa questão de esportes radicais, eles dão enfoque pro skate. Por vezes, uma cobrança dessa mídia e dessas pessoas que querem ver a coisa acontecer de uma vez, logo, que nem outros esportes vem ocorrendo... o skate, por vezes, ele se retém, num processo de desenvolvimento natural... é mais interno. Não adianta, por vezes, ter cinco, dez, vinte campeonatos e atender meramente a necessidade de quem quer ver. Enquanto nós temos que, por vezes, nos organizar dentro de casa. Existe um processo de desenvolvimento, que ele tá ocorrendo lentamente... ele até poderia ser mais rápido. Mas não adianta tu culpar, não tem a quem culpar. E, por vezes, a gente tem a preocupação de que as pessoas que tem que tá envolvidas quando esse boom ocorrer... quando a gente tiver pronto pra ter cinco, dez campeonatos profissionais por ano, quando estivermos

³⁷ Toda competição de skate é uma disputa e mesmo estar nela sempre já o é. Porém, chamo de ultra-disputada a prova à qual me refiro, logo que estiveram presentes apenas skatistas convidados e pelo fato de estes convites terem sido feitos num clima de indicações onde incontáveis contatos eram feitos até que se concretizasse o acesso.

³⁸ O estágio da reflexão sobre as altas e baixas, sobe a instabilidade estrutural, neste ponto da pesquisa, diferente daquele do sub-capítulo 2.1 reflete o próprio desenvolvimento dos trabalhos visando os objetivos de pesquisa e não uma discrepância ou contraditórias formas de entender o mesmo fenômeno.

prontos pra ter campeonatos mundiais com freqüência no Brasil, participar de uma olimpíada, seja o que for.... se as pessoas que realmente fazem o skate, não estejam preparadas... o que pode ocorrer... e essa é uma preocupação nossa. Ao ponto de, de repente, saciar a necessidade de um telespectador, ou de uma grande movimentação, do que nós diríamos, da massa da mídia... dando oportunidades, por vezes... que... que... não são realmente do skate, que não tem o amor, que não tem a mesma visão nossa, que o skate tem que ser desenvolvido de uma maneira harmônica. Perante todos que sempre deram a vida por ele. Não que uma pessoa de fora do skate não entre. Muito pelo contrário. Ela tem que entrar... pra somar. E pra somar com quem realmente tá fazendo... então, eu acho que esse processo, esse boom.. e essa instabilidade, como você disse, estrutural... ela é natural, hoje, em 2006, eu diria que ela tá num nível de desenvolvimento natural. Não adianta a gente querer apressar, que a gente pode tropeçar. Então, eu acho que nada melhor do que ter ciência das oportunidades, sempre recebendo bem as intenções dos outros pra vir a somar. Mas acho que tudo tem a sua hora. (Roberto Federação)

B: Na época que tu começou, e depois, o skate não tinha assim, uma cadeia comercial formada no Brasil, né?

R: Não, cara. Naquela época, nesse meio... eu sempre acompanhei, vendo alguns primos meus que continuaram andando... na época que eu tava mais na capoeira... e a gente começou a ver esse cenário acontecer... quem trouxe de novo o skate foi a Panda & Mônio. Antes da Panda & Mônio não me lembro de ter alguém que fizesse evento, que patrocinasse alguém, que tivesse produto, realmente... e aí a gente começou a ver... a Perfect Line, a Urgh!, né? Depois a Sims e essas marcas começaram a aparecer no cenário... a Maha, a Moska, a Drop Dead. A Moska, eu também representei. A Crail... eu representava a Overdose, a Maha, a Drop, Child e Hideout.. nessa ordem, Child, Drop e Hideout, a Crail e a Moska. O nosso escritório representava essas marcas. Eram as melhores marcas de skate...

B: Eu tenho conversado com as pessoas e tenho colocado, que no meu estudo, eu consegui enxergar uma certa lógica histórica, assim, anterior ao momento que a gente está vivendo agora, de altos e baixos...

R: Mas continua... vamos dizer, não só de andar, como de mídia, como de vender. Eu acho que são três... não andam juntas, mas são três análises diferentes a fazer que por incrível que pareça, não andam juntas. Então, vamos falar do andar de skate. O andar de skate, ele sempre teve épocas. Aquela época da Panda & Mônio teve muita gente e depois teve uma queda. Depois voltou a ter muita gente andando... o andar tá muito ligado a eventos. Tem muita gente fazendo eventos, tem muita gente andando. E a mídia mesmo... eu posso dizer assim, que nesses últimos três anos, o skate nunca apareceu tanto na mídia. Quer dizer, o Esporte Espetacular tendo a maior audiência de sua história na transmissão dos X-games, a Sport TV dando muita ênfase...

B: Até tem um programa específico de skate, patrocinado por uma marca de skate...

R: Exatamente... e... então tu tem revistas, né? tu tem a Tribo, tu tem a SKT, a Cemporcento.. isso nacionalmente. Regionalmente, tu tem várias, a Vista, né? que é uma bela revista...

B: Tem vários sites também...

R: Tem, tem vários sites... e tem tudo isso acontecendo e onde é que o termômetro de tão andando ou não tão andando? A venda de shapes! A venda de shapes de 2003 pra 2005, caiu em 50%. Então, hã... e agora em 2006, em janeiro, fevereiro e março, tivemos um crescimento de 10% em relação a 2003. Então, acredito que toda essa mídia desses três anos... estava criando o desejo mas...

B: Não tava se materializando...

R: Não tava materializando. E agora essa ação tá acontecendo... agora a venda... aconteceu... e sem falar também de marcas de skate... hã... no momento que esse mercado brilhou pros olhos dos grandes empresários e pras multinacionais, as

multinacionais começaram a investir colocando suas marcas aqui dentro, através de marcas de surf ou entrando com estrutura própria. (Rildo Drop Dead)

Este contínuo movimento de altas e baixas vai se refletir tanto em termos práticos, materiais, quanto em características qualitativas no universo do skate³⁹. Desta maneira, fica evidente que ao não considerar tal característica, um sujeito teria dificuldades para se desenvolver no universo do skate. O que implica que o reconhecimento (mais ou menos consciente) dessa instabilidade estrutural torna-se um dos conhecimentos mais necessários para o gozo pleno das benesses que pode oferecer o sub-universo do skate patrocinado (profissional ou em vias de sê-lo). Assim como “a gramática futebolística voltada para o espetáculo necessita ser incorporada na forma de um sistema particular de disposições para a prática...” (DAMO, 2005, p. 43), uma das disposições que conforma um sistema particular de apreciação e ação no universo do skate é saber funcionar nas incertezas da instabilidade estrutural. Retomarei, à frente, a discussão sobre essa peculiaridade, não sem ter apontado aqui um diferencial entre os informantes, os que “sabem se virar sozinhos” (Cauê) e os que sequer entendem as razões de seu insucesso. Ou seja, consequência da instabilidade estrutural e de outras determinantes, é necessário que se saiba reconhecer por si só (sozinho) quando, como, para quê, com e para quem agir, sob pena de se perder a utilidade de outros conhecimentos ou capitais, desconhecer finalidades e/ou recair em alguma ineficácia. Abaixo, o editorial da revista Tribo de “13 anos: identidade não se compra”, sobre os percalços dos últimos tempos:

O bolo cresceu e todo mundo quer uma fatia. Estamos falando do skate, aquele brinquedo de moleques barulhentos, que se divertem destruindo o patrimônio público, a paz e sossego da vizinhança. Estamos falando do skate, aquele objeto venerado por garotos invocados, que rasgam o asfalto à mil por hora, são petulantes e audaciosos. Estamos falando daquele esporte urbano que faz aumentar o número de atendimentos nos prontos-socorros, ortopedias e fisioterapias. Falamos daquele carrinho que levou o

³⁹ Ou como diz Wacquant (1995, p. 18), sobre a idéia de universo social em Bourdieu: “o peculiar deste universo é que as estruturas que o conformam levam, por assim dizer, uma dupla vida. Existem duas vezes: a primeira, na ‘objetividade de primeira ordem’, estabelecida pela *distribuição dos recursos materiais* e nos modos de apropriação dos bens e valores socialmente escassos (espécies de capitais, na linguagem técnica de Bourdieu), a segunda, na ‘objetividade de segunda ordem’, na forma de sistemas de *classificação*, de esquemas mentais e corporais que se incorporam como *matriz simbólica* das atividades práticas, condutas, pensamentos, sentimentos e juízos dos agentes sociais” (grifos do autor).

Brasil a quatro títulos de campeão mundial. Estamos falando dos x Games transmitidos para milhões na tv, das pistas e campeonatos que se multiplicam e dão votos a vereadores, prefeitos e deputados. Estamos falando da união da música, artes gráficas, educação e inserção social através do esporte. Estamos falando da manutenção de um circuito nacional ao longo dos anos, mesmo com todas as dificuldades da economia. Falamos da etapa brasileira do Circuito Mundial de skate e dos brasileiros que invadiram (e bem) o cenário mundial. Estamos falando do maior reconhecimento das primeiras gerações de skatistas do país, que envelhecem com o carrinho no pé. Estamos falando do crescimento do downhill e do long board, das mulheres no skate, das letras de música que falam do prazer de dar um ollie air. Falamos de dezenas de sites , programas de rádio e tv especializados. Falamos da primeira revista do Brasil sobre o carrinho. Manobras, batalhas, contusões, prazer, dedicação, frutos colhidos. Depois de treze anos movimentando tudo isso, podemos sem modéstia alguma falar que estamos orgulhosos do que fizemos. Somos orgulhosos de toda a dor de cabeça que enfrentamos, nos piores momentos, para dar a voz a skatistas, empresários, profissionais ou voluntários anônimos que fizeram o bolo crescer. Temos muito orgulho de Ter aberto portas para que a cultura do skate ganhasse respeito. Somos honrados de Ter merecido críticas e elogios. Antes de mais nada, fizemos uma revista por sermos skatistas antes de tudo. No final dos anos 80, as revistas em que trabalhávamos bateram em retirada. Overall, yeah!, skatin' e Skate news, não resistiram à crise e foram uma a uma fechando suas portas. Em plena crise econômica, juntamos forças e fizemos nossa parte, criando uma revista de skatista para skatista no início dos 90. Resistimos, brigamos, criamos e incentivamos alternativas para o crescimento da cena. Ganhamos concorrentes que também surgiram do skate. Como foi desde o início desta história, mais um a vez ouvimos falar que olhos alheios têm pretensões de explorar o segmento promissor do skate. Amparados por propósitos meramente comerciais, serão os primeiros a pular fora do barco na primeira ondulação contrária que vier. Estarão aí pra confundir, não pra somar. Por outro lado, que os peixes fora d'água se debatam com sua própria natureza e sigam seu caminho. Se esse caminho for a favor dos princípios e da ideologia que mantiveram até hoje a chama do skateboard acesa, que façam por merecer. Não vamos deixar de crescer e estamos prontos para quantas batalhas forem necessárias. Não precisamos provar nada pra ninguém (REVISTA TRIBO SKATE, 2004).

Quase todos os meus informantes passaram pela experiência de ser um dos únicos a andar de skate no seu bairro, sua vizinhança, mesmo que sem apoio e solitariamente.

C: Bah!, cara! Vou te dizer... porque mesmo que passando um dia inteiro para acertar uma manobra, quando eu acertava, valia todo o esforço. Às vezes, não ter tênis, não ter rolamento pra andar... pegar uns rolamentos de... as paradas podres, shape trincado... mas

eu nunca desistia... certo que eu me abalei várias vezes, pensei em parar várias vezes... mas eu nunca parei.

Para logo em seguida ou concomitantemente a isso passaram a integrar um segundo grupo, de skatistas de diversas localidades em um ponto central para o skate, primeiro a Rua Vinte e Quatro de Outubro, nas imediações das lojas Panda & Mônio (Quinta Avenida Center) e Surf Sul, depois na Praça da Matriz e, hoje, na pista do IAPI, no bairro de mesmo nome, nesta capital⁴⁰.

C: Quando eu comecei, eu comecei a andar com o pessoal da minha rua, na Schüler. Com o meu irmão e a galera que andava ali. Daí, **depois**, quando **eu comecei a ir pra o Quinta Avenida, daí eu comecei a me identificar com o skate mesmo.**

B: Quinta Avenida Center, Panda e Mônio?

C: É. Daí, ali, todo fim de semana tinha... (Cauê).

Então, muitas das pessoas que compunham essas configurações locais não seguiram andando de skate:

Da zona sul, só eu fiquei. Lá por 97,98, todo mundo parou de andar. Parou, mesmo. Quando vê, tinha ficado só eu. E era uma galera, mano! (...) Tu vai crescendo e ou o negócio vai virando... ou o negócio enraíza dentro de ti, tá ligado, tu vai querer morrer andando... ou tu vê outras coisas que são prioridades maiores... (Guto).

C: Isso... foi assim que eu fui continuando... **o pessoal**, tipo, **ia parando**. Ia mudando radicalmente. Era *bike light*, video game *street fighter*... apesar que eu jogava, mas nunca deixei de andar de skate (Carlinhos).

B: Teus amigos que andavam contigo no começo, chegaram a se profissionalizar também?

C: Uma parte.

B: E os outros, tu achas que não se profissionalizaram por que?

C: Ah! Outras coisas... e, tipo, o skate, na época, não era... há... **a galera andava por diversão**, começaram a estudar, começaram a fazer outras coisas... e **acabaram indo por um outro caminho**... (Cauê).

B: E quantos skatistas ficaram... assim, essa situação se refletiu aqui em Porto Alegre, na época, não? E ficaram poucos skatistas?

G: Não sei...

B: Mas quando tu começastes, quantos skatistas tinha? Tu começou depois dessa época...

G:... Depois dessa época. Na verdade, **eu comecei quando meio que não tinha**...

B: Começou sozinho, do nada?...

Risos

G: Sei lá. **Eu comecei, ninguém andava**. Aí **depois, começou de novo**. Aí sumiu de novo... agora, tamos aí (Goró).

⁴⁰ algumas outras localidades também significavam uma segunda socialização, mesmo que não centrais ao skate mas “regionais”, conformando-se a partir de skatistas de bairros próximos.

B: Como foi que tu conheceu o skate?

R: Os meus vizinhos... eles andavam e eu comecei a andar com eles. Ali na Laurinda... que era perto de onde eu moro agora, ali na Santana também. Aí, eu comecei a andar com eles. Todo mundo andava e eu senti vontade também.

B: E eles continuaram depois?

R: **Agora eles já pararam.**

B: **Dessa época só ficou tu?**

R: **É** (Romeu Duran).

Retomando, uma constante entre os informantes é uma espécie de segunda socialização no universo do skate. Como visto anteriormente, um primeiro contato se dava na interação com familiares e/ou vizinhos. Dentre os entrevistados, quase todos reconheceram a importância de terem partido desta configuração mais local para alguma mais central. Nestes pontos mais centrais se tornavam abundantes exemplos a serem apropriados através da modalidade mimética de aprendizagem direta, da observação “ao vivo” e eles mesmos eram qualitativamente melhores em relação à configuração mais local. Não obstante, se dava o conhecimento de novas fontes de aprendizagem, filmes, sobretudo, veiculados em VHS primeiramente, e, hoje, em DVD e pela Internet. Tudo sob a influência das altas e baixas.

Então, no caso dos que se iniciaram numa alta, era possível encontrar situações como a narrada por Rato, “... na minha rua... se tivesse uns dez caras, uns nove andavam de skate.”. Se desenvolvia a modalidade de aprendizagem mimética direta, ao vivo e o gosto pelo skate, “.. foi ali que eu peguei o gosto...”. Tanto nesse caso como no caso de uma baixa, o passo seguinte dado pelos informantes foi o de se integrar a um ponto mais central do skate.

Muitas vezes, além de reunir skatistas experientes e fazer circular informações como revistas e vídeos, estes pontos eram também mais diretamente relacionados com um skate pensado em escala regional, nacional e internacional. Ainda nesta configuração de uma segunda socialização no mundo do skate, era possível tomar conhecimento e parte em competições, fato novo que, primeiro, compõe o conjunto de informações e espaços descobertos (acessíveis e, no caso, acessados) e, segundo, contribui para uma nova modalidade de aprendizagem, o que retomaremos em seguida.

Significou, mesmo que não atentassem para isso os nativos, mais do que uma mera mudança de local de prática, essa “saída do bairro”. Significou, além do acesso a todo um conjunto de informações, da proximidade com skatistas experientes etc.,

uma mudança qualitativa como que tecnológica. Operada objetivamente pela característica geográfica, espacial e subjetivamente como um salto tecnológico, servindo aquela característica a este salto. Ao se incorporarem à nova configuração e a incorporarem como a um campo⁴¹ (dupla incorporação), os informantes passaram a se construir e a desenvolverem suas técnicas, apreendendo (somatizando), mais efetivamente ou não o que de válido e precioso se constituía como específico conhecimento prático (necessário) no/do mundo do skate. Retomarei, à frente, alguns dos conhecimentos componentes do referido mundo (campo), apresentando aqui os mais evidentes e constantes das falas dos entrevistados, principalmente aqueles que se relacionam com a chegada à nova configuração.

C: Eu **comecei a vê que eu podia conseguir um patrocínio**, que eu podia participa de um campeonato, sabe, que eu comecei a me sentir tipo skatista mesmo, que eu tava andando legal... (Crânio).

B: Onde tu andava?

C: Quando eu comecei, **eu comecei a andar com o pessoal da minha rua**, na Schüler. Com o meu irmão e a galera que andava ali. Daí, depois, **quando eu comecei a ir pra o quinta avenida, daí eu comecei a me identificar com o skate** mesmo.

B: Quinta Avenida Center, Panda e Mônio?

C: É. Daí, ali, todo fim de semana tinha..

B: Daí era Poupa, Goró, Táua, Poã,

C: É, Fernandinho.

B: Como é que era a cena do skate daquela época? Tipo, o que estava acontecendo? Quantas pessoas andavam, onde andavam, como andavam?

C: Ali tinha bastante gente que andava bem. Porque, na verdade, o pessoal que andava na minha rua estava aprendendo a andar... todo mundo... não se preocupava muito com a evolução, assim. Os cara tavam aprendendo a dar ollie assim.. e não chegava nem muita informação das manobras... não sabia o que fazer direito.

B: Não sabiam quais eram as manobras.

C: É, não sabiam as manobras. E na Panda e Mônio que eu comecei a ver, a saber as manobras, como é que era. E o nível da galera que andava ali era outro, tá ligado? Muito superior.

B: Pode-se dizer que foi ali que tu começou a aprender a andar de skate?

C: Sim. Com certeza.

B: Num processo de observação e imitação. Assim?

C: É. E referência, né? **Olhava a galera fazendo e começava a andar junto e ia aprendendo.**

B: E vídeo já? Já tinha naquela época?

⁴¹ Me utilizo da noção de campo empregada largamente por Bourdieu, onde “um campo é, do mesmo modo que um campo magnético, um sistema estruturado de forças objetivas, uma *configuração relacional dotada de uma gravidade específica* capaz de impor-se a todos objetos e agentes que penetram nela.” E onde “... da mesma maneira que um prisma, um campo refrata as forças externas em função de sua estrutura interna...” (Bourdieu e Wacquant, 1995, p. 24).

C: **Vídeo foi uns dois anos depois.** Eu lembro que até... na Plínio, onde era a Croco (antiga danceteria da cidade), ia ter uma premiére de lanç... na verdade não era. Né? Era uns três vídeos, assim, que a galera ficou a tarde inteira vendo assim, no telão... bah! **Aquilo ali foi uma loucura pra mim.** Depois o Mazola, assim, uma galera que tinha vídeo em casa... eu não tinha videocassete em casa... daí tinha o plan b 1, que a gente via. O Jean também tinha. Daí **a gente olhava aquilo lá e ficava louco pra andar.**

B: Por que tu começou a andar de skate? O que te levou a andar de skate?

C: Ah! Quando eu comecei a andar... na verdade, quando eu comecei a andar no Quinta Avenida, assim, quando eu comecei a acertar umas manobras, que eu comecei a aprender a andar de skate mesmo assim... que eu comecei a... o skate começou como todo esporte assim. A gurizada da rua andavam daí eu comecei a andar! Tipo, se ninguém estivesse andando ali, de repente, eu não ia ter acesso...

B: Não ia nem saber da existência...

C: Não, uma hora eu ia saber. Mas... fiquei sabendo naquela época, por causa daquela galera que andava ali. Então, foi muito próximo, entendeu?

B: Depois, num segundo momento aí, tu foi um cara que despontou, que chegou ao nível de um profissional... como foi essa segunda aprendizagem? Que talvez alguns dos caras que andavam contigo não chegaram...

C: Tipo, depois que eu comecei a aprender e comecei a pegar gosto.. e comecei a amar o skate, entendeu? É tipo... eu mantive... é um sonho. É uma meta, mas é um sonho... ser profissional. Então, eu comecei a correr campeonato, depois que eu arrumei patrocínio... foi um segundo passo. Porque até então, era só diversão, era só andar de skate, se divertir, andar com a galera... depois que eu arrumei o primeiro patrocínio, começou a me dar força pra... (Cauê).

Daí, a gente ficava brincando ali. Já peguei um gosto. Daí, quando a gente se mudou para a Cavalhada, tinha uma pista aberta assim, aquela CSB. Daí, bah! Eu fiquei viciado, né, meu? **Olhava os maluco andar no bagulho, o bagulho era o que eu queria fazer.** Não sei porque... (FERA).

Depois comecei a ver que dava pra pular rampa, que tinha essas rampas que os caras faziam na Panda & Mônio. Os jump. E começava a aprender e pegar as manobras, assim. E **os outros ensinando, né?** (Goró).

B: Aí, foi quando tu começou a aprender, vamos dizer assim, né? aí, teve outro momento, em que tu já tava **pensando em te profissionalizar**, em patrocínio, que é **outro tipo de aprendizagem... talvez.**

R: Aí, é **bem diferente. O cara tem que se dedicar...** de outro jeito, né? tem que... **tem que ir pra campeonatos**, tem que fazer um monte de coisas, **tem que tá sempre em volta do skate** (Romeu Duran).

B: Tu acha que pode ter sido um pouco isso, de que nos bairros, a galera parou de andar e ficou só o Goró do Bom Fim, o Billy da Floresta, o Cauê do Petrópolis... ficaram sozinhos e iam se reunir na pra da Matriz...

G: É, na verdade, antes todo mundo se reunia pra andar na vinte e quatro de outubro, né? daí, meio que acabou a cena ali e, tipo, a gente procurava um lugar que pudesse andar de skate e que, tipo, pudesse andar tranquilo. A Matriz era um lugar que era liso e tal e era no centro, entendeu? Tipo, podia ir todo mundo, era de fácil acesso e começou a ir todo mundo pra lá... (Goró).

Os informantes passaram, assim, a se “sentirem skatistas”, ou seja, a internalizar esquemas de percepção, apreciação e ação⁴². Passaram a reconhecer suas posições (ser skatista) dentro do universo social mais amplo e a buscar outra mais privilegiada no interior do mundo social do skate – “eu comecei a vê que eu podia conseguir um bom patrocínio”. Bem verdade, muitos caminhos poderiam ter sido seguidos no caso de um dos informantes confrontar-se com a extinção do skate em sua configuração local ou com uma configuração central. Entretanto, no caso dos entrevistados, o caminho foi seguir andando e na busca por patrocínios.

Em quinze de janeiro de 2006, por exemplo, conversei com 31 pessoas na Pista do IAPI, realizando uma enquete e um dos temas da conversa foi a possibilidade de patrocínios. Mesmo tentando evitar generalizações e interpretações forçadas, não posso deixar de lançar luz sobre o fato de que a impressão com que saí da pista era a de que o campo emanava uma tendência à participação em competições, ao universo das fotografias e filmagens, aos patrocínios. Essa tendência, se materializou em uma resposta positiva de 7 (dos 26 homens) skatistas à perguntas referentes a objetivos “profissionais” com o skate ou “patrocínios”. Porém, alguns outros responderam negativamente, sob o coro de colegas afirmando seu interesse, ressaltando boas colocações em competições e provocando rubor nos meus interlocutores. Os limites dos meus dados, por ora, não me permitem ir além nessa questão e seria forçoso dizer que de uma configuração local, daria-se um salto para a possibilidade de patrocínios.

Bem verdade também que muitos daqueles que compunham as configurações locais de onde são provenientes os informantes privilegiados desta pesquisa não seguiram a andar de skate ou pelo menos não o fizeram/fazem como sua principal atividade, podendo terem seguido andando sem visar às competições e aos patrocínios. Este é um dos traços comuns e diferenciais dos informantes desta pesquisa, ao “saírem do bairro”, ao se integrarem a pontos mais centrais e centralizadores do skate, vestiram as cores do campo e partiram na busca dos saberes necessários para a realização do projeto coletivamente comungado mas só individualmente realizável: “estar tranqüilo. Poder andar de skate sem stress. Viajar quando eu quiser, fazer o que eu quiser fazer...” (Guto).

⁴² O que Bourdieu chamaria de *habitus*, e o que poderia causar algum tipo de discussão (sobre a unicidade de tais esquemas). Entretanto, não caberia discussão acerca do sentimento de pertença e

Ao participarem (fazerem parte) da configuração mais central do skate, os informantes procederam, de forma diferente cada um, a apreensão de uma nova modalidade de aprendizagem. Dois aspectos me pareceram mais marcantes nessa aprendizagem, um está ligado ao como fazer, ampliando as fontes de informação e qualificando comparações ao coexistir e competir com outros skatistas, tão ou mais experientes e hábeis que eles mesmos; o outro está ligado aos tipos de atividades e ao reconhecimento de tempos e espaços privilegiados para performances e aprendizagens. Passam a ocupar grande importância as referências indiretas para a mimetização, vídeos e revistas, assim como o desenvolvimento do estilo próprio de cada skatista. Aliada à mimetização se coloca a marca individual.

Estilo (ou “style”) é um termo nativo muito corrente na linguagem dos skatistas. Os esquemas de percepção e apreciação dos skatistas lhe valoram positivamente, podendo ele representar tanto uma simples avaliação/aprovação – isso ou aquilo é “style”, ou seja, é bom, interessante, bonito, de grande valor; quanto podendo alguém possuir o “style”, o estilo, assim o sujeito objeto de avaliação seria referido como alguém que “tem estilo”, o que bastaria para que se compreendesse que seu estilo é bom, interessante, bonito (principalmente ao skate), ou como alguém que não tem estilo ou que tem um estilo ruim. Como valor mais especificamente relacionado à prática em si, o estilo pode ser considerado como uma fluidez tanto em uma manobra como em um conjunto seqüencial de manobras. O sentido do uso do termo estilo só pode, então, ser apreendido num contexto tal que permita sua particularização. No decorrer das entrevistas pude encontrar diversos usos do estilo.

C: cara, eu acho que assim, quando tu entra no mundo do skate, tu começa a ver vídeo, tu começa a ver marca, tu começa a conhecer atleta, campeonato, entrevista e tudo, tu começa a ter estilo, tu começa a te interessar por música que tem a ver com skate, ou sei lá... (Crânio).

C: Ah, quando eu comecei a andar e comecei a pegar um nível, tipo, aprendi a andar de skate, assim... aí, tipo, fui colocando características minhas, assim... tipo, meu estilo, fui mudando, né? aí, tipo, passado um tempo, comecei a filmar também. Daí, eu olhava e me via, né? daí, tipo... (Crânio).

B: Via outros, também e fotos...

C: É, então. Daí, tipo, eu queria mudar... eu comecei a mudar meu estilo, meu jeito, como eu gostava de andar de skate (Coral).

do que Mauss chamou de idiosincrasia social, o fato de percebermos disposições comuns a um coletivo, maneiras de sentir, reagir, próprias dele.

B: O que é o estilo?

C: O estilo é... é a leveza que o cara tem pra andar, o jeito que ele dá a manobra.

B: Podia ser traduzido assim, como uma fluidez?

C: Fluidez, também.

B: Ele continua, assim... como se estivesse andando numa rua, assim...

C: Porque tem gente que anda... meio quadradão, assim, meio duro pra andar.

C: O Teixeira. O Rodrigo, ele é uma cara que tem muita facilidade pra andar também... mas tipo o Ferrugem... é um cara que anda muito, dá muita manobra... mas tem um estilo,... ele levanta muito os braços, sabe? Porque o legal, quanto menos tu mexer os braços... o piolho também, ele tem uma facilidade boa, ele anda bem em pistas. Mas... ele... tem um estilo diferente... que tem muita gente que não gosta (Cauê).

B: O que é a identidade da marca? O que é uma marca que tem uma boa identidade e como ela escolhe os atletas?

G: Depende... se tem um cara que tem um estilo mais punk, assim, tipo a Volcom, que tem o Galera, o Bianco uns caras que é mais esse estilo assim... daí tem a Venom, que é outra identidade, daí já tem eu, o Goró, o Bambam... entendeu?

B: E o Lauro anda bem?

I: O Lauro... demais!

B: É mesmo? Fala um pouco do Lauro aí, tipo, do skate dele.

I: Ah, tipo, o skate do Lauro é completamente diferente do skate de qualquer outra pessoa. Tipo, ele anda de skate rindo e tal. É um estilo diferente, tá ligado?

B: A galera gosta do estilo dele?

I: Ninguém nunca falou mal dele pra mim... risos (Ilton).

L: Putz, sei lá. Eu achei que eu tinha uma afinidade, não sei porque. Mas eu curti pra caramba os skatistas, também, que é muito style. Mas aí, eu fui, eu fui e até hoje eu tô aí, andando ainda, me empenhando bastante, pra chegar no lugar que eu quero e pá...

B: O que tu quer dizer com style?

L: Style... na real, curto mais os caras que curtem mais o *rock* e tal... mas também curto os caras do *rap*, os que andam de skate de calça larga... mas de calça mais justa e tal... acho muito style os caras...

B: Style, então, quer dizer o estilo do cara, um mais *rap*...

L: É... só que eu curto mais umas paradas mais sossegadas... eu gosto de *rock*, também...

B: Tu gosta de *rock*? O que tu gosta de ouvir?

L: Gosto bastante.. ah, ié-ié-yes, Placebo, ah, tem várias.. antes eu gostava de Metallica, também. Tem várias. Tem várias músicas sossegadas, também, Guns n' Roses... e tal. The subways... Black Sabbath, Led Zeppelin... depende de cada momento...

B: Mas teu skate é mais técnico, né?

L: É mais técnico...

B: Digamos assim, eu poderia dizer que o *rap* tá ligado ao skate mais street, mais técnico e o *rock n' roll*, ao skatista mais vert, mais no gás?...

L: Também... é, isso também. Eu curto, também, andar no gás, nas mini ramps... por isso que eu curto o *rock n' roll* (Lauro).

O estilo é, assim, mais do que uma maneira de fazer referência a um detalhe na maneira de alguém fazer algo (embora o possa ser também), a um tipo de música etc. O estilo (*style*) é a distinção no interior da distinção, no caso do universo

estudado. Ao estilo de vida dos skatistas, correspondem estilos de ser skatista. Nenhum skatista pode ser mais skatista que outro, mas podem ser diferentes. Não poderia empreender uma taxinomia, uma classificação sistemática, dos estilos, mas posso localizar os mais evidentes. O farei a partir da observação de uma competição profissional realizada no início de 2006, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, cujos prêmios estão entre os maiores do país e que, nesta edição, ganhou o status de etapa mundial. Mais ainda, a partir das músicas que os próprios competidores escolheram para as suas apresentações. Saltam aos olhos dois estilos completamente diferentes. Mais especificamente, remetem a um conjunto diferenciado de preferências, no vestir, no “tipo” de skate praticado e nas músicas selecionadas (indubitavelmente a partir do gosto musical de cada competidor, este desenvolvido também sem dúvida a partir da interação com seus pares). Falo do skate “punk” e do skate street.



Cida e o estilo *street*
Figura 4

Logo no início da competição, atentei para o fato de que as pessoas que se localizavam nas arquibancadas não estavam ali para “torcer” por um ou outro skatista especificamente. Mas que assistiam ao skate em geral, se manifestando de acordo com o desempenho dos competidores, independente de quem fossem (salvo poucas exceções). Logo num segundo momento, identifiquei que existiam duas classes de manobras que recebiam maiores manifestações, assim como duas classes de manifestações: saltos = aplausos desritmados, risadas e gritos isolados (Urrul!!) e manobras técnicas = palmas fortes, numerosos gritos (uouu!!, yeah!!) e bater com o skate contra o ferro dos parapeitos e contra as arquibancadas. Era um primeiro indício dos estilos e da distinção no interior da distinção.

Comentário de meu vizinho de arquibancada: “é, boa manobra, mas ele não tem estilo, é todo duro”. É uma pessoa ligada ao *street skate*, aos seus olhos falta fluidez ao skatista em questão.

O momento em que “saltou” aos meus olhos uma espécie de fronteira entre os estilos foi quando demos todos por falta de algum competidor à pista. Silêncio... o narrador da competição havia anunciado um skatista conhecido e antigo no skate. Ele está com o skate no pé, pronto para começar sua exibição. Silêncio... ele só começará a andar quando a música estiver “rolando”. Silêncio... começa a música. Um *rap*, cantado em inglês, com a batida forte e lenta. Ele deve começar a andar. Não. recua, tira o pé do skate e volta os olhos para a cabine de som. Não se ouve o que ele diz. Silêncio... o skatista balança a cabeça negativamente. Está vestindo uma calça justa e camiseta curta, usa boné pequeno. O narrador diz ao microfone “agora, sim”. *Rock’n’Roll* nos alto-falantes. O skatista inicia sua exibição, seu skate corresponde a um estilo que “não pode” ser combinado com o *rap*.

Embora o skate “*punk*” tenha se incorporado ao *street skate*, ele guarda características da “*old School*” articuladas com manobras específicas do *street skate*. *Old school* é como se costuma chamar uma específica maneira de “ser skatista”. Está ligada à “velha escola”, à manobras antigas, muitas das quais já caíram em desuso ou que não tem apelo junto aos skatistas mais jovens, e à utilização de espaços como *bowls* (piscinas vazias) e mini ramps. Representa um pouco de saudosismo e da manutenção de laços do skate com o surf (até certo ponto). Do que se correlacione com o *punk*, a *old school* lhe legou principalmente o gosto por manobras de borda de rampas, saltos e grande velocidade ao andar de skate. Assim, os skatistas identificados (em maior ou menor grau) com o skate *punk*, andam de skate nas pistas das competições buscando “encaixar” seu estilo. Na mesma rampa onde um skatista *streeter* realiza uma manobra técnica, o *punk* dá um salto. O que o *streeter* faz lentamente e com destreza, o *punk* faz com velocidade e sem maiores cuidados estéticos (do ponto de vista do *street*). O skatista identificado com este estilo usa roupas pretas, calças justas, cintos de couro, camisetas com as mangas cortadas. Se parece com um *punk* ou com um cantor de *rock*.

O *street skate* se caracteriza por estar como que fundido no estilo das competições (da maioria delas). A própria pista imita o mobiliário urbano: escadas, corrimões, degraus, rampas de acesso à garagens. O skatista do *street* está “em casa”. As músicas que mais tocam são *rap*’s, a música do *streeter* por excelência. A

platéia se mobiliza com maior facilidade pelas manobras técnicas, as mais características dos *streeters*. Calças largas, com os fundilhos quase até os joelhos, camisetas larguíssimas, bonés grandes e coloridos, correntes, penteados afro, essas são as vestes dos skatistas do *street*.

O skatista *street* vê o universo de seu estilo crescer a passos largos, o punk luta para manter vivo seu skate e reluta em ver desaparecer suas manobras, o gosto pelo seu estilo musical, seu modo de vestir.⁴³

Retomando a questão da aprendizagem, importa, para a nova modalidade de aprendizagem, a natureza, o tipo e a qualidade, das atividades em que se envolvem os skatistas e elas mudam em significativamente em relação à configuração local. As atividades quotidianas passam a ser encontros nos pontos centrais visando a andar de skate e trocar informações e entram em cena *sessions*⁴⁴ (algumas delas, verdadeiras caças ao “tesouro” pela cidade), competições, sessões de fotografias e filmagens. Os informantes estreitam laços com outros skatistas, passam a freqüentar *sessions* e competições juntos, ficam sabendo da presença de fotógrafos e videomakers e vão ao encontro deles e isso torna-se um componente da nova aprendizagem. Nas palavras de Damo,

em todos os esportes, a dimensão vivida das experiências possui um valor diferenciado. Não é apenas tornar músculos mais possantes que existe algo como a formação profissional, mas para dar conta de uma economia política do campo que perpassa o domínio mecânico dos gestos (1995, p. 305).

Então a nova modalidade de aprendizagem não poderia deixar de fazer lembrar o conceito de *habitus*, essa “subjetividade socializada” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 87) que só pode aqui servir como instrumento de entendimento se pensado como tendo entre seus componentes a forma de apreensão prática e eficaz do mundo social. E apesar de o *habitus* mesmo não

⁴³ porém, estamos atentos ao fato de que a questão que envolve os estilos jovens merecem o cuidado de não generalizar suas manifestações em estudos da natureza desse, assim, como merecem o cuidado de não repetir “... alguns estudos, sobretudo aqueles de caráter mais etnográfico” que “correm o risco de tomar ‘estilo’ por ornamento, excluindo qualquer possibilidade de tensão na constituição da identidade do grupo”, pois, “muitas vezes, ficamos com a impressão de que existe um grande supermercado de estilos jovens, onde, nas prateleiras, encontramos os ornamentos correspondentes” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, pp. 33-34, grifo das autoras).

⁴⁴ *Sessions* são verdadeiras caças ao tesouro pelas ruas de uma cidade. Skatistas reunidos, geralmente em grupos pequenos, saem sem rumo certo pelas ruas da cidade em busca de espaços para andar de skate.

definir posições dentro do campo (e, sim, o volume global e específico dos capitais dos agentes), sendo ele um sistema de disposições, observo que, no caso particular da realidade que investigo, a incorporação de disposições no sentido de: a) reconhecer e acessar informações pertinentes e conversíveis em capital incorporado (filmes, fotos, revistas etc.) e b) estar (querer e conseguir) nos espaços e tempos que se reconhecem como privilegiados no universo em questão (pontos centrais, *sessions*, competições, sessões de fotografias e filmagens, sobretudo), torna-se uma característica fundante do estilo de vida destes skatistas que tem como atividade principal andar de skate (que são profissionais do skate ou estão em vias de sê-lo). Sendo que, ao longo do tempo, os objetos destas disposições e sua acessibilidade e manipulação tornam-se capitais importantes, verificando-se que em função deles se dá parte significativa da distribuição dos agentes no campo.

Sobre a nova modalidade de aprendizagem, além de como, quando e onde, também é relevante que ela traz consigo um princípio de apreciação sobre **o que** aprender. Ou seja, o que é válido o suficiente para que se invista (tempo, dinheiro etc.) em sua apreensão e/ou incorporação. Em minha conversa com Crânio, ficou claro que o ineditismo é algo de valor no universo do skate, mesmo um “inédito de segunda mão”. Logo que as possibilidades de se inventar uma nova manobra são limitadas, é válido também estar atento a vídeos e revistas, sobretudo estrangeiros, a fim de “descobrir” uma nova manobra e passar a incluí-la em seu repertório, sendo por isso reconhecido e valorizado. Mas não só a simples imitação, mesmo de uma manobra inédita, é apreciada. Mesmo correndo o risco de sugerir algum etapismo, o que não pretendo, poderia dizer que após o skatista aprender manobras básicas e fáceis (nas configurações locais, na vizinhança), ele passa a (no caso deste trabalho, quando acessa uma configuração mais central ao skate) aprender manobras de graus mais difíceis de execução e a buscar manobras inéditas (mesmo que de segunda mão) e isto começa a criar para si uma diferenciada identidade individual, o que seria a “última etapa”, como fica claro nas falas de Coral e de Goró:

C: Ah, quando eu comecei a andar e comecei a pegar um nível, tipo, aprendi a andar de skate, assim... aí, tipo, fui colocando características minhas, assim... tipo, meu estilo, fui mudando, né? (Coral).

G: Na verdade, assim, a gente tá sempre esperto, a gente tá sempre sabendo de tudo que é novidade que sai em tudo que é lugar do mundo. Vídeos novos que saem de skate, sai todo mês vídeo novo, tem que estar sempre vendo. Hããã.. e, como hoje em dia tu já tem uma certa habilidade com o skate, pode criar, né, cara? Então, “pô, consigo dar tal coisa ali, consigo, de repente, dar essa manobra que ninguém deu”. Então, por si próprio, tu pensa na tua cabeça e vai e dá uma manobra.

B: Tu já inventou alguma manobra?

G: Pô, eu já dei uma manobra que... não que eu tenha inventado uma manobra, mas uma combinação de manobras que eu nunca tinha visto ninguém dar...

B: Tipo, dá um exemplo...

G: Shovit nose grind de front, reverse de back. Tipo, o que mais? De repente alguém já tenha dado, mas eu nunca tinha visto, sabe? Talvez, alguém, em algum vídeo, em algum lugar já tenha dado, mas eu nunca tinha visto. Um dia eu dei também shovit grind de front.. que mais? (Goró).

Assim, não por acaso escolhi o extenso título deste sub-capítulo. Pois o percurso individual, porém percorrido pelo conjunto dos entrevistados, foi o de 1) continuar andando de skate, ou inclusive de começar a andar de skate, na precarização das condições, ou seja, na(s) baixa(s); 2) de “sair do bairro”, de incorporar-se a uma nova configuração mais central ao skate e passar a incorporá-la como a um campo, campo este rico em exemplos a serem mimetizados, prenhe de informações, que faz circular mídias e é composto por tempos e espaços diferenciados; onde se encontra, cria e/ou recria estilos diversos entre si de ser skatista e 3) de apreender (somatizar e desenvolver) uma nova modalidade de aprendizagem, apoiada em uma modalidade anteriormente apreendida (mimética), mas amplificada quantitativa e qualitativamente em fontes de informação e exemplos e diretamente ligada aos tempos e espaços (ao seu reconhecimento e vivência) da nova configuração – é o que pode ajudar a entender a genética do campo ora discutido, o universo social do skate, a partir do “grupo” investigado.

3.3 SKATE E ESTILO DE VIDA: A CONSTITUIÇÃO DE UM GOSTO, DE UM CONJUNTO DE DISPOSIÇÕES E CAPITAIS E SUA INCORPORAÇÃO

O modo de pensamento relacional e analógico favorecedor do conceito de campo outorga a faculdade de apreender a particularidade dentro da generalidade e a generalidade no interior da particularidade... (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 48).

As construções teóricas a partir das noções de estilo de vida, *habitus*, disposições, campo e capitais, sobretudo a partir do pensamento de autores como Bourdieu, como dito anteriormente, já chegaram à área da Educação Física, do lazer e dos esportes. É inspirado por uma delas que se desenvolve este sub-capítulo.

Partindo-se do princípio de que um sistema de disposições para a prática, qualquer que seja, mobiliza o sujeito enquanto totalidade, a investigação acerca de como se dá a incorporação das disposições necessárias à prática do futebol profissional haverá de detalhar, a partir de casos concretos, o processo de constituição de uma modalidade de capital corporal (DAMO, 1995, p. 47).

Embora não seja necessário que haja qualquer referência à mobilização do sujeito enquanto totalidade⁴⁵, como trato aqui da incorporação de um conjunto de disposições e capitais e da constituição de um gosto, não se pode fugir ao detalhamento do processo de constituição da específica modalidade de capital atinente ao universo social do skate. Parte desta tarefa começou a ser feita nos sub-capítulos anteriores, onde os aspectos históricos foram descritos, como o componente instabilidade estrutural do campo. É necessário que se parta aos traços contemporâneos, aos processos de constituição do campo, do *habitus*⁴⁶, das disposições, dos capitais e do gosto.

⁴⁵ “Socialmente,... o corpo passa por estados diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou hábitos heterogêneos e até contraditórios” (LAHIRE, 2002, p. 22), assim como “cada homem está mergulhado, ao mesmo tempo ou sucessivamente, em vários grupos” (HALBWACHI apud LAHIRE, 2002, p. 31).

⁴⁶ “esquemas geradores de classificações e de práticas classificáveis que funcionam na prática sem chegar à representação explícita, e que são produto da incorporação, sob forma de disposições, duma posição diferencial no espaço social” (BOURDIEU, 1991, p. 114).

“...um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de sistemas...” (BOURDIEU apud SETTON, 2002, p. 62).

Não sem uma lógica, os informantes desenvolveram um gosto específico pelo skate. É o que principia sua diferenciação no espaço social, seu estilo de vida. Ou seja, o gosto é “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida” (BOURDIEU, 1983, p. 83, grifo do autor). Uma vez que se reconhece que não a “contragosto” houve o interesse e a permanência no skate, se poderia dizer que isso se deu “a favor” do gosto⁴⁷. Essa é a questão, embora não possa regredir ao “nascimento” do gosto (e nem penso que seja necessário), não há como não localizá-lo na gênese do estilo de vida. Esse gosto pelo skate é também um gosto pela socialização que o universo do skate proporciona. Tal fato é ressaltado por Stigger, para quem

... as atividades esportivas oferecem referências para que os indivíduos organizem a sua vida social, sendo desenvolvido, nesse convívio, um processo de socialização dos participantes dos grupos, os quais – ao viverem coletivamente – passam a compartilhar maneiras de estar no mundo, que são expressas tanto dentro quanto fora do campo de jogo (2002, p. 245)⁴⁸.

Este aspecto fica claro no contexto empírico aqui estudado, quando um dos informantes é questionado sobre quais seriam as melhores coisas do skate; segundo ele:

⁴⁷ Quando perguntados sobre o motivo pelo qual haviam iniciado a andar de skate, os entrevistados deram respostas como: “F: Daí, bah! Eu fiquei viciado, né, meu? Olhava os maluco andar no bagulho, o bagulho era o que eu queria fazer. Não sei porque...”

“G: ah, não sei. Uns bagulho estranho. O bagulho foi muito forte.”

“I: eu também não sei... risos. Porque... ah, não tem nem como explicar, um negócio meio estranho. Quando eu botei o pé em cima do skate, já veio tipo uma paixão assim muito forte... já ficou.”

“L: putz, sei lá. Eu achei que eu tinha uma afinidade, não sei porque. Mas eu curti pra caramba os skatistas, também, que é muito style.”

⁴⁸ Aludo ao fato de que nenhuma das pesquisas que tomei conhecimento se preocupou em tratar especificamente da transferibilidade ou da transponibilidade de disposições incorporadas em práticas esportivas, salvo algumas generalizações feitas a partir de configurações muito específicas, sem variação praticamente, ligadas ao profissionalismo. Embora observe uma tendência geral a pensar que “o espaço dos esportes é simplesmente ‘homológico’ aos outros espaços sociais...”, que “explorá-lo leva-nos a melhor compreender esses espaços, exatamente como explorá-los leva-nos a melhor compreendê-los” e que, quando se utilizam referências Bourdieuanas, “outra palavra dá mais sentido ainda a essas convergências, aquela do *habitus*, ‘uma subjetividade socializada’, diz Bourdieu, ou ainda ‘social incorporado’, lei ‘inscrita’ no corpos [sic] (lex insita), dispositivo sociocultural feito corpo, aquele que todas as influências sociais introduzem no organismo para fazer dele uma delimitação de referência que estrutura e é estruturada” (VIGARELLO, 2005, pp. 190-191, grifos do autor).

I: (De bate e pronto): as amizades.

B: Tem mais alguma? Pode falar um pouco disso?

I: como assim?

B: Tu conhece gente, fica amigo de pessoas, daí tem as viagens...

I: Ah, tipo, amigo das pessoas... tu conhece mais as pessoas quando tu vai nos campeonatos. Daí tu vê quem é a pessoas, mesmo. Se as pessoas te convidam: “ah, vamos ficar no hotel junto e tal”, daí, tipo, “ah, vamo aí”. Daí, tipo, se a pessoa já convida mais alguém que tu não conhece e daí tu já vai ficar amigo da pessoa. Até de repente nem fica amigo, mas tu já conhece a pessoa. E tu vai fazendo bastante amizades (Ilton).

B: Por que tu começou a andar de skate?

G: Meu, por isso, daí por influência dos outros, assim, dos caras da rua me chamarem. “ó, vamo ali, vamo andá, vamo fazê alguma coisa... (Goró).

Assim como o gosto também é desenvolvido junto com um sentido de diversão e de aventura.

D: Skate, para mim, sempre foi diversão... com meus irmãos... era muito louco, a gente saía andando... a gente juntava um grupo e saía andando, roubar compensado na época de eleição, aqueles bagulho de banner aí, de políticos... fazer rampa. O mais louco era isso, era andar de skate todo dia e naquela época, eu nem sabia que rolava dinheiro... (Dadinho).

F: Comecei a andar porque dava pra pular. Dava pra pular alto, assim, pular distante.... certo que era pra pular, porque na época era só uns rampão, ficar voando.... (Fera).

Este gosto, esta propensão, serviu para manter na condição de skatistas (andando de skate) os entrevistados, sendo que um sentido mais comum, mais coletivo, veio fruto daquela segunda socialização de que falava. Assim, foi nos pontos mais centrais ao skate que desenvolveu-se o caráter específico dos sujeitos que contribuíram com este trabalho.

Os pontos mais centrais são o palco dos atores que nos servem de recorte da realidade, do universo social do skate. Como dito anteriormente, este palco (campo) foi incorporado pelos informantes e os incorporou. À maneira de Bourdieu, entendo que “um campo está integrado por um conjunto de relações históricas objetivas” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 23), existindo numa “objetividade de primeira ordem”, estabelecida pela distribuição dos recursos materiais e” pelos “modos de apropriação dos bens e valores socialmente escassos (espécies de capital, na linguagem técnica de Bourdieu)” (WACQUANT, 1995, p. 18, grifos do autor). O campo, no caso da abrangência desta pesquisa, é o ponto central ao skate (Pista do

IAPI, Praça da Matriz), é a *session*, a sessão de fotografias, de filmagens, a competição, as viagens para competições e sessões de fotografias e filmagens, os encontros na casa de um (ou de uns) ou outro ator⁴⁹. Assim como é o próprio skatista parte do campo e ele parte do skatista. E não somente os skatistas são agentes deste campo. Mas também não seria equivocado, sob determinado ponto de vista, dizer o contrário, uma vez que noto que grande parte dos agentes, sejam quais forem seus papéis, é ou foi skatista. Além de skatistas, há a imprensa especializada, repórteres, editores, fotógrafos, vídeo *makers*, os dirigentes (Associações, Federações, Confederação) e os empresários (ou as pessoas das empresas, distribuidores, team meneagers, vendedores, gerentes), porém não poderei abarcar a totalidade desses agentes neste estudo.

B: Eu tenho dito que a vida de um profissional tem um tripé: 1. Participar de competições; (o skatista concorda com a cabeça durante toda minha descrição) 2. Filmar e tirar fotos para revistas e vídeo magazines; 3. Viajar para fazer demonstrações para as marcas que patrocinam o skatista. Esse seria o tripé da vida do skatista?

G: Isso. Mas sempre junto da demo (demonstração) tem a sessão de autógrafos. É um lance meio de praxe. Agora eu tô há um mês e meio, agora, todo fim-de-semana viajando o Brasil inteiro, fazendo demos...

B: Pode se dizer que essa descrição que eu fiz, do tripé, que ela é...

G: Perfeita.

⁴⁹ À medida que um skatista vai sendo reconhecido, ele vai também obtendo mais patrocínios. Essa mudança traz conseqüências diretas sobre a organização de sua vida. Quanto maior o número de patrocínios ou mais importantes eles sejam, menos atividades livres (*sessions* ou idas à pista, por exemplo) vai poder desfrutar o skatista. Na proporção inversa, aumentará a quantidade de atividades monitoradas e com fins não imediatamente ligados a simplesmente andar de skate (sessões de autógrafos, competições, demonstrações organizadas pelos patrocinadores, filmagens, etc.):

B: Como é a vida de um skatista desses que vivem do skate? Pois como tu dissesstes, há alguns que sequer são profissionais, da categoria profissional, mas que já vivem do skate, já tem como profissão ser skatista... como é o dia-a-dia desse cara? Ele lembra... vai treinar... ele treina? Etc...

G: Um profissional mesmo? Que vive do skate? Não da categoria profissional, mas um cara que vive do skate?

B: Isso.

G: Ah! ... cada vez mais programada, entendeu? Eu sei o que eu vou fazer em no mínimo... um ano... dois.

B: Mas o que é que tu faz?

Goró (mostrando um pouco de impaciência): pô, cara! Uma série de agendas... desde competições, até... fotos, filmagens, viagens...

Não fujo aqui de falar em uma trajetória individual mas coletiva⁵⁰, uma vez que o próximo passo é tratar das disposições e dos capitais (assim, do *habitus*), pois “a proximidade no espaço social [ora, são skatistas!]... predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, seus gostos) e mais inclinadas a se aproximar; e também mais fáceis de abordar de mobilizar” (BOURDIEU, 1990., p. 25, grifos do autor). Quero dizer com isso, que estou tratando de um grupo, não que ele se organize como um obrigatoriamente (embora esporadicamente o faça), mas que “funciona” como um, logo que comunga de uma mesma gama de disposições e gostos, que se mobiliza em função dos mesmos capitais, que frequenta os mesmos espaços e tempos (campo).

Mesmo assim, não posso deixar de ressaltar que, como grupo, ou como “amostra”, os entrevistados guardam suas especificidades (iguais, mas diferentes). Um evento pode ser muito elucidativo acerca do que digo. Trata-se de duas referências de uma mesma pessoa sobre outras duas. A companheira (Maria) de um dos skatistas que entrevistei estava comigo, enquanto esperava para uma entrevista, quando se apresentou o tema da iminente mudança que seria feita pelos moradores da casa dos skatistas. O motivo da mudança era o interesse da mãe de um deles no imóvel em que eles residiam, para servir à abertura de um restaurante. Indaguei sobre o assunto, ao que o skatista respondeu-me que seria outro restaurante oriental, visto que sua mãe já era proprietária de um. Maria questionou-o sobre quando se daria uma nova oportunidade de ele preparar-lhes sushis. Fiquei surpreso com a notícia, o interlocutor era sushi-man. Mais tarde, após as entrevistas, retomei a conversa com Maria e logo o assunto passou às características de outro skatista e à sua dificuldade em se adaptar às novas exigências do convívio na casa. Me foi relatado de sua inaptidão para com a lida das coisas mais simples, sob o ponto de vista da relatora, como manter arrumado e limpo seu quarto ou fazer as refeições nos horários e de acordo com algum equilíbrio dietético. Seu comentário sobre a dieta do skatista foi taxativo: “ele só come pão com ovo, eu só vejo ele passar do supermercado com uma sacolinha com pão e ovo”. As trajetórias sociais dos

⁵⁰ Lahire (2002, p.157) aponta para uma estratégia utilizada por sociólogos para escaparem da necessidade de ir aos dados e evidenciar/aprofundar suas reflexões, a do uso de oxímoros, combinação de palavras que têm sentido radical ou parcialmente opostos (estratégia inconsciente, intencionalidade sem intenção, finalidade sem fim, são os exemplos que ele pinça de Bourdieu e

skatistas citados já me eram conhecidas e nesse momento pude realizar um contraste bem evidente, o “pão com ovo” e o “sushi-man”.

Não deixo de concordar com Setton, para quem o *habitus* “é uma noção que [...] auxilia a pensar as características de uma identidade social...” (2002, p.61), mas sem ir à prática, a exemplos práticos, esta noção perde sua força, ou seja, “...não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada...” (BOURDIEU, 1990, p. 15).

De certa forma, este grupo estudado se diferencia no mundo social do skate por uma característica principal, ter patrocínio, receber dinheiro (ou outras vantagens materiais) para andar de skate. Digo de certa forma, pois essa característica não é uma aleatória marca distintiva, é muito bem localizada, consequência de uma maneira específica de se relacionar com tudo que há no mundo do skate. Tal maneira, creio, está intimamente ligada a uma série de determinantes sociais, as quais discuto aqui como disposições e capitais, a partir de casos concretos.

Na primeira oportunidade em que pude ter contato com a noção de disposição, a primeira idéia que me ocorreu foi a de **estar disposto a, tender a**, e acredito que após ter conhecido de forma mais aprofundada aquela noção, essa idéia não me parece destoar. Diversos são os indicativos de que assim o seja, tanto advindos dos textos acessados quanto do trabalho de campo.

Assim pensado, sendo o *habitus* um conjunto de disposições, escapa da possibilidade de servir a algum determinismo, logo que “é um *mecanismo estruturante* que opera de dentro dos agentes, ainda que seja... nem estritamente individual nem por si só completamente determinante das condutas” (WACQUANT, 1995, p. 25). Uma segunda experiência parecida aconteceu com a noção de capital, já familiar pelo uso largamente difundido pelo senso comum jornalístico e político como algo que se detém. Em Bourdieu, o capital além de receber especificidade (social, cultural, econômico, simbólico etc.), ganha a característica de existir sob a forma incorporada, sobretudo o capital corporal⁵¹. Sua incorporação é decorrente da experiência social, intimamente ligada e correlacionada com as posições ocupadas

Wacquant). As discussões que seguem, neste texto, tentam mostrar o que há de individual e o que há de coletivo nas trajetórias.

⁵¹ “o capital cultural tem por propriedade específica a de existir sob o estado incorporado, sob forma de esquemas de percepção e de ação, de princípios de visão e de divisão, de estruturas mentais” (Bourdieu, 1991, p.117).

nos campos palcos destas vivências. A especificidade do capital em voga, uma modalidade de capital cultural, é corporal ou nas palavras de Wacquant, “capital esportivo” (2002, passim). Mas seria insuficiente dizer apenas isso sobre ele. Prefiro falar em capitais, onde um deles e talvez (apenas talvez⁵²) o corporal⁵³ (técnico) seja o mais importante. Como ilustra a fala seguinte, de um skatista ressentido por ter “perdido” seus patrocínios, porém ignorando a possibilidade de aqueles “farsas” oferecerem algo (capitais distintos do corporal) além de suas manobras aos patrocinadores:

F: Tu tinha que ver mais o skate, porque tem muito neguinho farsa no meio. Muito, muito, muito. Cara que não anda de skate, não dá nenhuma manobra.... daí vai lá e se prostitui, tá ligado? Que eu falo que é prostituição! O cara vai lá, tipo, chega na marca: ah, eu sou o cara, corro campeonato.” Na realidade, o cara não dá nenhuma manobra...

Estas duas noções (disposição e capital) estão imbricadas entre si e com a de *habitus* e de campo, “os conceitos de *habitus* e campo são relacionais, posto que só funcionam plenamente *um em relação com o outro*” (WACQUANT, 1995, p. 25, grifos do autor), motivo pelo qual conduzi desta maneira o debate até aqui.

⁵² trecho da entrevista com Rildo, representante de uma marca de abrangência nacional, onde tratamos dos atributos esperados/buscados em um pretendente a patrocinado:

“B: Mas, de certa forma, tu sabe como funciona o esquema, de como escolhem os caras.

R: Isso varia de empresa pra empresa. Eu sei como funciona na nossa empresa. Primeiro, assim, tem que andar muito de skate. Não pode ter vícios, ser aquele cara que só consegue... que é muito bom em algum tipo de manobra, não. O cara tem que ser aquele skatista completo. Principalmente,... nós temos bem mais atletas de street do que de vert, porque também é o que a cena oferece...

B: 90%, é o que estima a Confederação Brasileira de Skate...

R: É, deve ser. Dentro da Drop deve ser essa proporção... é, mais ou menos essa proporção. Mas dentro da empresa, depois de ter tudo isso, a gente olha a atitude. Eu acho assim, no momento em que alguém tá vestindo a camiseta da marca, ele tá representando.. as atitudes dele vão representar, pro cliente final, as atitudes da marca. Se ele faz determinada coisa de bem ou de mal... a... o simpatizante ou o atleta amador, aquele que está se espelhando naqueles profissionais, ele tá olhando aquilo e entendendo que não só a figura do skatista tá a favor daquela atitude positiva ou negativa, como a marca também. Então, a marca se preocupa com ter skatistas com determinado tipo de atitude. É uma característica muito da Drop. As vezes, até não acontece muito isso nas outras marcas. As outras marcas pensam assim, “ah, é o cara que ganha todos os campeonatos”. Tão pouco se importando se o cara... falando bom português, se é um cara bundão, se é um cara legal, se é um cara que se dá bem... sangue bom, que se dá bem com todo mundo, que trata igual o moleque que veio pedir um autógrafa e o cara dono da marca. Se é um cara gente boa pra caramba, ajuda todo mundo, se veste a camisa... é um profissional também na hora de vestir a camiseta, saber das obrigações dele também perante a marca. Porque ele tá ali também, recebe pra fazer alguma coisa acontecer. Quer dizer, é um mix. De profissionalismo, de skate, de profissionalismo e de sangue, né? atitude.”

Apresento casos provenientes de minhas observações e entrevistas para mostrar como as características (condições) históricas e o gosto forjaram junto com os agentes um conjunto de disposições e uma classe de capitais específicos.

Uma determinada posição no campo depende de um determinado conjunto de capitais (volume e especificidade). O mundo social do skate parece oferecer ótimos exemplos de como isso se processa. O skate no nível das competições e dos patrocínios é uma prática bastante individual, até solitária, às vezes. Diversos skatistas tratam eles mesmos de todos os seus acertos, com quem quer que seja (mídia, empresários etc.) e não raro os skatistas andam de skate com fones de ouvidos, até certo ponto isolando-se assim nos momentos de prática. Por conta disso e de algumas outras determinantes (como por exemplo o fato de não existirem clubes ou outras entidades e/ou instituições que auxiliem ou organizem a prática, o que vai ser motivo de análise em um sub-capítulo específico) é que verifica-se com clareza a correlação entre a incorporação de capitais (trajetória), determinadas posições e o desenrolar de fatos sociais no universo estudado⁵⁴.

A autêntica objetivação exige algo mais que concentrar-se em chamar à atenção – seja para deplorá-las, seja para condená-las – sobre as origens social, étnica ou sexual do produtor cultural. Se trata também, e sobretudo, de objetivar sua posição no universo da produção cultural (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p.44).

Porém,

Negar a existência de classes, como a tradição conservadora se encarniçou em fazer, em nome de argumentos que não são todos nem sempre absurdos (qualquer pesquisa de boa-fé os encontra no caminho), é, em última análise, negar a existência de diferenças e de princípios de diferenciação (Bourdieu, 1990, p.26).

Dos entrevistados, apenas dois eram negros. Ambos provenientes de famílias sem pai, um deles filho de um mecânico com uma empregada doméstica desempregada, mãe de vários filhos e outro filho de uma funcionária de hospital com

⁵³ O capital corporal, sem dúvida, é o que constrói a especificidade do campo, o mais relevante na configuração mais ampla do skate, mas trato de um sub-espço do campo, o sub-universo do skate patrocinado.

⁵⁴ O skate diferencia-se de outras práticas individuais (como a ginástica), que em suas configurações profissionais, contam com uma estrutura disciplinadora que abarca uma série de atividades que no caso do skate são levadas a termo pelos próprios skatistas. Assim como diferencia-se das práticas coletivas, onde essa estrutura se torna ainda mais abrangente (caso do futebol).

um motorista de ônibus aposentado. As características de suas primeiras vivências diferem um tanto, mas guardam semelhanças. Ambos estudaram em escolas públicas, sendo que um deles terminou o ensino fundamental em uma espécie de supletivo, interrompendo então; o outro terminou o ensino médio, chegando a obter êxito em um concurso vestibular, em uma escola particular, não tendo cursado a faculdade por motivos econômicos. Suas trajetórias por dentro do sub-universo do skate patrocinado são diferenciadas, entretanto, ambos enfrentaram/enfrentam dificuldades em função do baixo capital cultural e escolar.

O mais novo, com dezessete anos, me foi indicado por outro informante, da seguinte maneira: “é... um cara legal pra ti entrevistar era o Gilmar, ele tá estourando e tá morando ali com os guris. Os caras tão dando uma força pra ele, tiraram ele de uma casa que era de chão batido, tão ajudando ele, ensinando, sabe?”. Aos poucos, obtive outras informações e decidi entrevistá-lo. A impressão que tive durante o início da entrevista foi a de que ele poderia ter o mesmo destino do outro negro que entrevistei (o ostracismo), salvo se sua rede de relações interviesse. A relação entre o baixo capital cultural, o alto nível de seu skate (alto capital corporal) e o desenvolvimento de sua carreira pode ser ilustrada pelos trechos da entrevista que seguem, combinados com algumas reflexões.

B: Tu estudou, cara? Em escola pública ou particular?

G: Estudei. Estudei até a... em escola pública até a quinta e depois fiz o EJA ali no Monteiro Lobato. Depois parei.

B: Como tu era na escola?

G: Ah, sei lá. Faltava bastante, né? viajava direto... era meio preguiçoso assim...

B: E as notas como eram?

G: Normal... nunca a máxima...

B: Mas passava? Pegava recuperação?

G: Passava mas pegava recuperação, normal...

B: E o comportamento, como era?

G: Ah, sei lá, só quando eu era mais pequeno, fazia zoeira bastante. O cara vai crescendo e o cara vai amadurecendo.

De posse das informações anteriores e sabendo das condições de sua escolarização, podemos depreender que o volume do capital cultural e escolar do informante não era alto. Além disso, diversas vezes os informantes me interpelaram para relatar casos, ora em tom de brincadeira, ora com pesar, de sua falta de organização ou higiene, da má administração dos recursos provenientes do patrocínio ou do assédio da família pelo seu dinheiro. Com poucas variações, as

conversas enveredavam por duas possibilidades, ou ele “se endireitava” ou “ia perder tudo”. O tudo, no caso, seria o patrocínio. O causador do temor dos colegas era a não observância de um dos acordos entre patrocinados e patrocinadores (estes acordos serão discutidos em um sub-capítulo específico), a ocupação de espaços privilegiados. O informante havia recentemente deixado escapar duas oportunidades de fazê-lo. Fica muito claro que ele detém em volume muito maior o capital corporal que o cultural.

Oportunidade 1:

B: Tu ganhou vários campeonatos? Quais foram os mais recentes?

G: O Circuito Freeday, ano passado, ganhei uma passagem. Ganhei o Nike lá, cinco mil reais... lá em São Paulo ...era só convidados. Tinha só uns quatro amadores e o resto era profissional.

B: E tu ganhou dos profissionais?

G: Ganhei. Risos

B: Cinco mil, cara? É um monte de grana. O que tu fez com a grana?

G: Ah, paguei uma contas... mas, na moral, **viajei**⁵⁵, eu gastei, tá ligado?

B: Torrou?

G: Torrei a grana.

Oportunidade 2:

B: Pra onde tu vai agora com a tua passagem?

G: Pois é... eu quero... eu pretendo ir pra Europa esse ano...

B: Mas a tua passagem não é pra América Latina?

G: Não... na real não era... era pra flórida... mas eu não fui... aquela lá já era... da Freeday, né?

B: É, mas por que tu não foi?

G: Porque daí eu fui pra fazer o passaporte, daí tinha que fazer um corre com o meu pai. Daí, eu não fiz. Daí eu fiz, daí, na hora do visto... eu não fui... acabei não indo e acabei gastando o bagulho...

B: Ah! Te deram a grana da passagem e tu acabou gastando também...

G: Gastei. Agora, eu tenho que ir. De qualquer jeito.

B: Tu fala outra língua, cara?

G: Não.

B: Como tu vai fazer pra te virar?

G: Ah, isso aí, os guris falam... vou me virar também...

Embora muitas vezes a diferença entre saber ou não saber o que fazer em determinada situação não seja a questão. O mesmo entrevistado disse-me que havia tentado efetivar sua ida ao exterior, mas que não foi capaz de organizar seus documentos, o que necessitaria da ajuda de seu pai, coisa que ficou dificultada e que terminou por ser esquecida. O informante não estava “preparado” para enfrentar as situações em que se envolviam atividades como falar outra língua, tratar com

documentos (passaporte, por exemplo), marcar passagem aérea, agendar hotéis. Jamais havia feito algo parecido antes, ou seja, não tinha em seus repertórios de disposições (*habitus*) a perspectiva de encaminhar burocracias e lidar com coisas como hotéis e empresas aéreas, com os costumes⁵⁶ burgueses⁵⁷, enfim. Assim como se afirma que

⁵⁵ termo utilizado para designar uma ação descabida, um erro, um equívoco.

⁵⁶ Um dos entrevistados, skatista de 26 anos, profissional com diversos patrocínios, ao falar de suas rotinas, localizou num mesmo espaço de realizações uma série de atividades ligadas à lida com os recursos financeiros e com andar de skate. Esse assunto será tópico à frente, porém não poderia deixar de atentar para a construção destas disposições monetárias/financeiras, que serão retraduzidas no sub-universo do skate patrocinado no sentido de possibilitar ao skatista lograr êxito em seus “negócios”, nas transubstancializações de seus capitais e dar conta do “corre”, da “correria” (assunto tratado logo abaixo): “B: que que houve quando tu decidiu levar a sério? O que mudou... parece ter sido nesse período..

G: Não. Eu sempre levei a sério...

B: Digo, priorizar mesmo...

G: Mudou é que as contas começaram a aparecer... com vinte anos. Aliás, sempre tive, sempre fui de fazer conta pra caramba, gastar. Dinheiro é feito para isso aí mesmo, não tem q ficar segurando muito... mas com o dinheiro entrando certo, tu começa a assumir outras contas que tu não tinha... daí a bola começa a crescer.. daí tu já não pensa assim... pausa... quer dizer, diversão, é. O negócio vira porque é diversão. Mas só que aí tem aquele lado, trabalho. Tem que saber, de vez em quando, não. Tem hora de levar mais na brincadeira e tem hora de levar mais no trabalho. Então, nesse momento, eu comecei a pensar nisso, até então eu não pensava que podia ter um lado trabalho e um lado diversão, era só diversão. E tudo que ia virando, ia virando em consequência do meu trabalho, que pra mim é diversão. E eu sou total rua!! Não adianta, tá ligado? Eu não consigo acordar as oito da manhã e ir pra uma musculação, meu. Pra cuidar do meu corpo ou fazer algo do gênero, porque eu tenho que estar bem pra andar de skate na tarde. Eu vou fazer o que eu tiver que fazer na noite seguinte... vou dar um rolê, se eu achar que é legal dar um rolê. Sair num bar, pra tocar uma idéia com os terror e voltar a hora que eu quiser. Porque isso faz eu me sentir bem. Tudo é de acordo com o que faz um cara se sentir bem. Se um cara se sente bem malhando e tomando vitamina, cuidando da saúde... então, é óbvio... é consequência que ele vai tá bem para andar de skate. Se eu fizer isso, eu não vô tá bem. Porque eu vô tá cansado. Se eu fizer musculação, eu vô tá cansado pra andar de skate. Pra outros, já não. Eu já vou curtir, sair numa balada, curtir até umas quatro, cinco da manhã, dormir e acordar umas onze e eu vô tá zerado, tá ligado? E vo tê curtido uma balada da hora com a galera e ter dado risada pra caramba e eu vô tá zerado pra andar de skate. O meu corpo funciona assim... ainda!! Risos com vinte e seis anos, ele ainda funciona assim, sempre funcionou assim. Desde que eu comecei a andar de skate, eu faço isso, e continuo fazendo há treze anos. Nunca foi prejudicial... não dá pra se estragar, né? Quem se estraga demais.. risos... aí, não dá. Mas, tipo, dentro de um parâmetro normal de curtição, pra mim faz bem isso. Então, eu acordo, vejo o que tenho que fazer, sempre tem um rolinho pra fazer, um rolinho de moto, um rolinho de carro... que eu sempre compro um carro, vendo. Compro uma moto, vendo. Casualmente, hoje, vendeu o carro e a moto que eu tava. Os dois venderam. Vendi o carro ontem... eu tô com a outra moto... eu tava com duas. Daí... à pé não dá, né? À pé é osso. Imagina, eu vivo na Zona Norte... imagina sair lá da Zona Sul, de busão é duas horas. Aí é osso. A minha vida é mais ou menos isso aí. Eu acordo, vejo uns rolinhos que tem que fazer.... se tem alguma coisa pra ver de documento. Aí ando, pelo menos umas duas ou três vezes por semana. Se andar mais, pra mim já não funciona. Meu corpo começa a ficar cansado e, ao invés de eu aprender a dar manobras, eu não consigo dar as que eu dou. Entendeu? Eu não consigo executar o que eu já sei. Eu começo a travar... ou a fadiga do músculo, ou de alguma coisa já começa a bater. E daí já me dá um ah!!! Fazendo cara de cansado”.

⁵⁷ “Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado” (ENGELS e MARX, s/d, p. 21) (nota à edição Inglesa do Manifesto Comunista de 1888). A propriedade dos meios de produção social garante aos burgueses uma relação privilegiada com os bens produzidos, sejam eles materiais ou culturais, permite “o aprendizado quase natural e espontâneo da cultura” que “se distingue de todas as formas

Toda vez que o *habitus* enfrenta condições objetivas idênticas ou semelhantes àquelas das quais é produto, está perfeitamente adaptado a elas sem necessidade de fazer nenhum esforço de adaptação consciente e intencional, e podemos afirmar que o efeito do *habitus* é, em certo sentido, redundante como efeito do campo (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p.92),

também podemos afirmar que um determinado conjunto de disposições incorporado, quando não redundando com o campo, quando não encontra condições sequer semelhantes com as quais se construiu se traduz em uma inaptidão.

Abaixo, um trecho que auxilia o entendimento dessa discrepância entre o volume de capital cultural e escolar e o corporal. O entrevistado relata, como acima, seu sucesso em competições (a qualidade e o volume de seu capital corporal) e se mostra inclusive entendedor das atribuições legadas por seu papel de patrocinado, algo que poderia parecer inusitado, logo que ele não levou à prática oportunidades como as vistas acima.

B: Tu tá passando pra profissional agora, né? como foi esse processo? Por que tu passou pra profissional?

F: Tipo, meio que os cara tavam querendo me passar, os cara da Qix. E daí, teve o circuito da Nike e eu nem aí, os cara botaram umas pilha em mim. Daí, o skatista x me deu um dinheiro e o Y também me ajudou lá. Daí eu fui, fui na parada, ganhei, tá ligado? Já voltei, já tinha anúncio pra mim. Eu tava contente. Já tava querendo passar, o bagulho foi um passo a mais...

B: O que determina o cara passar ou não passar?

F: Que nem eu falei. Tem tá vendo...tem que aparecer, tem que tá ali entre os cinco, pra mostrar o nome da marca...

O mais velho dos negros que entrevistei tem 27 anos e nos conhecemos há mais de dez anos. Conheço sua trajetória inicial e um pouco de sua história recente. Se precisasse resumir sua situação atual, diria que ele viu o trem passar. Está há cinco anos sem patrocínio e sequer entende o motivo disso. Foi ao transcrever sua entrevista que notei duas peculiaridades: a importância do volume de capital social (rede de relações, status) e do volume de capital cultural, escolar, neste ambiente. Este sicrano foi um dos melhores skatistas do Rio Grande do Sul, capa da principal revista de skate do país e um dos primeiros gaúchos a se profissionalizar. Porém, há

de aprendizado forçado, não tanto, como quer a ideologia do 'verniz' cultural, pela profundidade e durabilidade de seus efeitos, mas pela modalidade da relação com a cultura que ele favorece" (BOURDIEU, 1983b, p. 97).

algum tempo teve problemas com seu patrocínio e então não pôde mais voltar ao universo do skate patrocinado. Eu lhe perguntei por que ele não conseguira mais patrocínios, ele respondeu “não consegui..., não peguei mais nenhum patrocínio... e isso já faz desde 2001... e nós tamo em 2006...”. Notável a clareza que ele tem sobre seu capital corporal em contraste com a notável falta de clareza que ele tem sobre outros capitais necessários à prática do skate patrocinado.

C: É, principalmente. **Eu sempre andei com todo mundo**, com o pessoal... e sempre se deu bem. O pessoal tá sempre, cada vez se elevando mais. Patrocínios, viagens... e, tipo, a única coisa que falta para mim, é patrocinar tudo isso, né? ...**Porque o skate no pé**, bah! **Continuo a mesma coisa**, né? Volta e meia eu faço umas fotos, umas filmagens...

Entretanto, por conta de um desentendimento com um companheiro de equipe seu, à época em que ele ainda contava com patrocínio, ele parece entender a necessidade de pertencimento a uma determinada rede de relações (capital social) (assunto de um sub-capítulo específico).

C: Patrocínio, às vezes, eu acho que funciona assim, ò: tu... tem que ter... pausa... tu vai entrar para uma equipe, mas tu tem que ser daquela tribo... se tu não se encaixa naquela tribo, ou tu não é da mídia, né? Como eles gostam, assim... eu acho que fica bem difícil.

Sem faltar nenhuma naturalidade, outros informantes contaram sobre suas experiências com viagens.

B: Que lugares tu conheceu cara, aqui no Brasil, fora do Brasil?

D: Ah!!! o Brasil inteiro quase, o Brasil muitos lugares já, onde dá pra andar de skate, né? Todos lugares que possui skate aí eu passei. Fora, pô, viajei pra vários países já, Uruguai, Chile, Argentina, Paraguai, Canadá, Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Dinamarca, República Tcheca, Espanha, França, Colômbia, Portugal, Itália,... Holanda...

Essa naturalidade expressa bem a diferença entre lidar com situações desta natureza contando com disposições burguesas ou sem capital cultural e escolar. O skatista Rato, de 24 anos, cuja mãe “mãe é contadora de várias empresas, assim... são várias empresas juntas...várias empresas, tem o Rissul (supermercados), a Central de Esteio (empresa de ônibus)...” e cujo pai “tem uma fundição de alumínio”

já visitou, entre outros países, “Alemanha, França, Espanha, Dinamarca, Portugal,... Suíça. República Tcheca...”. Embora acredite que não fale inglês, ele não teve problemas em se comunicar, como atesta o excerto da entrevista abaixo.

B: Tu falava inglês antes de ir pra Europa?

R: Não, não falo até hoje... risos

B: não fala até hoje?

R: Não. Ah, mas eu consigo, tipo, me virar assim, se eu precisar comer, viajar, assim, comprar passagem, eu consigo. Mas conversar..., trocar uma idéia, não... que eu nunca fiz curso e tal. Mas dá... eu me viro, né, meu?

Acredito que o alto nível da escolarização foi o diferencial nesse caso, estudando em boas escolas o skatista pôde desenvolver o idioma estrangeiro, mesmo sem tê-lo estudado especificamente em um curso extra-escolar. Ele me relatou, quando perguntado sobre sua vida escolar que foi “até a faculdade”, fez “o primeiro semestre de desenho industrial na ULBRA.” Porém, “foi o primeiro ano que” passou “pra pro, aí tinha que viajar direto”. Então, “teve que trancar”.

O skatista Goró, de 23 anos, filho de um chefe de gabinete da Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul aposentado, com uma professora de nível superior também aposentada, pôde viajar o suficiente para esgotar as possibilidades de anotação em seu passaporte, documento que Felipe sequer conseguiu obter. Chegou a ir três vezes para o exterior no mesmo ano, enquanto que sicrano sequer foi uma vez.

B: Você viajou bastante já?

G: Já. Já viajei. Pelo Brasil, eu conheço quase todo. Acho que falta Mato Grosso e umas coisas lá pra cima, depois do Ceará... América do Sul, conheço quase toda... Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile... quase toda a América do Sul... a gente tá programado pra ir pra Colômbia, agora. Vou com a Nike. América do Norte, conheço bem... Canadá eu não fui, mas fui do lado ali, no Oregon, que é do lado do Canadá.

B: Quantas vezes tu foi pros EUA?

G: Seis.

B: E pra Europa?

G: Cinco.

B: Quanto tempo tu fica quando tu vais pro EUA ou pra Europa?

B: Depende... já fiquei de três, quatro meses.. Europa, o máximo que eu fiquei foi um mês e meio.

B: E tu foi pra Europa cinco vezes, tu disse?

G: Isso, no mínimo... no mínimo... eu não sei, tem que olhar o passaporte, mas eu troquei de passaporte que não tinha mais lugar...

B: E chega a ir pra Europa duas vezes no mesmo ano?

G: Sim. Esse ano de 2005, eu fui duas vezes pra Europa e uma vez pros EUA.

Contudo, estar “preparado” para, disposto a, tender a dar conta de burocracias e viagens não é a única nem a principal atividade necessária à entrada, nem à permanência no sub-universo do skate patrocinado. O início da aproximação com os patrocínios, quase que invariavelmente passa pelo sucesso em competições. Diversos informantes percebem assim:

B: Como funciona o esquema dos patrocínios? Como alguém consegue patrocínios?

R: É, hoje em dia é mais fácil, né? tu vai ali, sai na pista, anda bem, ganha campeonato, certo que tu vai pegar patrocínio.

C: A primeira coisa que você precisa pra conseguir um patrocínio é... a primeira vitrine pra ti achar um atleta é um campeonato.

G: Patrocínio? Aqui no Brasil, só em campeonato mesmo. É o que eu acho.

R: Já... geralmente o cara consegue porque tá se dando bem nos campeonatos. A visão dos empresários é essa, é patrocinar quem tá no ranking. Se tu tá bem nos campeonatos, se tu tem uma imagem boa, tu consegue o patrocínio fácil.

A especificidade do capital corporal confere especificidade ao campo, causando a particularidade deste sub-espço (patrocínios, competições, viagens, fotos e filmagens), ocupado por alguns dos que o detém em maior volume.

O que legitima o direito de ingressar em um campo é a posse de uma configuração particular de características. Uma das metas da investigação é identificar estas propriedades ativas, estas características eficientes, quer dizer, estas formas de capital específico (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p.87).

Porém, mesmo a entrada ao sub-universo não depende unicamente das competições nem do capital corporal (à frente, mostrarei como a permanência no sub-universo do skate patrocinado depende ainda menos das competições). A própria configuração do campo se movimenta no sentido de atribuir maior valor aos filmes e revistas que às competições, passando estes dois instrumentos a receber maior relevância, paulatinamente. O skatista Goró explicou o sistema:

B: Goró, como é que funciona os esquemas dos patrocínios? Como é que se consegue patrocínio, quem dá patrocínio, por que que dá patrocínio?

G: Hoje em dia, tem duas maneiras de se destacar pra ganhar patrocínio, sabe? Tipo, é competição... amadoras e tal, que tu vai tá nas competições... e aparecer nos vídeos e nas revistas, tipo, apavorando.

B: Como se consegue aparecer em vídeos e revistas? Porque em competição, é divulgado, tu vai lá e te inscreve... mas foto e vídeo não é.

G: Foto e vídeo vai do empenho teu, mesmo. De olhar e sei lá, pô, tu é um moleque novo, não tem patrocínio, tu vai ter que fazer uma foto muito boa. Achar um fotógrafo e tal, né? e fazer uma foto muito boa pra sair numa revista.

B: Tu vai ter que pagar pra ele?

G: Não, pagar, não...

B: Achar o fotógrafo da revista?

G: Achar o fotógrafo da revista.

B: Saber o lugar onde ele vai tá em tal lugar e tal...

G: Legal que se tu começar a entrar no mundo do skate, tu vai ver que pô, tal fotógrafo é tal cara de tal revista. Tem esse fotógrafo que é dessa revista menor, tem fotógrafo que é de revista... entendeu? Pegar as oportunidades certas e...

O caso do skatista Crânio é um bom exemplo, ele jamais ganhou uma competição e mesmo assim tem um dos melhores patrocínios do estado, de uma marca de tênis, entre outros. Meu diálogo com ele sobre o assunto é bastante esclarecedor e precede uma discussão vindoura, a da necessidade de pertencer a uma rede específica para “conseguir” patrocínio.

B: Como é que se consegue um patrocínio?

C: No Brasil, se tu não ganhar campeonatos ou se tu não aparecer em revista, tu não vai conseguir. Ninguém vai tá na pista te olhando e vai te oferecer coisas...

B: Como é que é o teu lance com os campeonatos, cara?

C: Os meus lances com campeonatos... eu acho que eu tenho capacidade de ganhar algum campeonato...

B: Tu já ganhou algum campeonato?

C: Nunca ganhei um campeonato. Fiquei em terceiro... mas pra Qix, eu fiz uma boa divulgação em vídeo e revista.. apareci no vídeo da the best Dagger, no vídeo da Cemporcento, o Sem Planos, apareci no vídeo da Matriz 3 e 4, no vídeo Fusão, um vídeo de Santa Catarina, já tive espaço amador na Revista Tribo, já saiu foto minha na revista Skater Magazine, saiu foto minha na... Vista, na Revista Vista. Agora saiu... um amigo meu, o Alex Queixada, ele mora em Nova Iorque, ele veio aqui pro Brasil um tempo, tirou uma seqüência de fotos minhas e saiu numa revista de Nova Iorque também. Eu tirei umas fotos com o fotógrafo agora.. da Vista e da SKT, que é o fotógrafo da Nike SB e... com certeza vai sair daqui a um mês.. uma

ou outra foto vai sair, ele já tinha me dito. E agora, eu tô fazendo uma entrevista prum jornal aqui do sul, o Solto.

B: Como tu acha que foi possível isso de tu ter tantos patrocínios sem nunca ter se dado bem em campeonatos?

C: Cara! Com certeza, foi por influência, não foi do nada... de amigos, né? que são.. que tão mais na mídia, que são considerados no meio do skate.

B: No sentido de avalizar e tal?...

C: É. E também pelo esforço, né? tu tá sempre ali, aí tu conhece um cara, ele vê que tu tá sempre empenhado... ele vê uma foto tua, uma manobra que outra...

A entrada no sub-universo do skate patrocinado não implica uma mudança radical na vida dos skatistas. Eles seguem mais ou menos com as mesmas atividades, à princípio. Sobretudo por conta de ser a entrada num sub-universo, cujo universo maior já não é desconhecido, cujos símbolos e signos não são estranhos. Porém, a permanência no sub-universo exige profundas transformações. O mais comum é o skatista “ganhar” ou “conseguir” patrocínio(s) nas categorias amadoras, quando ainda consegue conciliar a vida escolar e o skate, mesmo que precariamente⁵⁸. Depois, uma série de injunções⁵⁹ (renúncias por um lado, acessos por outro) se coloca em curso, articulando-se com o capital corporal específico do campo e chamando ao repertório mais estável e ao recrutamento mais circunstancial uma gama específica de disposições. Dessas renúncias, a que acredito ser mais relevante é aquela que diz respeito ao nomadismo⁶⁰. É necessário que se aceite (ou

⁵⁸ Nenhum dos entrevistados terminou um curso superior e todos referiram um certo desentusiasmo entre suas atividades como skatistas e como escolares. O conjunto dos dados suscita um estudo sobre esta característica, o precoce abandono da escola e as dificuldades escolares, mesmo quando não se ouve ainda falar sobre patrocínios. Esta pesquisa não poderá se ater a esta peculiaridade, salvo quando implicar em seus objetivos.

⁵⁹ Injunção é uma situação criada pelas circunstâncias, onde o ator, obrigatoriamente, tem de escolher um caminho a seguir, como em uma bifurcação.

⁶⁰ Dois excertos de entrevista elucidadores do que quis dizer com nomadismo:

“B: quanto tempo tu passa em casa, quanto tempo tu passa viajando?”

R: Ah, tipo, é difícil, porque não tem um calendário, assim. Ano passado, devo ter ficado em casa, seis, sete meses...

B: Tipo, meio a meio, assim?

R: Ahã. Porque a gente viaja duas semanas, fica aqui um mês, daí viaja dois meses, daí volta e fica um mês em casa...”

“B: Viajou bastante já?”

G: Já. Já viajei. Pelo Brasil, eu conheço quase todo. Acho que falta Mato Grosso e umas coisas lá pra cima, depois do Ceará... América do Sul, conheço quase toda... Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile... quase toda a América do Sul... a gente tá programado pra ir pra Colômbia, agora. Vou com a Nike. América do Norte, conheço bem... Canadá eu não fui, mas fui do lado ali, no Oregon, que é do lado do Canadá.

B: Quantas vezes tu foi pros EUA?

G: Seis.

B: E pra Europa?

mesmo que se deseje) a frequência de viagens visando competições, filmagens, demonstrações e sessões de autógrafos, o que implica o abandono à escola, a distância da família e de outras relações afetivas, entre outras coisas.

Também mostra-se necessário à permanência no sub-universo o domínio dos conhecimentos referentes à viagens ao exterior, conforme anteriormente exposto, sem o que a posição no campo, o status (capital social) do skatista pode ser questionado; a gestão da própria imagem⁶¹, do que depende o interesse de patrocinadores também, e o encaminhamento das atribuições individuais em vistas de “fazer o corre”⁶²; o conhecimento e o efetivo sucesso nas relações com empresários⁶³, sem o que ficam dificultados os patrocínios; e a relação com as pessoas da mídia especializada, logo que este é um dos canais de conhecimento e propaganda mais relevantes.

Pretendi, com essa incursão no tema das disposições e capitais, tanto do ponto de vista teórico quanto da especificidade do universo estudado, explicitar como se engendra uma determinada gama de conhecimentos práticos (disposições) necessários à entrada e à permanência no sub-universo do skate patrocinado. Melhor dizendo, como, a partir da constituição de um gosto, se incorporam um

G: Cinco.

B: Quanto tempo tu fica quando tu vais pro EUA ou pra Europa?

B: Depende... já fiquei de três, quatro meses.. Europa, o máximo que eu fiquei foi um mês e meio.

B: E tu foi pra Europa cinco vezes, tu disse?

G: Isso, no mínimo... no mínimo... eu não sei, tem que olhar o passaporte, mas eu troquei de passaporte que não tinha mais lugar...

B: E chega a ir pra Europa duas vezes no mesmo ano?

G: Sim. Esse ano de 2005, eu fui duas vezes pra Europa e uma vez pros EUA.

B: Quanto tempo tu fica aqui e quanto tempo tu passa fora?

G: Em seis meses, eu fui duas vezes pra Europa e uma pros Estados Unidos... em Porto Alegre?... passo mais tempo fora...

B: Tipo sete pra cinco, oito pra quatro?

G: Deixa eu ver... em que mês a gente tá?

B: Abril...

G: Deixa eu ver, eu passei a semana inteira em casa... que nem... abril... em março, eu fui cinco vezes pra São Paulo.

B: Foi e voltou...

G: Fui e voltei cinco vezes pra São Paulo.

B: Dá, então, sete por cinco, oito por quatro, quatro meses aqui, oito fora?

G: É, por aí.”

⁶¹ O tema dos estatutos do skatista profissional será abordado em um sub-capítulo específico, porém é importante atentar que por conta da característica individual da modalidade esportiva, é necessário que haja “cuidado” com a imagem, inclusive porque ela estará sempre ancorada na representação de uma marca.

⁶² Termo explicado a seguir.

⁶³ A relação marcas (empresários) – skatistas profissionais (ou em vias de sê-lo) merecerá um tópico especial à frente, haja visto que desta relação dependem exclusivamente os skatistas para sobreviverem.

determinado conjunto de disposições e capitais. Então, se faz mister reconhecer que, sem engendrar-se, as disposições não poderiam funcionar, ou seja, serem eficazes⁶⁴ (MAUSS, 1974). Por isso também tornou-se necessário localizar estas disposições engendradas como um estilo de vida, peculiarizado em um e a partir de um campo, repletas de sentido e exigentes quanto à integralidade da imersão para a eficácia de seu uso e incorporação. Faço coro, aqui, às construções teóricas de Damo, para quem o universo do futebol profissional pode ser acessado quando se observam três características, “os princípios da voluntariedade – tem que querer ser, da elegibilidade – tem que ser escolhido e da integralidade – tem que ‘respirar’ futebol” (2005, p. 241). Chama muito a atenção o grau de envolvimento exigido neste sub-universo do skate patrocinado (princípio da integralidade), o que torna-se uma disposição diferenciadora. Alguns dos entrevistados relataram sobre isto:

B: Como é teu dia a dia?

C: Ah, eu acordo.. e aí, tipo.. tomo um café e vou andar de skate. Se eu tô em casa... as vezes a gente viaja muito também... tem que tirar foto também, filmar... mas é isso aí.

C: O skate sempre entrou como um hobby para mim. Mas esse hobby é, para mim, muito mais que um hobby, assim. Na real, é minha vida. O skate me ensinou muita coisa, até a pessoa que eu sou, o jeito que eu sou.

B: Nunca pensou em fazer faculdade?

C: Penso... em fazer faculdade. O problema é tempo.

B: Muita correria?

C: É que... é. É que eu penso em fazer uma coisa bem.

B: Tu ainda consegue andar por andar? Ou quando tu vai andar tu sempre acaba filmando ou fotografando?

C: Agora, ultimamente, eu tenho filmado mais. Porque depois que acabou o vídeo, eu fiquei uns três anos, dois anos, só andando por andar... muito pouco, muito pouco trabalho... porque o skate exige muito de ti. Tu faz imagem, filmes, por causa dos patrocínios, eles exigem isso.

B: Como é que é teu dia-a-dia, cara?

D: Pô vivo play... acordo e faço o que tem que fazer no dia, e tem obrigações né, como sou profissional do skate tenho viagens, tem turnê pelas marcas que patrocinam a gente, pra representa as marcas então a gente acaba sempre viajando, indo fazer fotos, e todo dia

⁶⁴ Marcel Mauss escreveu que um ato somente poderia ser considerado eficaz se localizado numa tradição. Por isso o autor se utilizou da noção da “natureza social do *habitus*”, onde os “hábitos” variam não simplesmente com as modas e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios” (1974, p. 214, grifo do autor), ou seja, com os universos sociais, com as tradições, mediados pelo *habitus*.

anda de skate que é o que a gente sempre fez né cara, andar de skate, filma, tira foto, meu dia-a-dia é assim, acordo, faço as coisas que tenho que fazer, ando de skate...

G: Namorada é meio foda, né? o cara do skate, o cara viaja muito, né, meu? É meio foda... mas rola, tá ligado?

A disposição para o encaminhamento das atribuições individuais também é uma característica diferencial e diferenciadora. Os nativos chamam a essa característica “fazer o corre”. Significa ser responsável e capaz de dar conta de seus próprios movimentos por dentro do campo. Recentemente surge nas empresas patrocinadoras a figura do *team manager*, uma espécie de gerente da equipe de skatistas de uma marca, o que está provocando uma maior organização coletiva, chegando a parecer a alguns skatistas, como visto anteriormente, que sua vida está cada vez mais controlada. Porém, essa realidade se aplica a um número pequeno de skatistas, ainda é o skatista o responsável por escolher as atividades em que vai se envolver, na maior parte das vezes. Deriva-se dessa condição que aqueles que não *se dispuserem* a “fazer o corre”, estarão sempre mais suscetíveis a terem dificuldades em obter patrocínios e/ou mantê-los. Abaixo o excerto de entrevista em que este aspecto apareceu de forma mais sintética:

C: Ah, o skate me ajudou muito... porque sempre pude... coisa de viagem, assim... muita viagem que eu fiz, conheci muita coisa, aprendi a me virar sozinho... o skate foi uma maneira de aprender a se virar... porque assim, ó, o skate é um esporte de rua, é um esporte independente. Só depende de ti, não depende de tudo, não depende de uma coisa que tu tem que seguir. Depende só de ti, é um esporte individual. Então, tu tem que ser forte, tu tem que acreditar... não é só seguir um caminho que ele vai ir... não. Depende muito de ti, depende muito da tua força de vontade.

B: O que quer dizer “sabe se virar sozinho”?

C: Que não fica dependendo dos patrocinadores pra fazer as coisas. Que sabe onde é que tem que ir, que sabe o que tem que fazer... sabe.. o que tem que fazer! Sabe com quem tem que falar pra aparecer nas revistas. Porque, hoje em dia, tem muita gente que anda muito de skate. Mas não tem patrocínio... vou dar o caso do Mamá. O Mamá é um cara que anda muito de skate, tem muita facilidade pra andar. Só que ele é meio quietão, não gosta muito de se envolver com as coisas... só quer saber de andar de skate. Então, tu tem que fazer umas correrias, tem que se agilizar, fazer uns contatos, pegar e ligar pras revistas. “Pô, e aí? Vamos fazer umas fotos?” ficar em cima pra fazer. Liga pros caras pra filmar, fazer essas correrias. Não adiante só andar de skate. Tem muita gente que anda pra caralho de skate, mas não faz a “correria”.

Para concluir, diria que, levada em consideração a genética do campo, suas características históricas, ou seja, as condições de sua produção e reprodução, partimos para a localização de um caráter específico desta gênese, do ponto de vista dos atores deste campo, o gosto. Esse gosto por sua vez se caracteriza, para além da prática em si, também pela sociabilidade e por um sentido de diversão e aventura. Então, nos pontos centrais (configurações acessadas, no caso dos informantes desta pesquisa, após o conhecimento da prática num ambiente de vizinhança e/ou familiar) ao skate, desenvolveu-se um sentido coletivo para a prática e para uma maneira de estar no mundo, incorporada e construída paulatinamente junto com o campo.

O recorte desta pesquisa focou especialmente um grupo que se diferencia no mundo social do skate por uma característica principal, ter patrocínio, receber dinheiro (ou outras vantagens materiais) para andar de skate. As características (condições) históricas e o gosto forjaram junto com os agentes um conjunto de disposições e uma classe de capitais específicos. A especificidade do capital em voga, uma modalidade de capital cultural, é corporal. Mas seria uma simplificação dizer apenas isso sobre ele.

Prefiro falar em capitais, onde um deles e talvez (apenas talvez) o corporal (técnico) seja o mais importante. Apresentando casos provenientes de observações e entrevistas tentou-se mostrar como se dá a relação capital global e capital específico e a importância do volume de capital social (rede de relações, status) e do volume de capital cultural, escolar, neste ambiente, além do capital corporal atinente ao skate⁶⁵. Evidenciou-se que o início da aproximação com os patrocínios, quase que invariavelmente passa pelo sucesso em competições, mas que a entrada ao sub-universo do skate patrocinado não depende unicamente das competições nem do capital corporal, aparecendo aí vídeos e revistas competindo com as competições e outros capitais (como o social e o escolar) competindo com o capital corporal como os temas mais importantes.

⁶⁵ Ou seja, como se dá a relação entre volume e estrutura dos capitais, algo que é determinante para entender uma configuração particular e o papel dos agentes. “dois indivíduos possuidores de um capital global aproximadamente equivalente podem diferir, tanto em sua posição com em suas tomadas de posição, pelo fato de que um tem (relativamente) muito capital econômico e pouco capital cultural (por exemplo, o proprietário de uma empresa privada), e o outro, muito capital cultural e pouco capital econômico (como um professor)” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p.65, grifos dos autores).

Vimos que a entrada no sub-universo do skate patrocinado não implica uma mudança radical na vida dos skatistas, porém, que a permanência no sub-universo exige profundas transformações nas rotinas de vida dos agentes. Que esta permanência é construída em uma série de injunções (renúncias por um lado, acessos por outro). Também mostra-se necessário à permanência no sub-universo o domínio dos conhecimentos referentes à viagens ao exterior, sem o que o status (capital social) do skatista pode ser questionado; a gestão da própria imagem, do que depende o interesse de patrocinadores também, e o encaminhamento das atribuições individuais em vistas de “fazer o corre”; o conhecimento e o efetivo sucesso nas relações com empresários, sem o que ficam dificultados os patrocínios; a relação com as pessoas da mídia especializada, logo que este é um dos canais de conhecimento e propaganda mais relevantes; e um alto grau de envolvimento, a integralidade.

3.4 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS, ILLUSIO (OU UM DISCURSO REPETIDO) E DESENVOLVIMENTO E EVOLUÇÃO

Na presença destas diferentes formas de possessão⁶⁶, a tarefa da ciência é dupla, e de aparência contraditória: contra a tendência inicial a tomá-las como evidentes, como naturais, por estarem na ordem das coisas, ela deve lembrar o caráter arbitrário, injustificável, e se quiser, patológico, de todas as paixões cujas manifestações ela observa; o que impõe às vezes que, para quebrar a adesão dóxica às evidências, ela recorra a uma retórica do distanciamento, muitas vezes confundida com o simples humor crítico da polêmica ordinária. Mas ela deve também dar conta das paixões, baseadas na *Illusio*, no investimento no jogo, que se engendram na relação entre um *habitus* e o campo ao qual ele está ajustado; dar a estas paixões sua razão de ser, sua necessidade. E arrancá-las assim da absurdidade culpada de uma liberdade demissionária que se aliena na submissão voluntária à fascinação ao poder (BOURDIEU, 1991, p. 115).

Uma das tarefas que se colocou para esta pesquisa é desmistificar a lógica interna do universo do skate, não sem reconhecer sentidos atribuídos, mas também não sem reconhecer nesses sentidos a relação encantada dos agentes com o

⁶⁶ O autor estava dissertando acerca da relação de agentes com instituições como a escola, onde a força simbólica é tamanha que o agente se vê como que possuído por essa matriz de vontades, assim como a instituição parece possuir o agente.

campo. A noção de *Illusio*⁶⁷ pode ajudar neste esforço. A mística, no caso, parece estar em generalizar algumas idéias como sendo “naturais” ao campo, onde uma específica forma de desenvolvimento e evolução se mostra como uma idéia comum, coletiva, partilhada. Porém, tais desenvolvimento e evolução se caracterizam por serem significados num determinado espaço do campo, a partir de uma determinada posição.

Duas formas distintas são encontradas para o desenvolvimento, uma mais ligada à questão técnica individual e outra ao “desenvolvimento do skate” ou “desenvolvimento do esporte”. A questão técnica coloca desenvolvimento e evolução como sinônimos. Atribui-se um sentido muito peculiar a essa característica, parecendo os skatistas (em ambos os casos, realmente) ascetas, por vezes, parecendo mesmo que sequer sabe-se o conteúdo do que se está falando, tornando-se as falas apenas aparentes repetições. Inúmeras vezes me tomei ouvindo que se fizera tal ou tal coisa pelo desenvolvimento do skate, como se estivesse a ouvir um mantra. Ao ponto que, em algum tempo, havia reconhecido que necessitava tentar descobrir por onde se movimentava aquela idéia.

De início, nota-se que o sentido de evolução técnica está ligado, obviamente, à possibilidade de mobilidade no campo (“tem que se puxar, tem que tá sempre andando, tem que aparecer”), mas mesmo esta obviedade não se resume a sua obviedade aparente. Por vários momentos ela está vestida em um manto de desinteresse, numa espécie de prática do desinteresse, da evolução técnica pelo desenvolvimento do skate como um todo ou por motivo algum.

G: Quanto ao nível técnico.. meu. E tipo, pô, se eu tô fazendo um vídeo, **eu me puxo**, tento fazer o melhor vídeo que eu posso fazer. Porque eu faço um vídeo também e tal. Então, eu filmo os moleques, vejo os moleques que tão sempre empenhados, pra fazer um vídeo de alto nível técnico. Então, eu acho que **independente de onde** tu esteja, na competição ou não, **eu tô pensando em evoluir**, sabe? Em fazer a parada evoluir. E a competição, eu vejo isso, a competição trava um pouco a evolução do skate. Por que? por que tem só um minuto...

⁶⁷ *Illusio*: “relação encantada à situação – o ator vive a situação como o peixe na água” (LAHIRE, 2002, p.47). “*Illusio*, também conhecida como *interesse*, é aqui entendida como uma motivação inerente a todo indivíduo dotado de um *habitus* e em determinado campo” (SETTON, 2002, p. 64, grifos da autora), porém nem todo o indivíduo manifesta a totalidade das disposições do campo, nem todas as características da *Illusio*.

Mesmo em função de outros temas, como a evolução dos materiais utilizados na prática do skate, essa lógica se reproduz.

G: Eu acho, eu sempre me preocupo... em tudo que eu fiz, assim, em evoluir, nunca estagnar em nada. Sempre tá evoluindo, entendeu? Então, eu me preocupo com a **evolução do skate**, cara. Tanto do material do skate, entendeu? Eu acho que tá muito... os equipamentos, o shape, que é a tábua do skate, e as rodas... tem muito a melhorar. Então, eu **Tô sempre tentando puxar a evolução**, em todas as marcas que eu tô, “pô, cês tem que melhorar o material, tem que melhorar o material”.

Assim, não com dificuldade, reconhece-se uma preocupação (interesse) em erigir um sentido ético à cada ação, promovendo assim a coletivização de um conjunto de idéias que visa o desenvolvimento do skate. Mas não de qualquer skate nem de qualquer desenvolvimento. Trata-se de um skate aproximado à organização burocrática, ao mercado e ao fenômeno esportivo voltado ao espetáculo.

B: Quais foram, na tua opinião os principais fatores que influenciaram o desenvolvimento do skate? dessa época aí, então teve mais uma alta. Depois teve mais uma baixa, acho que no final dos anos noventa e então essa fase boa de agora. Que parece perdurar...

G: É. Na verdade assim, esses fatores para a estabilização do esporte mesmo, de estar seguro,... eu vejo que a Confederação Brasileira de Skate, mesmo a Federação aqui no Rio Grande do Sul... as associações e tal, que sempre tão tentando se movimentar de uma forma ou outra. E, cara, acho que principalmente, hoje... já temos duas e já está surgindo a terceira revista forte de skate. Então, tá sempre pô, tipo, sempre tem conceitos, marcas investindo ali. Então, é uma coisa que sempre dá a base...

Mesmo que se manifeste de maneira obtusa e encontre contradições, essa mística do desenvolvimento/evolução do skate opera amplamente por meio de uma cadeia de skatistas, ou seja, apanha os skatistas e é apanhada por eles.

“...*Illusio* (de *ludus*, quer dizer, jogo): os jogadores estão apanhados pelo jogo” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p.65).

Tendo em pensar a *Illusio*, no caso desta configuração pesquisada, como uma idéia socializada a partir de uma condição histórica, que visa o crescimento do universo do skate (número de praticantes, marcas, mídia etc.) pela via da burocratização, especialização, esportivização, mercadorização e reserva de

mercado. Este crescimento caracterizado pelos marcos do capitalismo e do esporte moderno. Contudo, o que estou a dizer contraria uma visão romântica e aparentemente desinteressada da qual necessita esta magia para existir...

G: Com certeza, cada vez mais, quanto mais pista tiver mais o esporte vai crescer, quanto mais pista tiver, mais atletas vão ter andando, e mais o mercado de skate vai ganhar. E **todo mundo ganha**.

O mais facilmente reconhecível dos traços do desenvolvimento/evolução significado entre os skatistas é o da burocratização. Não por acaso o skatista entrevistado e citado acima listou logo como um dos principais fatores para a “estabilização e o desenvolvimento do skate” a existência e a atuação da “Confederação Brasileira de Skate” e “mesmo a Federação aqui no Rio Grande do Sul... as associações e tal”. É uma constante neste sentido de desenvolvimento/evolução a burocratização, mesmo que se manifeste de maneira contraditória e encontre resistências. Por vezes, essa resistência e essa contradição se dão por motivos de interesse individual, como ilustra o acontecimento narrado abaixo.

B: Vamos continuar nessa esteira, como é que tu vê o papel, a participação dos skatistas profissionais no universo do skate em geral e aqui, especificamente aqui em Porto Alegre?

R: Como? Perante a Federação?

B: Perante o universo do skate como um todo... e até a participação deles... (pausa)... vou dar dois exemplos... tu falasse de dois profissionais, que ficaram teus amigos, que tão na Associação de Porto Alegre, que participam das reuniões da Federação... assim, como eu vi outros, que dificultaram, por exemplo, a retomada dos trabalhos em campeonatos amadores... lembra daquela vez, em São Leopoldo, que teve aquela briga... não tinha nada a ver com o campeonato, era uma briga do futebol... e depois, o campeonato de skate não podia recomeçar porque os profissionais não deixavam a pista. São duas formas de participar do universo do skate... como é que tu vê o papel que eles vem desempenhando, e a participação deles, como se dá?

R: Claro, claro, entendi. O que acontece, é que o atleta profissional, ele atualmente, ele tá passando por um processo de dificuldades financeiras... isso é explícito, tá? Hoje, os atletas profissionais, uns poucos, eles tem marcas fortes dando o apoio financeiramente... então, o que acontece? como em função de ter uma remuneração baixa, muitos atletas, eles tem a necessidade de trabalhar. E trabalhar em cima do que gosta, que é o skate. Então, a Federação, diante de suas competições, ela abriu um leque de ações que são remuneradas. E essas ações, se fala de juízes, se fala de planilha, dos fiscais de pista... retomando a tua pergunta... é em relação a isso, a questão linha profissional... então, em função de a Federação abrir esse leque na área de recursos humanos, como equipe técnica... esses atletas profissionais acabaram se incorporando. E, por vezes, a gente sabe que isso não pode ser uma coisa dependente. Ou seja, tu não pode depender daquilo, em função de que a Federação não visa o lucro em si, ela visa o seu desenvolvimento e também o desenvolvimento de seus atletas. Porém, eles já estão entrando na linha técnica e na linha

desportiva, porque eles são atletas de competições. E tão entrando também numa linha técnica... que é, enfim, na questão da equipe técnica. E eu acho que é por direito, os juízes, eu acho que tem que ser atleta profissional, o head tem que ser atleta profissional, o narrador tem que ter envolvimento direto... ao skate, pra saber todas as manobras... ou seja, que se consiga envolver o máximo de atletas profissionais, é melhor, engrandece o teu evento. Só que, por vezes, se torna uma dependência. E como nós temos bastante atletas e o número não é grande de espaço pra poder trabalhar... ocorrem os conflitos. E, por vezes, os conflitos, eles não são produtivos, porque no fundo, o que ele precisa é poder arranjar aquele espaço pra ser juiz, naquele campeonato. E se ele não conseguir, ele se ofende, por vezes, ele fica brabo até mesmo com os organizadores do evento. E que, por vezes, a maior preocupação dele é voltada a competição em si, a participar de campeonatos, a desenvolver marcas... só que ele precisa de dinheiro. Então, realmente, esse aspecto me preocupa um pouco. Mas é uma questão natural de desenvolvimento, é o que nós estávamos falando antes.

B: O que tu acha que tem na trajetória de skatistas profissionais... pra que eles ajam de maneira a atrapalhar competições amadoras, até de forma infantil, assim... não liberando o espaço pra o que foi programado pra acontecer...

R: Foi isso que eu te falei... de eles contarem, criarem uma expectativa, errada. Perante a Federação ou até mesmo os próprios organizadores do evento.

B: Tu acha que uma coisa tem a ver com a outra?...

R: É, involuntariamente... ou seja, é um impulso natural. Eles tem dificuldades, muitos tem até tem filhos ou tem ali a sua necessidade... e, por vezes, aquilo é uma oportunidade de ganhar o seu dinheiro. Querendo, um juiz, hoje, ganha em torno de R\$ 200,00 pelo final de semana de trabalho. Então, em cima disso, eles ficam chateados, e acabam de uma maneira imatura se expondo e até algumas vezes, querendo atrapalhar o evento e tudo. Mas, enfim, o meu papel, como presidente da Federação, eu tenho que absorver isso, e buscar uma solução... do que, de repente, culpar eles, né?

Nesta mesma perspectiva está a esportivização. O sentido do desenvolvimento/evolução se liga diretamente com um sentido de dar desenhos esportivos à prática. O tema esporte e skate será discutido num capítulo especial em seguida, motivo pelo qual não me atarei ao assunto por ora. Não obstante, o desenvolvimento/evolução se caracteriza pela especialização, como pode ser observado no excerto de entrevista acima. Porém, e talvez tão interessante quanto no trecho acima, nos planos dos entrevistados se manifesta outra forma de especialização, a de uma ocupação de espaços de outras atribuições que não a de ser skatista profissional, mas de ser empresário, fotógrafo, vídeo *maker*, *team manager* etc. Os planos e sonhos serão abordados em tópico à parte, motivo pelo qual não desenvolverei a discussão aqui. Entretanto, antecipo um significado da *Illusio* nesta configuração da prática, o de uma integralidade de absorção pelo campo que coloca um obstáculo à iminência da saída, uma espécie de devoção ao campo que localiza no ponto do final da experiência como skatista profissional a reconversão por dentro do próprio universo do skate. É o caso de se estar de tal forma “apanhado pelo jogo” que não se possa pensar deixá-lo.

A *Illusio* é uma espécie de conhecimento que está fundado no fato de ter nascido no jogo, de pertencer ao jogo por nascimento. Dizer que conheço o jogo desta maneira quer dizer que o tenho na pele, no corpo, que ele joga em mim sem mim, do modo como meu corpo responde a uma oposição antes mesmo de eu a ter percebido como tal (BOURDIEU apud LAHIRE, 2002, p. 35).

Concomitante ao sentido de esportivização da prática, está o de mercadorização. Ao mesmo tempo que a prática se esportiviza, ela também toma a forma de mercadoria, sobretudo nos contornos que toma ao ser filmada e/ou fotografada. Ao ponto que fotografar e filmar passa a ser uma das principais atividades do skatista profissional. Embora o sentido que tome na perspectiva dos entrevistados seja o da veiculação de informações, a ação de filmar/fotografar a uma manobra para transformar o produto deste processo em revista ou vídeo e então dispor ao comércio não pode deixar de ser pensada como a transformação daquela manobra em mercadoria.

Por fim, a reserva de mercado se coloca como uma característica relevante do desenvolvimento/evolução ora discutidos. Em certos casos chegando a parecer uma espécie de xenofobia a quem “é de fora”, em outros apenas um cuidado com “aproveitadores”.

G: É, **quem é de fora enfrenta resistência**... empresários... mas não é só empresário, não é contra eles. Mas é **contra empresário que não sabe investir**, né, cara? Por que muita gente... o Skate morreu, no Brasil, em 1989, por causa disso aí (convicto), muita gente... (pausa) como Sukita, e sei lá, entrou e fazia de qualquer jeito, de qualquer forma. Muitas marcas entraram e não reinvestiram o dinheiro que lucraram no esporte e o Skate simplesmente acabou.

R: Então, eu vejo que realmente ele está num processo hoje evoluído. E o que mais me deixa feliz e por vezes tranqüilo, assim, em relação em falar de skateboard nacional, é que hoje, ele está sendo administrado, eu diria isso... juridicamente, por ter várias instituições, por **pessoas do skate**. Isso me deixa bastante tranqüilo. Por saber que, por exemplo, que o nosso presidente da nossa Confederação, o Ale Vianna... ele é uma excelente pessoa, como pessoa, como profissional, como skatista. E no fundo, ele também enxerga e se contenta em saber disso, porque hoje, o skate está sendo movimentado, manipulado por pessoas que gostam de skate, que amam o skate. Porque poderia ter gente, por vezes, **caindo de paraquedas**, aquela coisa toda, **tirando proveito**. Como em todos os esportes ocorre. No skate, eu não vou dizer que não há isso. Mas os que aparecem com essa intenção, duram pouco. Eu digo isso, por esse dois, três anos... três anos de vida que temos. Por nós sabermos de quem passou... e os que passaram com intenção meramente de tirar proveito, não permaneceram. E os que permaneceram, com dificuldade, mas que realmente gostam de skate... tá permanecendo... e dentro de mais um período breve aí, nós vamos ter, eu diria constatado já, com convicção e certeza, que políticas nós vamos adotar

pro skate gaúcho e nacional, né? porque ele está nesse desenvolvimento, um **desenvolvimento harmônico**... muitos acham lento... porém, eu acho que ele tá num **desenvolvimento natural**. Ou seja, ele está se desenvolvendo com um tempo... naturalmente.

Esta resistência, que se desdobra em reserva de mercado de toda natureza no interior do universo social do skate, se caracteriza por um lado em pretender ter em todos os espaços ligados ao skate, skatistas (caso das reconversões operacionalizadas e pretendidas nos planos e sonhos e sem levar em conta as especificidades de outras áreas como fotografia, administração de empresas, gestão esportiva, marketing etc.)

B: Tu acha que vai trabalhar com alguma coisa dentro do skate?

R: Agora, assim, com certeza. Tudo que eu fiz até hoje, tudo que eu aprendi foi com o skate e... **todo skatista sabe muito sobre o mercado**, quase todos sabem muito sobre o mercado do skate, que é um mercado bem diferenciado. **E acho que o futuro é, agora, os atletas tomarem conta do mercado**. Vão... nos Estados Unidos, quase todos, a maioria das marcas são de atletas. E **essa nova geração** que tá saindo, acho que vai fazer isso, **vai mandar no mercado**.

B: Fala um pouco sobre isso, as marcas, assim... tu achas que tem umas marcas que não tá fazendo o certo?

D: Porra! A maioria. A maioria não faz...

B: E o que seria o certo?

D: O certo? Tipo assim, ó... quando você tá... se você tá tirando dinheiro... **a maioria dos donos de marcas não andam de skate**. Então, o que acontece? São donos de marca que nunca andaram de skate, nem pisaram... ou andaram um pouquinho há muito tempo atrás, mas tiveram dinheiro e viram que o mercado dava dinheiro e investiram. Então, firmeza. Só que essas pessoas estão tirando dinheiro do skate! Eles usam o que? é.. marca de roupa com skate, marca de tênis com o skate... só, assim, a partir do momento que você está tirando dinheiro do skate, seu público é a galera do skate ou simpatizante – simpatizante faz parte do skate, gente que gosta de quem anda de skate, senão não ia comprar roupa, então são pessoas que gostam da gente de todo lado – então, nós fazemos a marca. Se não tivesse quem andasse de skate, não ia existir as marcas. Então, eu falo, eles ganham dinheiro com a gente e não pagam nada, não valorizam ninguém no skate, são poucos que ganham...

E também se caracteriza por outro lado na expectativa quase ingênua de uma reciprocidade, desconsiderando as “regras” de um jogo mais amplo, as normas da economia capitalista, o que será assunto do tópico “uma lógica da reciprocidade?”.

3.5 TRANSUBSTANCIALIZAÇÕES

Transubstancialização: este termo e seu sentido se apresentam presentes em obras de diversos autores das ciências sociais (BOURDIEU, MAUSS, etc.), sendo seu sentido repetido no uso de outros termos também, como transubstanciação, transmutação e, em alguns casos, reconversão. Entendo-o como relativo à troca possibilitada pelo reconhecimento de um determinado conhecimento prático (capital que não econômico) no interior de um campo específico, restando ao beneficiário vantagens materiais e, sobretudo, financeiras. Sendo sua forma mais complexa e acabada socialmente aquela da qual se deriva retorno monetário. O processo que envolve, entre outros, o da transubstancialização, depende, em alguns casos, de uma configuração tão específica e implica uma combinação de fatores tão caprichosos que chega a ser chamado por Bourdieu de “alquimia simbólica” (1996. P. 167) e de “alquimia social” (2004, p. 184).

Por ser uma prática que não atrai público em grandes proporções para seus espetáculos, como é o caso do futebol, por exemplo, no Brasil, o skate não pode transformá-los em espetáculos imediatamente rentáveis a quem quer que seja. Embora existam outras formas de fazer com que um espetáculo esportivo transforme-se em rendimentos, esse continua sendo um bom exemplo. Assim como por não existirem clubes ou instituições que os valham, o universo do skate não atribui um estatuto de coisa, em termos gerais, aos skatistas. Entretanto, em algum momento, no caso de falarmos de profissionalismo, de viver de skate, há que se localizar onde e quando podem esses sujeitos efetivamente obter vantagens financeiras e/ou materiais, onde possam “ganhar dinheiro”.

No caso do futebol, “há um momento em que os investimentos em capitais futebolísticos geram dividendos, em que o dom, pode-se dizer, vira dinheiro, podendo ser medido, quantificado e novamente trocado por outros bens” (DAMO, 2005, p. 313). Com o skate, esse processo parece estar mais ligado à incorporação mesma de um *modus operandi*. Notemos que não há uma estrutura tão rígida no universo do skate quanto há em esportes como o futebol (clubes, Federações internacionais, empresários, competições mundiais regulares etc.). A possibilidade da transubstancialização está no skatista, nas relações que estabelece a partir de um aprendizado. Este aprendizado, o do processo da transubstancialização, se aprende paripassu com o aprender a “fazer o corre” e é em parte o próprio “corre”.

De alguma maneira, se deixássemos de fora o quesito técnico (o que parece acontecer vez por outra no universo observado) ao observar este aspecto, o que restaria à análise seria o produto desta aprendizagem. Apresento com exemplos de diferentes momentos, mas não como uma cronologia, não como uma cronografia, uma possibilidade de entendimento do processo de transubstancializações no skate.

Essa possibilidade está assentada em três “fases” do retorno material e que se apresentam no tópico seguinte, o apoio (recebe-se equipamentos e, circunstancialmente, dinheiro, sobretudo para cobrir os custos de competições), a ajuda de custo (recebe-se equipamentos e uma quantia pequena de dinheiro de forma sistemática) e o patrocínio (recebe-se equipamentos e salário fixo mais valores de contrato). Porém, seria pouco dizer apenas isso, e a partir disso, sobre as trocas materiais; existe um conjunto de determinações (algumas imateriais) concomitantes que importam significativamente e que precisam acompanhar o raciocínio, sobretudo no que toque à uma determinada rede de relações a se estabelecer. Entenda-se que estas fases são formas de apresentação de um processo em continuum e trespasado por outros processos. Seria mais fácil “narrar” a trajetória fantasiosa de um skatista imaginário de técnica apurada e mediana capacidade de “fazer o corre”, com características “normais” à cada “fase”. Entretanto, não há normalidade. Nem fantasia aperfeiçoada que dê conta da irregularidade da realidade social.

Afim de facilitar o entendimento, realizo um cercamento de alguns fatores relativamente secundários ao processo das transubstancializações, para enfim tratar especificamente do próprio processo, tão relevante para o sub-universo dos sujeitos da pesquisa. Falo da participação das marcas no processo, da lógica de representação, da instabilidade estrutural e da “magia social da consagração” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 154).

A primeira observação que deve se fazer sobre a participação das marcas (empresas especializadas) nas transubstancializações refere-se ao fato de que, sem exceção, elas é que patrocinam os skatistas, ou seja, os skatistas dependem única e exclusivamente delas para obterem dividendos financeiros ou retorno material. Essa relação de dependência se dá através da concessão de apoios e patrocínios por parte das marcas em troca da representação dos skatistas, a partir de contratos e acordos verbais. Para além das causas e conseqüências materiais desta relação, está uma coexistência mais ou menos conflituosa, amparada por uma cortina de

recalque - “A economia dos bens simbólicos apóia-se no recalque ou na censura do interesse econômico (no sentido restrito do termo)” (BOURDIEU, 1996, p. 193, grifo do autor) - e pela expectativa de uma reciprocidade, o que será assunto de um tópico específico a seguir.

A instabilidade estrutural opera, como característica fundante do campo, nos processos de transubstancialização determinando momentos mais ou menos propícios ao início ou ampliação de apoios e/ou patrocínios, para a realização de competições, para viagens ao exterior, para demos, compra de espaços em mídias etc. Corresponde à altas ou baixas toda a conjuntura favorável ou desfavorável da qual derivarão o sucesso ou o insucesso de pretensões de skatistas acerca da quantidade e do volume de transubstancializações possíveis em determinado período.

Todo o processo das transubstancializações está ancorado em uma magia social da consagração (BOURDIEU, *passim*, 1995, p. 154).

De maneira geral,... os circuitos de produção e circulação material são inseparavelmente ciclos de consagração que, além disso, produzem legitimidade, isto é, objetos sagrados e, ao mesmo tempo, *consumidores convertidos*, dispostos a abordá-las como tais e pagar o preço, material ou simbólico, necessário para deles se apropriarem (BOURDIEU, 2004, p. 169, grifos do autor).

Se pelo ponto de vista do skatista ele vai galgando degraus, acumulando conquistas que lhe permitem barganhar com patrocinadores e se pelo ponto de vista do patrocinador isso pode significar potencializar sua marca, a observação do processo aponta para a “circulação circular”, onde:

Os processos de circulação circular, tais como a arrecadação de um tributo seguido de uma redistribuição hierárquica e hierarquizante, seriam perfeitamente absurdos se não tivessem como resultado a transmutação da natureza da relação social entre os agentes ou os grupos diretamente envolvidos. Por toda a parte em que são observados, tais ciclos de consagração têm por função realizar a operação fundamental da alquimia social, transformar relações arbitrárias em relações legítimas, assim como diferenças de fato em distinções oficialmente reconhecidas” (BOURDIEU, 2004, p.211).

E onde as trocas têm dupla natureza, material e simbólica. Na sua dimensão material, a troca respeita as regras “naturais”, da necessidade, da funcionalidade etc.

Em sua dimensão simbólica, respeita as regras do campo, em suas especificidades. Um bom exemplo dessa dupla natureza é o modo como escolhemos um presente, “queria dar algo que fosse útil, algo que ele usasse” (dimensão material), mas nunca esquecemos de tirar a etiqueta do preço, fato que atribui a dimensão simbólica à ação, podendo significar generosidade, desprendimento, vergonha etc.

A circularidade está, em que pese os destinos dados aos objetos materiais, em que a consagração é tributária de um processo coletivo (de recalque e de mais-valia simbólica), onde os ganhos simbólicos dirigem-se principalmente a quem abre mão do objeto dotado da valorização simbólica e justamente a quem atribui o valor. É o caso das obras de arte no campo artístico, das etiquetas no campo da moda e das assinaturas de atletas em produtos esportivos, no campo do esporte. A magia da consagração e a circularidade do processo estão em que praticamente não importa quantas obras de arte se compre, quantas roupas de grife se tenha ou quantos tênis das melhores marcas assinados pelos melhores atletas se possua, o poder simbólico ainda estará com aqueles a quem compete estabelecer valor simbólico⁶⁸. Estar entre os que detém tal competência significa entrar neste círculo e fazer parte desta circularidade.

3.5.1 Os primeiros caminhos: pertencer a uma rede determinada, ser reconhecido e obter apoios e, depois, patrocínios

Verdade que o sociólogo desvenda, mas correndo o risco de descrever como cálculo cínico um ato que se quer desinteressado e que é preciso tomar como tal, em sua verdade vivida, e que o modelo teórico também deve perceber e do qual deve dar conta (BOURDIEU, 1996, pp. 160-161).

Além dos processos relativamente secundários aos processos de transubstancializações que vimos acima, resta ainda falar sobre a constituição da rede de relações que necessariamente necessitamos apreender para o bom entendimento do que atine ao universo social do skate e suas trocas. Esta rede de relações corresponde à forma peculiar do capital social na configuração dos sujeitos da pesquisa. Ele é constituído (ou a rede é constituída) desde os encontros mais

⁶⁸ O músico, depois de vender um x milhões de discos, recebe o prêmio (disco de ouro, platina, diamante, etc...), o símbolo. Quanto mais discos são apropriados materialmente por “consumidores”, maior o ganho simbólico do músico.

fortuitos, até os contornos mais práticos de sua utilização, como as indicações à patrocínios, operadas sempre por alguém em posição privilegiada no campo e a quem fica atribuída a “dádiva”. Quando se ocupa de diferenciar trocas simbólicas (dádivas) de trocas (toma lá, dá cá) econômicas (dívidas), Bourdieu parte do princípio de que

Mauss descreveu a troca de dádivas como seqüência descontínua de atos generosos, Lévi-Strauss definiu-a como uma estrutura de reciprocidade que transcende os atos de troca, nos quais a dádiva remete à sua retribuição. Quanto a mim, observei que o que faltava nessas duas análises era o papel determinante do intervalo temporal entre a dádiva e a retribuição, o fato de que, em praticamente todas as sociedades, admite-se tacitamente que não se devolve no ato o que se recebeu – o que implicaria uma recusa (1996, p. 159).

Os excertos das entrevistas que apresento em seguida tratam tanto dos processos referentes aos patrocínios e apoios quanto da constituição de tal rede de relações.

Como dito anteriormente, o início das relações com patrocinadores se dá quase sempre a partir do sucesso em competições e do acionamento de redes de relações. Embora existam exemplos que fujam a essa regra, sobretudo pelo fato de que, cada vez mais, os vídeos e as fotos estão tornando-se referência. No mais das vezes, os patrocínios se materializam numa avaliação dos capitais portados pelos skatistas e pelo desempenho em três maneiras de viver o skate⁶⁹, três estatutos (skatista, atleta e representante de marca(s)), o que será tema do sub-capítulo seguinte.

Fato repetido, quando perguntados sobre seus primeiros patrocínios, os entrevistados invariavelmente referiam a tal rede de relações: “Cara! Com certeza, foi por influência, não foi do nada... de amigos, né? Que são... que tão mais na mídia, que são considerados no meio do skate”.

Então, a partir dos primeiros contatos estabelecidos através de boas colocações em competições⁷⁰ (no mais das vezes) e de indicações efetuadas pela rede de relações, o skatista passa a receber apoio, modalidade de patrocínio que oferta

⁶⁹ “R: Tu vai ali, sai na pista, anda bem, ganha campeonato, certo que tu vai pegar patrocínio. E acho que é isso aí, tem que tá aparecendo, indo nos campeonatos, sair nas revistas. Tem que tá andando bem e ter atitudes boas, né? não adianta tu andar pra caralho de skate, ser o que mais anda e... ter teu filme, tua imagem ruim. Acho que a imagem, hoje em dia, é o que mais conta...”

⁷⁰ “C: No Brasil, se tu não ganhar campeonatos ou se tu não aparecer em revista, tu não vai conseguir. Ninguém vai tá na pista te olhando e vai te oferecer coisas...”

apenas equipamentos. Então, começa o aprendizado relativo a “fazer o corre”, no que diz respeito às transsubstancializações. Os equipamentos recebidos não são tão escassos que lhe venham a fazer falta, caso o skatista venha a trocá-los por outros bens ou dinheiro. Trata-se de skatistas muito jovens (14, 15 anos) que geralmente estão nas categorias mais iniciais das competições. O processo é relativamente simples e reúne, quase sempre, skatistas iniciantes e marcas não muito conhecidas, lojas, fábricas de shapers, rodas e roupas. Geralmente, as marcas procuram o skatista, que também com muita freqüência já foi indicado por outro skatista, muitas vezes da equipe da própria marca. Os excertos abaixo tratam desse início:

B: Como é que os caras conseguem? Com quem é que fala? Os caras vem falar contigo? O que tem que fazer?

I: Ah, tipo, se tu quer pegar um patrocínio, né, meu? Tipo, andar de skate todo dia... pá. Andar de skate... estudar, ter humildade e pá. E sempre, tipo que respeitando os outros. E Pra pegar patrocínio, tu tem que andar com as pessoas certas... se tu andar com as pessoas erradas, tipo os caras que assaltam e pá, tu não vai conseguir nada.

B: Tem alguma coisa a ver com colocações em competições?

I: Tem. Campeonatos, principalmente, né? porque os caras de marca, agora... eles falam que não, mas lógico que é. Porque eles querem... é... eles fazem campeonatos, se a pessoa não se dá bem nos campeonatos, já vai começar tipo uma cobrança...

B: E o cara procura a marca pra pedir o patrocínio ou eles procuram o cara?

I: geralmente, eles procuram a pessoa.

B: E como é que tu conseguiu esse primeiro patrocínio?

I: É...foi muito de repente... tipo, eu tava andando na pista.. daí, tipo, eu cheguei e saí mais cedo. Daí, quando vê, chegou um cara e perguntou por mim, daí os moleque falou [sic]: “ah, ele saiu”. Aí, no outro dia, eu não fui na pista e ele foi de novo. Daí, depois eu fui e ele não foi. Daí, tipo meio que um desencontro, assim. Daí os moleques me falaram.... daí, “ah, vou começar a vir na pista, de repente ele aparece...” daí, quando vê ele vem, daí, a gente começou a trocar uma idéia e eu comecei a pegar umas roupas... daí ele queria assinar um contrato... daí, ele pegou e falou: “ah, vou lá na tua casa qualquer dia falar com os teus pais pra assinar o contrato”. Daí, o que ele falou, ele cumpriu. Ele foi lá em casa...

B: Como é que foi? Quem é que te procurou da Sims?

I: Acho que os atletas, que eram da marca naquele tempo, acho que eles me indicaram e tal...

Essa modalidade de patrocínio resume-se ao skatista vestir os produtos das marcas e declarar-se apoiado pela marca em competições e receber uma cota de material (mais ou menos explícita nos acordos, logo que nessa fase os contratos são raros) com maior ou menor freqüência, de acordo com seus êxitos em competições ou presença junto ao apoiador. Não há instrução clara ao skatista, mas é esperado que ele movimente a marca, que apareça e faça a marca aparecer, que faça “o

corre”, que cresça junto com a marca. Por parte do skatista, é, muitas vezes, nessa fase que começa-se a aprender a faceta dos negócios, de transformar seus capitais corporais (e desenvolver, incorporar disposições nesse sentido) em dinheiro. Um entrevistado, que aos quinze anos obteve seu primeiro apoio, percebeu isso rapidamente e passou a utilizar parte de sua cota para transformá-la em dinheiro: “B: quantos anos tu tinhas? G: eu tinha... B: quinze? G: quinze. Imagina! Fazia um dinheiro... pegava relógio! Pegava roller pras minas lá da minha rua que queria andar de roller, vendia. Era da hora!”. Abaixo, trechos de entrevistas que auxiliam a entender como se imbricam as redes de relações e o aprendizado ligado às transubstancializações:

G: Aí, depois, eu fechei... não, tipo, depois daí, tipo eu e o Goró ficamo amigão, começamos a andar direto junto... eu fui pra Overdose (marca que já patrocinava Goró). Daí, eu fiquei na época Bali Barel/Overdose. Aí, junto com o gancho da Overdose, eu entrei na Tailon. Aí, depois, eu saí da Tailon, saí da Bali Barel, daí entrei na Shovit, que é uma outra loja. Aí fiquei Shovit/Overdose. Aí, entrei na hell flip. Aí, depois, mano...

B: Isso tudo em troca de material?

G: É, isso daí tudo... tipo, “melhor lá...” o cara ia te dar três shapes e o cara ia te dar cinco. Daí tu sai дума pra entrar em outra.

B: e depois, o que tu faz com as roupas? Se de dois em dois meses chegar, daqui a pouco tu não tem mais onde botar, se tu não der um jeito de passar pra frente!

I: Tipo, eu dou. Eu dou pros meus primos, amigos e tal.

B: De repente fazer uma trampinha também...

I: É, uma trampinha de vez em quando... quando eu preciso de alguma coisa, já pego e já falo: “pum, me dá um dinheiro aí, sei lá...”

Estando em uma marca (sendo patrocinado por ela na fase do apoio) ou não (passando a integrar a equipe de uma a partir de então), a segunda fase corresponde, na linguagem nativa, já a um patrocínio. Trata-se de acrescentar à cota de material uma ajuda de custo, um pequeno valor mensal.

B: Tu ganha grana ou só materiais desses teus patrocínios?

I: Eu ganho dinheiro por mês, tipo uma ajuda. Daí, eu ganho material e mais uma ajuda, tipo, assim, por mês...

Nessa fase, começam a valer outras possibilidades de transubstancializações além das participações em competições, como o aparecimento em vídeos e revistas, que até então não estavam previstos nos acordos e dificilmente aconteceriam. Provavelmente por conta do maior número de possibilidades de aparições e de

assédio de outras marcas, é nessa fase que se iniciam, não obrigatoriamente, os contratos formais, quase sempre com a participação da família do skatista, que quase sempre é menor de idade (16, 17 anos).

B: Como é que rola, eles te pagam pra tirar foto ou ...?

I: Não, nem paga. Só apareço na revista. Daí, eu ganho bonificação.

G: As premiações são dobradas pelos patrocinadores, então, vale a pena. Mas há uma tabela também, para outras formas de divulgação...

R: Como assim?

G: Tipo, uma foto em determinada revista é tanto. Numa outra, de circulação nacional é tanto. Uma aparição na Globo é tanto. Uma página inteira é tanto, meia página, assim vai. Você tem retorno de qualquer forma.

As apostas em skatistas começam nessa fase. As marcas podem oferecer mais do que a média para um skatista, em troca de laços mais firmes e de acordos duradouros. Entretanto, muitas vezes, podem “aparecer” outras marcas. E como o mercado não é regulado, podem se estabelecer disputas. Sobretudo por conta de que o entendimento de diversos skatistas sobre as suas relações com as marcas aponta para uma retribuição a serviços prestados e recompensa por esforços, ficando prejudicado o possível laço de identidade marca-skatista:

G: Depende do skatista. O cara se esforçando... também vai do cara, né, meu? Que nem hoje, eu, pá, tô ganhando pouco, mas eu procuro aparecer nos negócio aí, pro final do ano ganhar bem mais. Aí que surgem outras marcas, né? Surge uma marca de roupa, surge uma de truck. O cara vai aparecendo mais, os cara vão “ô, esse aí tá aparecendo, vamos investir nele”...

Com o avanço na idade e a ajuda de custo, passam a ser freqüentes viagens longas visando competições e, raramente, demos, onde passam a se ampliar as redes de relações.

B: Como é que funcionam essas coisas, tu que banca mesmo ou...?

I: os patrocínios.

B: Os patrocínios bancam tudo?

I: Isso.

B: Então, por que tu tem que ficar na casa de alguém e não no hotel?

I: Porque ... ah, é mais da hora ficar na casa de alguém, porque se eu for ficar num hotel eu vou ficar sozinho.

I: Se as pessoas te convidam: “ah, vamos ficar no hotel junto e tal”, daí, tipo, “ah, vamo aí”. Daí, tipo, se a pessoa já convida mais alguém que tu não conhece e daí tu já vai ficar amigo da pessoa. Até de repente nem fica amigo, mas tu já conhece a pessoa. E tu vai fazendo bastante amizades.

A fase mais avançada é a dos patrocínios propriamente ditos. Corresponde ao recebimento de material/equipamentos e um salário mensal. Muitos dos skatistas são contratados como prestadores de serviços ou, menos comumente, tem a carteira assinada. Os salários variam de acordo com o status de cada skatista e com cláusulas de contrato, que podem permitir, por exemplo, bonificações e participação nas vendas de produtos (principalmente com seu nome, sua assinatura). Esse tipo de produto é a forma mais completa de patrocínio e da relação skatista/marca, o skatista “está” no produto.

O skatista, mediante um acordo, passa a ter obrigações para com a marca que lhe patrocina, o que pode variar com o grau de envolvimento (exclusividade, por exemplo) e com o que recebe (quanto maior o salário, maiores as obrigações). A maior parte das obrigações está em viajar para competições e para demos da(s) marca(s), além de fotografar e filmar, para garantir sua aparição em revistas e vídeos. Como revistas e vídeos são relativamente escassos, vai depender da capacidade de o skatista “fazer o corre” sua aparição. Para isso, há incentivos, como bonificações. Acontece que as competições e as demos são atividades programadas e de fácil acesso (as competições são, geralmente, abertas e as demos são programadas para os atletas de uma marca). Já outras atividades, como sessões de fotografias e de filmagens, dependem do interesse do skatista.

C: Cara, o que eu tô sempre tentando fazer é, quando tem alguém filmando ou tirando fotos, eu me grudo! Sou chato... se me convidassem pra ir filmar, eu ia agora, tá ligado? Podia ter combinado o que for...

Daí porque nesse momento se jogam todas as disposições e todo o capital social, no caso dos sujeitos patrocinados. Qualquer problema em transubstancializar significará o afastamento, primeiro da consagração e, depois, do próprio ciclo da consagração. O resultado seria o distanciamento da posição privilegiada no campo, o ostracismo, do ponto de vista de quem fica ou de quem conhece o sub-universo do skate patrocinado, uma espécie de centro do campo. Abaixo, o excerto da entrevista trata de um caso específico, no qual o skatista feriu sua rede de relações e os

princípios da magia social da consagração. Omitirei, por motivos óbvios, os nomes dos skatistas e da marca envolvida.

C: Com a marca tal, eu tive mais ou menos quase um ano, não chegou a um ano... no tempo, eu era um pouco rebelde, assim. Aí eu não gostava de usar os model de tênis deles. Aí eu comecei a vender assim, e trocar eles. Aí o pessoal me chamou à atenção e eu não dei bola, né? Aí foi quando eu perdi o patrocínio...

B: Foi por conta disso, então, que tu perdeu o patrocínio?

C: Isso, é. Pausa é, teve alguns amigos meus que me deduraram... são do meio, mas eu não falo... tipo,... nós era tri piá, assim. Isso não conta muito. Não levo....

B: Hoje tu te dá com eles ainda?

C: É. Isso daí não influenciou nada assim. Pra ti ver que eu não levo muito à sério, assim.

B: Quem eram os caras, Carlos?

C: Ah!!! Pausa... foi o Natanael. O Natanael era da minha equipe, o Goró tb e o Martos.

B: Mas tu acha que os três falaram?

C: Não. O que fiquei sabendo.. o que o diretor me falou é que foi o Natanael. O pessoal ficou até hoje. Tem até um model de shape...

O skatista colocou seus colegas em risco, ao não respeitar o acordo de emprestar seus capitais à marca, usar o tênis (model = modelo) da marca patrocinadora. Pior que isso, vendeu os tênis. Perdeu o patrocínio (foi afastado da consagração) e não conseguiu voltar aos patrocínios, tinha sua rede de relações prejudicada, já há seis anos que está sem patrocínio.

Um bom indício da circularidade da dimensão das transubstancializações está no fato de que tal circularidade encerra um determinado limite de operações possíveis (capitais disponíveis). Uma fórmula geral de capital econômico em relação ao capital simbólico e ao capital social e vice-versa. Os volumes de capitais não podem estar em discrepante desequilíbrio, sob pena de “quebrar” a circularidade. Nas palavras de Cauê, acompanhadas de uma mensagem ética e de um recalque à significação do andar de skate:

C: Então, tem muitos amadores hoje em dia tão crescendo, procurando patrocínio. Então, o mercado não tá preparado pra sustentar todos os amadores que tão vindo. Entendeu? A demanda tá muito grande pro espaço que tem. Então, a pessoa tem q saber que o skate, em primeiro lugar, tem que ser por diversão. Skate não pode ser por... tu tem que ter certeza do que tu quer, se tu quer ser profissional ou se tu quer se divertir. Se tu quer um meio termo... hoje em dia o skate... tá muito... tá exigindo muito.

3.6 TRÊS ESTATUTOS: SKATISTA (UM ESTILO DE VIDA), ATLETA (PRATICANTE DE UM ESPORTE) E REPRESENTANTE DE MARCA(S) (IMAGEM E MERCADORIA)

A propósito de como se atribui o significado à prática e à vivência dos sujeitos, poderia dizer que se tratam de três estatutos, o skatista (um estilo de vida), o atleta e o representante de marca(s) (imagem e mercadoria).

Quase todo o trabalho aponta, até aqui, para a constituição de um estilo de vida. Seria oneroso demais para o texto, e cansativo para o leitor, ocupar tempo e espaço para repetir o que venho dizendo. O que devo fazer é apontar para o fato de existirem diversos estilos de ser skatista, como vimos já os *streeters* e os *punks*, fazendo referência também aos skatistas da *old school*. Todos têm como uma de suas principais atividades o skate, dedicando-se a ele cada um à sua maneira. Ou seja, à sua maneira, cada estilo organiza um conjunto de preferências diferenciais e diferenciadoras, muito semelhantes, mas diferentes entre si, que talvez sequer fossem notados assim por olhares mais apressados. E também apontar para as conseqüências sociais de tal diferenciação. Na busca (e na disputa) por espaço na sociedade, o skate passou a ser visto e conhecido pela população em geral (em alguns casos mais, em outros menos). Entretanto, até o momento atual, ele não é uma prática de amplo conhecimento, como o futebol ou a dança, e mais que diversos possíveis exemplos ele manifesta distinções aparentes, como o modo de vestir, de se portar, os cortes de cabelo etc.

O uso dizer que decorrente de tamanha distinção no seio da mesma sociedade (skatistas e não-skatistas coexistem nos mesmos espaços urbanos) e de outras características da própria prática, como o fato de o skate ser uma prática barulhenta, de se utilizar de espaços públicos e de propriedade privada (escadas, corrimões, bordas de calçadas etc.) provocando seu desgaste e, em alguns casos, quebra, entre outros possíveis motivos, se deu uma forma de estranhamento que em incontáveis referências pode ser interpretado como confrontacional e que se desdobrou, no caso da configuração estudada, em um estigma de preconceito.

O estigma do preconceito me saltou aos olhos como uma marca estruturante do universo social do skate e de seu estilo de vida no trecho de uma entrevista que sequer falava diretamente sobre o assunto. O entrevistado havia me confundido sobre o município onde residia (Porto Alegre ou outro da região metropolitana) quando eu insisti em saber: ele esclareceu que em verdade residia mesmo no outro

município, mas que não fazia questão de dizê-lo sempre pois, em suas palavras: “um monte de gente... quando eu falo que ando de skate, já me olha com outros olhos...”. Note que estava tentando evitar um duplo preconceito, por residir em um município famoso pela violência e por ser skatista. À medida em que fui estabelecendo os contatos e realizando observações e entrevistas, entendi a força que jogava contra os skatistas, a confusão da prática com vandalismo ou bandidagem. Foram inúmeras as vezes em que ouvi “skatista não é vagabundo”, “skate não é crime” etc, reforçando a idéia de que o preconceito e a confusão tocaram os skatistas de forma relevante a ponto de eles desenvolverem discursos para vencer o preconceito e dissiparem a confusão:

A gente já foi muito mais discriminado, hoje em dia a gente é um pouco menos e tal... então, tipo, qualquer mínima atitude que eu tenha, quando eu tô com o skate debaixo do braço.. desde sei lá, passar perto de uma tia e assustar... eu penso que ela pode ter uma imagem ruim do skate, entendeu? Eu penso em tudo assim...quando eu tô com o skate embaixo do braço. Até as atitudes que eu tomo... eu procuro não deixar impressão mal, assim... “pô, aquele cara ali, com o skate...” pras pessoas não julgar mal o skate... (Goró)

Então as conseqüências do estigma do preconceito parecem ter se convertido na preocupação de alguns para com o “julgamento” do skate, ou seja, para sua imagem frente à população em geral. Entretanto, as conseqüências práticas do próprio preconceito podem ser mais, por assim dizer, carnis e dolorosas. Acredito que o excerto da entrevista abaixo, ilustra com clareza tais possíveis conseqüências:

G: Bah! Já houve muito mais preconceito, muito mais preconceito. Até hoje em dia, mesmo... o cara vive do skate e tudo e tem muita gente que não fecha muito, “o que que é isso?” mas antigamente, era muito mais, né, cara? Hoje em dia, como o skate já tá tendo muito mais exposição na mídia... fui preso já por causa do skate... já fui preso algumas vezes... ah, da última vez que eu fui preso... eu tava andando num banco... no Itaú... de skate e tal... e, não sei se deu uma chamada... ali na Assis Brasil... não sei se deu alguma chamada no rádio da polícia... que seria alguma coisa no banco, entendeu? Então, os policiais chegaram um pouco exaltados, assim. Mas é a polícia, né, véio? O pessoal, infelizmente, é ignorante. Pensaram que era alguma coisa de assalto, alguma ocorrência... chegaram várias viaturas. Deram uma geral na gente, né? “Pô, não pode andar aí, que ces tão fazendo aí?” “Pô, a gente tá tirando fotos, filmando e tal...” e o cara “não, não sei o que”, falou um monte. E foi liberar a gente, depois de um monte de discurso, né? O cara deu um discurso, deu aquela geral, tipo atraque... fizeram a revista na gente, tipo ignorante, né? Dando uns chutes e tal... mas a gente já tá acostumado, né? Polícia é isso aí assim mesmo. Aí um amigo meu foi inventar de tirar foto dos policiais quando eles estavam indo embora e tal. E o cara se indignou que o cara tirou uma foto, já tava exaltado por causa de uma ocorrência de banco e tal. E... daí o cara se indignou e veio pra cima do Cauê e tal e o não

queria dar o filme da máquina pra ele... e o cara começou a bater no Cauê e eu peguei a câmera e quis filmar o cara bater no Cauê e tal. E o policial me viu filmando. Daí o cara já veio pra cima de mim com tudo... já veio me batendo. Me deu vários tapas, me tirou a câmera da minha mão, me algemou e me botou dentro do camburão. E... foi batendo em mim e dando pau e dando porrada e tal. E eu explicando “pô, eu sou profissional, tava filmando e tirando fotos, não tem nada a ver” e ele “ah, vagabundo e pápápá, isso aí e piriri e poróró.” Aí, a gente foi lá pra... fazer o exame de corpo delito e tal e eu algemado... e o médico não sabia de nada... o cara acha que tu é marginal... e a minha cara toda vermelha, assim, de tomar tapa, né? Inchada, assim... e aí, o médico botou no papel que não tinha nada. E o policial mostrou uma cicatriz que tinha na boca, uma cicatriz velha, assim... e o cara botou lá “corte na boca” - riso amarelo – e aí o policial alegou que eu tinha batido na cara dele com a filmadora. Botou desacato à autoridade. Aí, a gente foi lá pro delegado, chegou na polícia civil. Aí, eu comecei a explicar a situação pro delegado. E o delegado começou “tá, mas o que tem de errado o cara tirar uma foto de vocês?” Aí, o policial começou a gaguejar. Aí, o delegado da polícia civil começou a me dar voz e a dizer que eu tava com a razão, né? Eu comecei a dizer que eu viajava o mundo, que eu era skatista e pá. E o cara começou a dar razão pra mim. E o policial se indignou de novo e me tirou da delegacia, bateu mais em mim... e mandou eu calar a boca e que eu era um bosta, um vagabundo e bábábá... Nisso um amigo meu ligou pro meu pai e meu pai tava a caminho da delegacia... aí o cara me botou num canto lá, algemado... nisso chegou o meu pai com dois advogados... e aí, teve que explicar a história toda e tal... claro que os policiais reclamaram e tal, né? E expliquei a história toda, que tinha acontecido e tal, que eu era profissional... expliquei pro delegado que a câmera que eu tava na mão valia R\$ 6.000,00 e que eu não ia bater na cara de um policial com uma câmera de R\$ 6.000,00 que eu não sou louco, né, cara? Sei que.. isso aí demorou, desenrolou, desenrolou, desenrolou e esses dias eu tomei outra... me pararam numa blitz policial e viram que eu tenho lá desacato à autoridade no meu nome. Então, até hoje... não foi julgado, mas eu tenho desacato à autoridade até hoje no meu nome. Essa é uma das coisas... aí, depois, minha mãe... não, o pai do Cauê chegou lá e o policial ainda falou assim pro pai do Cauê: “tomem cuidado, porque eles começam assim na rua, andando de skate e depois eles passam pra coisa pior!” (risos gerais) Tipo, como se fosse um pequeno delito, um pequeno furto e tal “pô, começou roubando e depois...” Isso é pra tu ver como existem ainda pessoas ignorantes, existe um pouco de preconceito, mas graças a Deus, é bem menor que antigamente.

Sob determinadas condições específicas, em competições e quando *interessa*⁷¹, como no caso da relação com órgãos públicos, o skate passa a ser tratado como esporte e o skatista como atleta. Sobre skate e esporte, a discussão ocorrerá em um sub-capítulo subsequente. Trataremos aqui apenas do estatuto de atleta. E é necessário dizer que esta seria a dimensão aproximada ao esporte espetáculo. Como veremos em seguida, não há treinos, técnicos ou professores, clubes, nem recordes etc. no universo do skate. De esporte, há apenas as competições e o uso do corpo neste sentido. Sendo assim, o estatuto de atleta aparece em poucas ocasiões, quase que somente em competições.

⁷¹ Não objetivo atribuir aos sujeitos o cinismo de mudar de estatuto ao sabor de interesses práticos, o que já seria equivocado teoricamente (imaginar sujeitos absolutamente pragmáticos), entretanto atento para o fato de que sob determinados e imprecisos limites, o estatuto de atleta é recrutado ao skatista (e de esporte para o skate).

Cruzar a linha do profissionalismo significa, neste caso, ser representante de uma marca, obter seu patrocínio. Esta forma de “ser skatista” é, por um lado, o objetivo dos sujeitos desta pesquisa, e, por outro, um conflito para eles. O conflito está na expectativa da reciprocidade (assunto abordado a seguir) e na impossibilidade de ter em todos os espaços de uma marca skatistas. Torna-se um problema conviver com visões de mundo e objetivos de vida diferentes. O que para o skatista é toda sua vida e as coisas mais importantes dela, para um empresário pode não ser. Muitas vezes, os empresários tratam de seus negócios como negócios, e isto não é visto com bons olhos pelos skatistas. Torna-se difícil apreender como gostariam que fosse seu estatuto de representante de marca(s), mas fica evidente como gostariam que não fosse.

Conhecido no meio, um empresário trata os skatistas (a maioria) da equipe de sua marca como funcionários de sua empresa. Um dos entrevistados disse-me que ele era o “cara mais odiado no meio do skate” e outro que sua relação com ele

É foda, assim. Como se eu fosse o cara que cola a sola dos sapatos dele, tá ligado? Ele acha que eu sou peão dele! Tipo, ele não tem esse lance de abertura, de achar que tá rolando uma troca, tá ligado? Ele acha que tá me fazendo um favor. Não acha que em troca, eu tô pagando alguma coisa pra ele, que tô apresentando a marca dele... que, na visão de skatista, cara, quem faz a marca é os atleta [sic]. Tu vai ver uma marca linda com uma equipe podre, tu vai desconsiderar a marca, com certeza. E o Cicrano não se liga nisso, não valoriza isso. Ele podia ter a melhor equipe do Brasil, com certeza, na mão dele... só que ele não tem porque ele é assim, ele trata os atletas dele como se fossem funcionários...

Na visão de outro entrevistado, o skatista

É um produto! O skatista não deixa de ser um produto vendável. O peito dele, ele tá vendendo uma marca. Na cabeça, ele vende o boné. No pé, ele vende o tênis. No skate, ele vende o shape, a roda... ele é um produto ambulante que vende vinte e quatro horas por dia,

ou seja, é um veículo de vendas. E a marca, o “patrocínio é que nem... é a marca que vai possibilitar com que tu faça tudo”. Entretanto, algumas das empresas não considerariam o patrocínio como uma troca e, sim, como um favor, uma obrigação, tornando o estatuto de representante de marca(s) em uma forma de tributo sem retorno, como se pretende entender no excerto acima. Perguntado sobre

as formas como as empresas vêem a questão dos patrocínios e o retorno promovido, um skatista experiente (mais de dez anos de skate) revelou que

Algumas vê [sic] e algumas não. Algumas vê [sic], mas não enxergam nisso o retorno. Algumas acham que tão te dando... que tão te fazendo um favor... te dando um salário, alguns pares de tênis por mês e algumas roupas. E acham que aquilo ali: 'não, eu tô fazendo porque todo mundo faz, então eu faço'. o atleta é fundamental dentro da marca... aí o skatista vai começar a ter mais valor, assim... pros empresários...

Sobre um skatista/representante de marca(s), os envolvidos estariam mais a se preocupar com um dever ser (de parte das marcas e de parte dos skatistas), com o papel do outro na relação e, especificamente no caso dos skatistas, com as atribuições legadas aos patrocinadores. Isto aparece na fala de um representante de uma marca de alcance nacional, quando perguntado sobre o processo de seleção de skatistas para o patrocínio, como no excerto já antes apresentado e que retomo por sua relevância frente a este debate:

Eu acho assim, no momento em que alguém tá vestindo a camiseta da marca, ele tá representando.. as atitudes dele vão representar, pro cliente final, as atitudes da marca. Se ele faz determinada coisa de bem ou de mal... a... o simpatizante ou o atleta amador, aquele que está se espelhando naqueles profissionais, ele tá olhando aquilo e entendendo que não só a figura do skatista tá a favor daquela atitude positiva ou negativa, como a marca também. Então, a marca se preocupa com ter skatistas com determinado tipo de atitude. É uma característica muito da Drop. As vezes, até não acontece muito isso nas outras marcas. As outras marcas pensam assim, "ah, é o cara que ganha todos os campeonatos". Tão pouco se importando se o cara... falando bom português, se é um cara bundão, se é um cara legal, se é um cara que se dá bem... sangue bom, que se dá bem com todo mundo, que trata igual o moleque que veio pedir um autógrafa e o cara dono da marca. Se é um cara gente boa pra caramba, ajuda todo mundo, se veste a camisa... é um profissional também na hora de vestir a camiseta, saber das obrigações dele também perante a marca. Porque ele tá ali também, recebe pra fazer alguma coisa acontecer. Quer dizer, é um mix. De profissionalismo de skate, de profissionalismo, e de sangue, né? atitude.

Permitam reutilizar um excerto de entrevista para seguir apresentando este dever ser, as boas atitudes e a gestão da imagem:

R: Tu vai ali, sai na pista, anda bem, ganha campeonato, certo que tu vai pegar patrocínio. E acho que é isso aí, tem que tá aparecendo, indo nos campeonatos, sair nas revistas. Tem que tá andando bem e ter atitudes boas, né? não adianta tu andar pra caralho de skate, ser

o que mais anda e... ter teu filme, tua imagem ruim. Acho que a imagem, hoje em dia, é o que mais conta...

Como dito anteriormente, também se espera um comportamento por parte dos patrocinadores, mais ou menos sintetizado na fala de um entrevistado, que nunca ganhou uma competição, mas que conta com patrocínios importantes:

C: Um bom patrocínio, cara... é o patrocínio, não que tu vá ficar parado e só recebendo, né? é o patrocínio que vá rolar a troca, que tu vá conversar com o cara... e que o cara vai investir em ti, em anúncios, que o cara vai tentar te fazer evoluir, vai tentar te mandar pra algum campeonato, vai te mandar pra alguma demo, vai fazer tu acreditar em ti, também, sabe? Se tu te sente valorizado, acho que tu tem mais a evoluir, tá ligado? E que não imponha cobranças assim... "ou tu vai ganhar ou tu sai". Isso aí, pra mim, não existe, tá ligado? Ou tu ganha ou tu vai embora...ou tu faz isso ou... sabe? Skate é uma arte, né, cara? Se tu não tiver inspirado no dia, nunca vai sair as paradas do jeito que tu quer.

Uma característica importante para o estatuto de representante de marca(s) é a disposição para a comunicação e para as relações sociais. A tendência, pelos mais distintos motivos, a acumular o capital social na forma mais ampla, construído na relação com o público em geral é um diferencial. Nas palavras de um entrevistado, um aspecto importante é o carisma:

B: Tu falou agora em talento agora, Goró. O que tu acha que diferencia um cara que obtém um certo êxito dentro do universo do skate, até transformando em grana e tal, dum cara... que esse cara tem de diferente de um outro que não consegue?

G: É... cara, na verdade, tem aquela história de tipo, ser persistente naquilo que tu faz. E tem um certo talento... Pô, querendo ou não querendo, tem gente que tenta, tenta, tenta e, por mais que tente, não tem tanta facilidade com o skate. Mas... eu acredito que, além de tudo, além de nível de skate e tudo, tipo, o carisma, tudo gira... tudo gira a teu favor, entendeu? O cara que não anda tão bem... tem cara que não anda tão bem quanto os outros caras, mas é um cara que é... que é um cara comunicativo e tal, sabe chegar e que acaba conseguindo os patrocínios e tal. As vezes, ganham mais que os caras que andam bem pra caralho. Ou tem um cara que anda bem pra caralho e não tem patrocínio, sabe? Além de tu ter um... de tu ter que andar bem pra caralho de skate,... pra mim, na verdade, é o que mais importa... tu tem que ter um certo... carisma.

De toda forma, ao falarmos em estatutos daqueles que andam de skate e, principalmente, daqueles que vivem ou estão em vias de viver de skate e ainda

daqueles que estão na órbita dessas relações, há que se considerar algo de atleta, algo de um estilo de vida e algo ligado a uma imagem, o pretense representante de marca(s). Entretanto, tais estatutos não podem ser pensados de maneira estanque e incomunicáveis. Como disse, eles são vividos, muitas vezes, de acordo com interesses, seja do gosto individual e coletivo (estilo de vida), seja da relação da modalidade com outras esferas e fenômenos da sociedade (esporte), seja do interesse na transubstancialização do capital cultural/corporal em vantagem material/financeira (representante de marca(s)).

Segundo o presidente da FGSKT, o número de profissionais (não de skatistas que competem em nível profissional, mas daqueles que têm contrato com marcas e competem nessa categoria) “Hoje navega aí... uns vinte e cinco no total, né? Então, em Porto Alegre, uns dez, doze...”. Some-se a isso os skatistas das demais categorias, Amador II e Amador I (esses quase todos patrocinados), e vamos ter um número significativo de pessoas que vivem de skate (ou estão em vias de), talvez cem pessoas, se considerarmos os que recebem apenas apoios, inserindo a categoria Iniciante.

Dentre os skatistas profissionais estima-se, o presidente da FGSKT estima, que “um bom contrato” gire “em torno de R\$ 3.000,00, R\$ 4.000,00, R\$ 6.000,00, até isso. Até pode ocorrer mais”. Embora os valores não tenham um significado extremamente relevante nem para nós nem para o mercado, servem para elucidar um tanto a questão de com o que se vive, logo que o objetivo do trabalho é compreender um estilo de vida particular, o daqueles que vivem – ou tem como horizonte viver - do skate, a partir de suas trajetórias particulares. Não poderia seguir sem fazer a ressalva apontada pelo presidente da FGSKT, de que os valores variam muito de caso a caso, que muitas vezes o skatista “está despontando em ações ou tem uma atitude diferenciada e interessa a tal marca. E eles estão muito por aquele atleta, prá poder representar aquela marca”. Obviamente, “em função de tirar os seus proveitos e automaticamente poder buscar esse dinheiro com facilidade no mercado”. Mas como sempre, essa obviedade não é tão óbvia e poderia ser questionada frente ao discurso nativo, de ambos os “lados”, empresários e skatistas.

No sub-capítulo em que discuto o esporte, apresento o argumento de que o skate é uma prática heteróclita⁷², e isso pode ser dito também sobre a relação do

⁷² “Heteróclito adj. Que desvia dos princípios da analogia gramatical ou das regras de arte; [p.ext.] excêntrico; extravagante” (BUENO, 2000).

skate com o mercado, ou da forma que toma tal relação no período da pesquisa e na configuração estudada (embora acredite que possa falar em termos nacionais). As modalidades esportivas consagradas, futebol, voleibol, basquete etc., como campos relativamente autônomos na criação de suas demandas, demonstram uma tendência ao branding⁷³, ou seja, à utilização de seus ícones na criação, no reforço, na transformação e/ou na expansão de uma determinada identidade⁷⁴. Em relação a este assunto, Naomi Klein (2002), demonstra como isso se dá, particularmente no caso da Nike (p.74) e de Michael Jordan (basquete). A construção de seus argumentos está amparada numa lógica não rara para os esportes consagrados e as “supermarcas transcendentais” (p.74) que estão em relação direta com eles, como, além da Nike, a Reebok e a Adidas, também citadas pela autora. Conforme Klein (2002), os passos dados nessa direção seriam (1) criar “celebridades do esporte” (p.75), (2) destruir “a concorrência” (p. 78) e (3) vender “partes da marca como se ela fosse o Muro de Berlim” (p.80). Porém, é no tópico seguinte que a autora localiza a “vantagem” que tem os “atletas superstars” (p.80). Enquanto explica o que é “a estrela da grife”, Klein (2002) aponta para como a posição no espaço social privilegia os atletas, em relação a outros possíveis astros de campanhas publicitárias, branding e outras atividades que pretendam certa sinergia. Diz a autora que “os atletas superstars... se provaram singularmente posicionados para voar na era da sinergia: eles são feitos para a promoção” (pp. 80-81) e continua dizendo que “as Spice Girls podem fazer filmes, e as estrelas de cinema podem correr desembestadas, mas nenhuma delas vai ganhar uma medalha olímpica” (KLEIN, 2002, p. 81).

No caso do skate, nada de muito diferente poderia ser dito no que se refere aos usos de skatistas em campanhas publicitárias, branding etc. Porém, o que há de peculiar no universo do skate é que praticamente não há outra fonte de renda para skatistas além dos patrocínios (salvo premiações de competições, esporádicas,

⁷³ *Branding*, para Klein (2002), é o processo de atribuição de identidade à marca. Anteriormente, se usava o termo *sponsor* ou patrocínio em inglês. *Sponsor* é outro conceito, simplesmente patrocina-se o sujeito, não tendo maiores responsabilidades nem atribuições frente à sua atuação. Um vídeo antigo, o qual não pude recuperar, tinha como título “sponsor me” e, na capa, um menino ajoelhado com as mãos em oração aos pés de um homem de terno e gravata. Me parece que no *sponsor*, se dá dinheiro para fora da marca e no *branding* se traz o sujeito para “dentro da marca”...

⁷⁴ À página 76, o livro de Klein (2002) trás uma nota bastante ilustrativa do que significaria a identificação entre marca e população, pretensamente pretendida pelas “supermarcas” (p.74): “acordo toda manhã, pulo para o chuveiro, olho para o símbolo e ele me sacode para o dia. É para me lembrar a cada dia de como tenho de agir, isto é, ‘just do it’” – empresário da internet de 24 anos Carmine Collection sobre sua decisão de tatuar o logo em seu umbigo, dezembro de 1997”.

incertas e de valor muitas vezes insignificante). Esta condição contribui para criar uma conjuntura bastante favorável para as marcas, caso se entenda que o “branding busca eliminar todas as fronteiras entre patrocinador e patrocinado” (KLEIN, 2002, pp. 74-75). Como já vimos, mesmo sem levar em conta o interesse das marcas, já se encontra uma tendência para a desvalorização das competições. Se jogarmos nesta discussão a posição e o papel das marcas, não com dificuldade podemos imaginar que temos espaço para a criação de uma arena diferenciada, logo que o skate não é um esporte olímpico, não tem competições mundiais consagradas como a Copa do Mundo de futebol, não oferece aos skatistas a possibilidade dessas janelas de visibilidade. Trata-se de uma arena que existe para confrontar marcas e suas possibilidades em ter sucesso no mercado se utilizando das armas que oferece esse campo (vídeos, fotografias em revistas, demos etc.).

O diálogo com o representante de uma das marcas com maior abrangência do país auxilia o entendimento que têm os empresários no que se refere às competições e o “custo” delas. Para Rildo, o fato de ter organizado “a única etapa de street profissional naquele ano (2004)” e de uma revista de circulação nacional apresentar apenas “três páginas” referentes a ela significa uma decepção. Sobretudo porque “um investimento num campeonato desse [sic] passa de R\$ 100.000,00... e depois de um investimento desses ter três páginas, é um balde de água fria. É um balde de água fria. E tu começa a ver que com aquele dinheiro, tu poderias ter feito várias demos, tours... sei lá, várias coisas”. Ou seja, o investimento em uma competição (aberta) pode não render tantos frutos como uma tour ou uma demonstração (somente dos integrantes da marca).

Neste sub-espço do campo, entre esporte (atleta), simplesmente skate (estilo de vida, skatista) e o mundo do patrocínio (representante de marca(s)) é que vivem (sobrevivem?) os sujeitos da pesquisa. Os imprecisos limites das manifestações culturais (skate e esporte, por exemplo) são bastantes complexos e oferecem ao pesquisador menos do que preferiria em princípio. Assim, não resta outra opção além de tentar fazer o que tentei fazer, buscar em exemplos práticos a construção de uma explicação plausível para a diversidade (tão complexa quanto aquelas manifestações) mais precisa das formas de apresentação e representação dos agentes em campo.

Para além desta lógica das lutas que apresentei quanto aos estatutos dos sujeitos da pesquisa está a lógica própria do campo, ancorada na *illusio* da qual

falamos anteriormente. Trata-se da luta pelo destino dos lucros advindos da produção do campo em voga. É o assunto do tópico a seguir.

3.7 UMA LÓGICA DA RECIPROCIDADE?: “GANHA TANTO O DONO, A GENTE TAMBÉM QUER GANHAR TANTO”

A teoria Maussiana da reciprocidade, que está na base das demais teorias, implica um circuito pelo qual se movimentam pessoas e coisas a partir de três disposições fundamentais: dar, receber e retribuir (DAMO, 2005, p.105).

O tema que se apresenta neste tópico é abordado sob duas perspectivas, as duas já debatidas quando da discussão sobre a conformação da rede de relações necessárias à “conquista” de um patrocínio: a dimensão material e a dimensão simbólica das ações humanas, mas sobre o quê não atentaremos a todo instante. E também sob duas esferas de relacionamento: skatista-skatista e skatista-marca(s)/marca(s)-skatista(s).

Quando discutimos a rede de relações dos skatistas objeto do estudo, propositadamente me furtei de fazer mais abertamente este debate. Significa dizer que não perguntei, naquele momento, quais as possíveis motivações das indicações a patrocínios, lembrando, operadas sempre por alguém em posição privilegiada no campo e a quem fica atribuída a “dádiva”. Então, tendo a dizer, de acordo com a observação ao universo do skate, que as indicações se aproximam daquela “seqüência descontínua de atos generosos” de que falava Bourdieu (1996, p. 159) apoiado em Mauss e Lévi-Strauss. Uma indicação implica, além da possível retribuição futura, o reconhecimento da incorporação de um ethos, ou seja, a vivência conforme uma ética, ou seja, “merecer” ser indicado, segundo o que aponta o meu trabalho de campo e a tese de Damo (2005), para quem “o simples fato de alguém ser reconhecido ou declarar-se portador de dom não implica na constituição de uma cadeia de reciprocidades” (p. 112). Não há interesse econômico diretamente envolvido, a pessoa que indica não obtém retorno financeiro algum, porém, acompanho Damo (2005) para dizer que a retribuição não é “obra de um indivíduo isolado que, depois de um exame de consciência ou coisa que o valha, sente-se impelido à retribuição”, mas que, muito pelo contrário, há “um sistema simbólico em ação, em algumas configurações com mais ênfase do que em outras, de tal modo

que a adesão e a extensão da cadeia de reciprocidades vai depender de quão susceptível a ela for o sujeito” (p.112). Então, nos resta pensar nas implicações simbólicas deste mercado de posições.

Os lucros gerados pela conquista de posições (pela parte de quem galgou o patrocínio e pela parte de quem fez a indicação) se traduzem em uma nova configuração do campo, em uma mudança (as vezes mais e as vezes menos significativa) de posições, na reestruturação do poder referente aos skatistas em relação às marcas (quem pode indicar, quem sabe indicar, quem descobre novos talentos, quem conhece “todo mundo”?), na possibilidade da “devolução” do favor (retorno objetivo) e inclusive em questões mais práticas e concretas, como a realização de projetos coletivos (dividir moradias, abrir loja(s), fazer viagens conjuntamente etc.). Sobre essas relações práticas, alguns dados dos pesquisados são interessantes: dois deles eram sócios em uma loja e uma produtora de vídeos de skate, seis deles moravam na mesma casa, um destes era sócio de outro skatista em uma marca de tênis e muitos eram amigos de infância. Diversos dos mais novos (amadores) haviam sido indicados aos seus patrocínios atuais pelos mais antigos (só tomei conhecimento disso durante as entrevistas), um deles era funcionário de outros dois, este e outro skatista são patrocinados pela loja daqueles mesmos dois.

Esta rede de relações que corresponde à forma peculiar do capital social na configuração dos sujeitos da pesquisa é ela mesmo uma forma de recalcar interesses objetivos e coletivos (de determinado coletivo) e as disputas (concorrências) referentes à outras possíveis redes e agentes isolados. Se considerarmos que à medida que um skatista vai passando pelas “fases” dos patrocínios, ele está também sendo produzido, fabricado, vai fazer muito sentido o que diz Bourdieu (2004) sobre o “conluio objetivo dos interesses” (p.163) dos agentes, logo que sua própria produção (do skatista) implica e é implicada pela relação que estabelece com os outros membros do conluio e com as marcas e destes com as marcas também.

O trabalho de fabricação propriamente dito não é nada sem o trabalho coletivo de produção do valor do produto, isto é, sem o conluio objetivo dos interesses que alguns dos agentes, em razão da posição que ocupam em um campo orientado para a produção e a circulação deste produto, possam ter em fazer circular tal produto, celebrá-lo e, assim, apropriar-se dele simbolicamente, além de desvalorizar os produtos concorrentes, isto é, celebrados por concorrentes, e assim por diante (BOURDIEU 2004, pp. 163-164).

Não custa lembrar que não se imagina sujeitos, atores ou agentes cínicos, maquiavélicos, matemáticos, frios, calculistas etc., entretanto, não podemos pensá-los como ingênuos sempre. Nas palavras de Lahire, “é totalmente absurdo pressupor que os atores nunca são estratégicos, intencionais etc., como postular que todos eles sempre o são” (2002, p.148).

A segunda esfera que discutimos apresenta contornos mais objetivos no que toque ao aspecto material das relações estabelecidas e por se estabelecer (“Ganha tanto o dono, a gente também quer ganhar tanto”) e tão complexos na dimensão simbólica quanto os relativos à rede de relações debatida anteriormente (articula, entre outros fatores, a reserva de mercado - ou xenofobia? - sobre a qual já dialogamos, a luta por posições, a legitimidade no campo, e o discurso sobre ela, e o compartilhamento de projetos, sonhos e planos).

A mais aparente contradição que diz respeito à divisão dos recursos provenientes do “mercado do skate” é a chave para entender porque indago no título do sub-capítulo acerca da existência de uma lógica (específica do universo do skate) de reciprocidade. Em verdade, os apontamentos de campo, as entrevistas sobretudo, indicam que há tanto uma contradição (inerente ao modo de produção capitalista), como disse, no que diz respeito à divisão dos recursos materiais provenientes da circulação de mercadorias, quanto uma contradição sobre os pretensos motivos para que cada pessoa se envolva com o skate. Assim, são duas as contradições, de certa forma relativas uma à outra, a primeira decorre da pretendida modalidade de distribuição da riqueza produzida pela energia social dispensada e a segunda decorrente dos estatutos vigentes para a participação no universo do skate.

A fala de um skatista patrocinado, “Ganha tanto o dono, a gente também quer ganhar tanto”, externa o sentimento referente às contradições suscitadas nos parágrafos anteriores. O que está se dizendo é que se diverge da modalidade de distribuição das riquezas produzidas naquele universo. Embora não seja uma fala absolutamente refletida e estendida a outras esferas da produção material, ela aborda o tema do choque entre o modo de produção e o modo de distribuição vigente no sistema capitalista⁷⁵. Os empresários se mobilizam para produzir

⁷⁵ “A economia política clássica tomou emprestado à prática industrial o raciocínio, corrente entre os fabricantes, de que eles compram e pagam o trabalho de seus operários. Isso fôra de todo suficiente

mercadorias em fábricas (meios de produção) que lhe pertencem, visam com isso obter lucro, comprando a força de trabalho alheia. Força essa que é utilizada com o propósito de justamente empreender essa tarefa e contra outra finalidade qualquer. Esse “detalhe” não é notado e, não sem conseqüências, é substituído nas argumentações dos skatistas por outras possíveis motivações e lógicas de participação. O skatista Dadinho, em uma construção explicativa, parece iniciar um esforço de entendimento que parcialmente localiza o papel e o espaço dos empresários:

... Quando você tá... se você tá tirando dinheiro... a maioria dos donos de marcas não andam de skate. Então, o que acontece? São donos de marca que nunca andaram de skate, nem pisaram... ou andaram um pouquinho há muito tempo atrás, mas **tiveram dinheiro e viram que o mercado dava dinheiro e investiram. Os donos de marca, como não andam de skate, eles querem ver o negócio palpável.**

Entretanto, mesmo que acertadamente tenha localizado uma motivação inicial, em seguida atribui uma explicação e uma lógica muito própria (dele e dos skatistas profissionais em geral) que seria comum ao/no skate:

Só que **essas pessoas estão tirando dinheiro do skate!** Eles usam o que? é.. marca de roupa com skate, marca de tênis com o skate... Assim, a partir do momento que você está tirando dinheiro do skate, seu público é a galera do skate ou simpatizante – simpatizante faz parte do skate, gente que gosta de quem anda de skate, senão não ia comprar roupa, então são pessoas que gostam da gente de todo lado – então, **nós fazemos a marca.** Se não tivesse quem andasse de skate, não ia existir as marcas. Então, eu falo, **eles ganham dinheiro com a gente e não pagam nada**, não valorizam ninguém no skate, são poucos que ganham...

Como “eles” ganham dinheiro com o “skate”, deveriam “valorizar” alguém no skate. Aqui se dispensa ou desconhece o que sugeri como uma possível motivação para a participação dos empresários no universo do skate, a obtenção de lucro econômico. Assim, a própria participação de skatistas em marcas como patrocinados está vinculada ao lucro, sendo os skatistas nessa condição instrumentos de otimização do lucro. A indignação por discordar que empresários considerem

para as necessidades comerciais do fabricante, a contabilidade e o cálculo do preço. transferido ingenuamente para a economia política, causa tumulto e confusão extraordinários” (ENGELS e MARX, s/d, p. 53).

skatistas “como funcionários, quase a mesma coisa como se trabalhasse no estoque!” (Dadinho) ou que os tratem como se fossem “o cara que cola a sola dos sapatos dele” (Crânio), advém justamente do divergente entendimento dos estatutos que representam e da finalidade que tem a ocupação do espaço de patrocínio. E não importa que ofenda pensar que “ele acha que eu sou peão dele!” (Crânio), nem que se tenha a convicção de que “o skatista que sustenta a marca...” (Dadinho).

Todo o relacionamento skatista(s)/marca(s)/skatista(s) está envolto, ora mais intensamente e ora menos, por uma reciprocidade esperada pelos skatistas em relação às marcas e à eles mesmos e pelo discurso de que “tudo” se deve ao skate, então tudo a ele deve voltar, uma espécie de reciprocidade religiosa de devoção. Como ninguém se devota por obrigação, os empresários são um desencaixe nessa teoria dos skatistas⁷⁶. A cortina de recalque que se encontra nas relações que abordamos é de tal forma mistificadora que impediu que um entrevistado notasse que ao defender os empresários da área do skate contra os da área do surf, estava a empreender uma tarefa sem fins práticos para si e seus pares. Argumentava o skatista que era importante fortalecer as “skate shops” e as marcas do skate, porque os skatistas estariam “nas mãos das surf shops”, e isso não parecia ser bom. Considerando que assim estariam ainda “nas mãos” de alguém (outros empresários), sua condição não se alteraria tanto quanto parecia pretender.

O desacordo provocado pelas dedicações diferentes e desemparechadas de skatistas e empresários, o que as vezes pode inclusive parecer diferente (como no caso de fazerem algo juntos por motivos diferentes) é objeto de uma insolúvel forma de relação no contexto do skate. Encerro com a íntegra da fala que nomeou esse capítulo afim de poder representar e exemplificar a dimensão da insolubilidade:

Os donos de marca têm muita coisa! Todos tem carro gringo. Se você for ver, não tem nenhum que não tenha uma camionete, carro, apartamento, tudo. E o cara que faz tudo, porque afinal é o skatista, o cara é tachado como nada na empresa. Como mais um custo no marketing. Então, é isso que eu critico, cara. Ninguém tá querendo mais do que... ninguém cresce o olho. Mas. Tipo assim, o skate chegou numa proporção que ganha tanto o dono, a gente também quer ganhar tanto, né, cara? (Dadinho).

⁷⁶ Verificar anexo 1, documento coletado na Federação Gaúcha de Skate, acerca da expectativa entre os skatistas sobre a reciprocidade esperada e o que pode significar a forma como entendem empresários sua relação com o skate.

3.8 ANDAR ATÉ NÃO PODER MAIS E SEGUIR NO UNIVERSO DO SKATE: PLANOS E SONHOS (RECONVERSÕES POSSÍVEIS)

O campo do skate parece exercer um grau de absorção que coloca um obstáculo à iminência da saída do mesmo, é uma espécie de devoção ao campo que localiza no ponto do final da experiência como skatista profissional a reconversão por dentro do próprio universo do skate⁷⁷. Mesmo a possibilidade de não mais contar com patrocínio não significa, de acordo com as entrevistas, o abandono do skate, “mesmo se eu não tiver patrocínio, eu vou trabalhar com outra coisa, mas vou continuar andando de skate” (Rato).

Os planos referidos pelos skatistas para o período que sucederia sua experiência como skatistas profissionais são apontados de forma que pareçam planos distantes para uma época distante, eram todos muito jovens e absolutamente “apaixonados” pelo que fazem: pretendem andar “até quando as pernas agüentarem” (Zumbi) ou como disse Gilmar: “até eu não agüentar mais!”. Podemos entender a paixão na perspectiva de Lahire (2005), diferenciando-a entre as modalidades de disposições:

Revela-se [...] particularmente útil para distinguir as situações, diferenciar os termos ‘disposição’ e de ‘apetência’. O ‘é mais forte do que eu’ que caracteriza as disposições (enquanto propensões, inclinações) pode tomar diversamente a forma individual de uma paixão (disposição + apetência), de uma simples rotina (disposição + falta de apetência ou indiferença) ou mesmo de um mau hábito ou de uma mania perversa (disposição + nojo, rejeição, resistência em relação a essa disposição) (p. 20, grifos do autor).

Assim, eram planos vagos e sem objetividade, muitas vezes referidos como “sonhos”. Em parte, esses planos (e sonhos) fundavam-se na crença de que “todo skatista sabe muito sobre o mercado, quase todos sabem muito sobre o mercado do skate, que é um mercado bem diferenciado” e de que “o futuro é, agora, os atletas tomarem conta do mercado” (Rato). Essa crença poderia ser assunto para muitas discussões. Apenas para não perder por completo a oportunidade, relato que, em

⁷⁷ Encontrei apenas um caso que se diferenciava dos demais: “eu não penso em continuar no meio do skate. O meu negócio com o skate é andar de skate. Eu não quero ter marca, eu não quero ter nada. Ou eu ando ou eu estou fora. Não quero tornar o skate um negócio na minha vida...

B: mas de certa forma é o teu trabalho...

C: é, é o meu trabalho, mas eu não penso tipo, em viver disso de outra forma, a não ser andar. Ou é andando ou não (Crânio).

seis de janeiro de 2006, conversei longamente com diversos skatistas na casa de um deles e ouvi deles que não poderiam os brasileiros, nas condições atuais, competir com os *shapes*⁷⁸ estadunidenses. Que as condições da obtenção da madeira lhes era muito favorável e que as tecnologias necessárias para chegar a um bom produto estavam todas sob seu domínio. Ouvi também que apenas grandes marcas, para permitir que se ande de skate mesmo sem adquirir um produto importado, e “aventureiros” fabricavam *shapes*, mesmo que com boa vontade. Um dos skatistas havia tentado fabricar *shapes* em uma empresa com seu pai e havia falhado. Entretanto, um pretense “conhecedor do mercado do skate”, skatista há mais de dez anos me respondeu que “gostaria de fazer tábua”, caso seu sonho de ter a marca própria se realizasse, porque “é uma coisa que eu sei que o pessoal necessita” e porque “normalmente o cara quebra uma tábua por semana... “ (Carlinhos), como se isso significasse que ele comprasse (ou pudesse comprar) uma tábua por semana (cerca de R\$ 40,00 em agosto de 2006).

Entendidos como “espaços-tempos” que permitem ao ator revelar algo de si (por supor um contexto que não está dado),

Os sonhos acordados são oportunidades de expressar crenças (modelos, valores, normas) cujas disposições correspondentes (ainda?) não se constituíram, ou de atualizar disposições incorporadas que já não encontram contextos favoráveis à sua atualização (LAHIRE, p.42, 2004, grifos do autor).

Outra fala recorrente consistia em que o empenho em permanecer no universo do skate, realizando o sonho (plano) de “ter uma marca própria” ajudaria os skatistas vindouros e evitaria que eles passassem pelos mesmos problemas que os predecessores na dinâmica geracional: “Pretendo até ter minha marca e ajudar o pessoal, né?” (Carlinhos), “O que eu quero, meu sonho é ter minha... é ter uma marca minha, né, meu? É ter uma marca própria. Porque já sofri prá caralho, né, meu? Eu sei o que um moleque mesmo precisa prá andar de skate (Zumbi). “Eu quero estar no meio do skate, criando produtos pra molecada, trabalhando junto, eu quero ter marca. Uma marca pra poder mostrar o que é skate de verdade pra galera. E levar pro caminho certo, né, cara? Tirar um pouco... eu acho que o skate no Brasil tá muito errado...” (Dadinho).

⁷⁸ A tábua do skate.

Assim como não é raro se estabelecer que a experiência como skatista profissional pode como que automaticamente qualificar (ou agregar status) a pessoa para a profissão de empresário, modelista, designer etc: “Meu sonho é ter uma empresa de tênis. É um negócio que dá certo hoje em dia. É uma coisa que... então, até eu chegar lá, eu acho que vou ter bastante experiência” (Cauê). “Experiência” em andar de skate, em viajar, fazer performances para filmagens e fotografias, eu diria.

Em alguns momentos, entretanto, mesmo que não tão ligados a sonhos (planos), pude perceber que as reconversões poderiam estar ligadas à obtenção de capitais diversos que os especificamente dos skatistas profissionais, em espaços também diversos. Ao conversar com um dos sujeitos, ele relatou que pensava que deveria, quando envolvido com o que quer que fosse, ser efetivo e ter sucesso: “É que eu penso em fazer uma coisa bem” (Cauê), assim como deveria evitar envolver-se com objetivos que de antemão soubesse não poder cumprir: “Se eu fizer, tipo, uma faculdade agora, eu não vou praticar agora” (Cauê). Porém, ele reconhece que “De repente, até pode ajudar, de repente uma administração... administração não, publicidade. Pode” lhe “ajudar até no skate, na” sua “carreira” (Cauê). Perguntado sobre como a publicidade poderia ajudar em sua carreira, respondeu que “publicidade ajuda no marketing, assim. Fazer divulgação...” (Cauê). Devolvi: pra cuidar da tua própria imagem? Ao que respondeu: “é” (Cauê).

Assim, reconhece-se que não ignora-se totalmente a existência e a relevância de conhecimentos produzidos em outros campos, como o universitário. Porém, a possibilidade de incorporar tais conhecimentos faz parte de outro plano de ações que não o dos sonhos e dos planos concretos.

4 SKATE E CULTURA CORPORAL – UMA PRÁTICA HETERÓCLITA

“... o princípio das dificuldades que a sociologia do esporte encontra: desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas” (Bourdieu, 1990b, 207).

A palavra heteróclita, como visto anteriormente, atribui ao skate, no âmbito deste trabalho, a característica de uma prática que desvia das regras da arte. Tentarei mostrar, mediante uma aproximação com o conceito de esporte (moderno) e a utilização dos dados coletados, porque justifica-se a assertiva. Inicialmente, procederei uma espécie⁷⁹ de revisão de literatura para introduzir uma discussão acerca do que chamamos contemporaneamente de esporte. De certa forma, trata-se de tentar “limpar o meio de campo” em relação ao problemático conceito de esporte (polissêmico, discutido e, em certos casos, discutível, disputado) para que ele sirva ao propósito dessa dissertação. No tópico seguinte, dou lugar às questões mais específicas, ressaltando semelhanças e diferenças do que aproximamos como noção de esporte e (em contraste, mas ressaltando contigüidades, semelhanças e diferenças) do que chamamos nesse trabalho de skate e do que observamos ao skate.

Ao ouvir-se a palavra “esporte”, certamente que algumas idéias comuns vêm à mente de quase todo habitante do planeta. Algumas delas poderiam ser, e certamente seriam, remetidas aos “grandes momentos” da história do esporte, conquistas em olimpíadas, em jogos mundiais, associadas à esfera global das disputas e ao sentimento de nação. Assim como a memória poderia trazer ao presente as sensações dos jogos escolares ou infantis, sensações essas de quem “tomava parte” e não apenas “assistia”. Surgiriam no rol das possibilidades coisas tão distintas como xadrez e patinação artística, futebol e ginástica rítmica, salto em altura e cricket, capoeira e voleibol, frescobol e lançamento de disco etc. Essa é uma das dificuldades em se falar em/de esporte, mesmo como uma forma determinada de práticas corporais, o conceito tem problemas em se fazer operante frente à infinidade de práticas corporais observáveis. Ele não pode ser sinônimo de tudo que envolva práticas corporais.

⁷⁹ Tendo em vista que partirá de uma outra revisão de literatura, feita de forma muito mais aprofundada em Stigger (2005).

Por outro lado, mesmo observar/pesquisar/estudar uma das modalidades esportivas (ou práticas corporais) oferecidas pelo amplo leque difundido na sociedade (futebol, voleibol, dança, capoeira, judô, etc.) pode se tornar dificultoso porque a “unidade nominal [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes [ou as práticas corporais], das maneiras de praticá-los” (Bourdieu, 1990b, pp. 209-210, grifo meu). Como podemos notar, o conceito de esporte é um problema.

Sugiro, para seguirmos, que pensemos as mais diversas formas de manifestação do movimento humano como manifestações da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992), passíveis de interpretações/significações diversas, tendendo, no caso do esporte, mais à heterogeneidade que à homogeneidade (STIGGER, 2005) para depois considerarmos o que, entre todas as manifestações, o esporte pode guardar de particularidades afim de servir à nossa análise.

No que o esporte (ou o que vimos chamando de esporte) se diferencia de outras práticas corporais, numa perspectiva diacrônica e numa perspectiva sincrônica? Historicamente, as práticas corporais fizeram parte das culturas humanas desde que se tem registro delas (GUTTMANN, 1978). O lugar, o valor, o status destas práticas e de seus praticantes, suas formas de organização, o papel que representavam, tudo isso sempre foi construído de acordo com as condições de produção e reprodução da vida colocadas, de maneira mais ou menos autônoma, mais ou menos dependente de fatores especificamente localizados em outros fenômenos sociais, como mostraram os trabalhos de Guttmann (1978), acerca da história do que chamou de esporte, de Stigger (2002 e 2005) sobre o esporte nos dias atuais, Bourdieu (1990b e 1983C) acerca do espaço do esporte na sociedade e Elias e Dunning (1992) no que toque à história do esporte e ao esporte como uma prática no contexto da civilização.

No momento⁸⁰, considerarei apenas que há uma tese, chamada por Stigger (2005) de tese da continuidade, compartilhada por alguns autores, que entende o esporte como uma expressão herdeira de todas as outras anteriores, constituindo-se na sua versão moderna. E que há uma tese da ruptura (STIGGER 2005), também

⁸⁰ Até aqui, são inúmeros os autores que têm acordo. Para saber mais dos desacordos, consultar Stigger (2005).

compartilhada por diversos autores, que encontra nas características do esporte mais diferenças do que semelhanças em relação às práticas “antepassadas”.

Dizer que a luta que terminava em morte para uma mulher ou um anão (GUTTMANN, 1978) é um fenômeno similar ao salto com vara de uma olimpíada moderna soa como um anacronismo e por isso esse trabalho está colocado com a tese da ruptura⁸¹, para a qual o esporte é um fenômeno contemporâneo, passível de ser historicamente localizável e de ter suas características identificadas, tanto em comparação com outras manifestações distantes cronologicamente como por diferenciações particulares dele no universo de seu tempo.

Os autores citados anteriormente nesse capítulo podem servir de subsídio para estudos mais profundos dessa temática e suas referências bibliográficas possibilitariam ainda mais. No caso dessa dissertação, o importante é que, após entendida a perspectiva histórica com a qual se identifica, possamos reconhecer as características consideradas mais significativas (e universalizadas) e mais citadas do esporte e debater porque sua discussão associada com a temática desse trabalho toma a dimensão apresentada.

As informações trazidas à luz por alguns dos trabalhos citados nesse capítulo permitem que façamos reflexões acerca das práticas corporais em diversas épocas. São variados (e muitos, curiosos) os exemplos de práticas listadas e associadas com cada civilização: os gládios romanos, as maratonas gregas, o jogo de bola pré-colombiano, as danças, as brincadeiras e os jogos medievais, etc. Colocados em perspectiva, os jogos e as épocas, algumas características vão se revelando, ora mais autonomamente, ora mais relativamente ao contexto com que se desenvolvem. É bastante claro que ocorreu um processo de laicização⁸² da sociedade, sobretudo no ocidente, e que isso aconteceu também com as práticas corporais em geral, e mesmo que “não é de modo algum irreal sugerir que o desporto se está tornando cada vez mais a religião secular de nossa época, também cada vez mais secular” (DUNNING, 1992). Outros exemplos poderiam ser buscados, porém, o esforço não refletiria a riqueza de trabalhos realizados com esse propósito específico e tornaria o tópico distante demais dos objetivos da dissertação.

⁸¹ “... o que hoje denominamos de *esporte* não será aqui tratado como uma continuidade, mas como uma ruptura com outras formas de passatempos desenvolvidos até o seu surgimento” (STIGGER, 2005, p. 20, grifo do autor).

⁸² Diminuição do poder das igrejas frente a governos, o sistema escolar, o mundo do trabalho etc.

Um dos mais importantes trabalhos com que pude tomar contato, o livro de Allen Guttmann (1978), "From ritual to record: the nature of modern sports"⁸³, analisa todas as práticas de todas as épocas de acordo com categorias escolhidas *a priori*, quais fossem o secularismo, igualdade de oportunidades de competir e condições de competição, especialização de papéis, racionalização, organização burocrática, quantificação, busca de recordes (GUTTMANN, 1978). O resultado final e a conclusão (resolvida mesmo antes da pesquisa) surpreendem, pois o autor considera o esporte como a versão moderna de uma prática corrente em todas as civilizações e interligada historicamente, mesmo tendo ele encontrado conforme as suas próprias ferramentas apriorísticas, mais diferenças que semelhanças. O quadro que apresenta indica que a única "versão" que comporta todas as suas características é a moderna. Ainda assim, suas categorias podem nos servir para refletirmos sobre o esporte.

Grande parte (ou a totalidade) dos autores que se ocuparam do tema esporte, seja como uma continuidade, seja como uma ruptura, é unânime em dizer que o esporte (moderno) teve seu surgimento num contexto bem específico, a Inglaterra industrializante do século XVIII (STIGGER, 2005; BOURDIEU, 1983c e 1990b, ELIAS E DUNNING, 1992 etc.):

aquilo hoje praticado de maneira similar por todo o mundo e com a denominação de esporte, teve origem na Inglaterra e dali se propagou para outros países, principalmente no final do século XIX e início do século XX (STIGGER, 2005, p. 21).

Transformando jogos populares desregrados em práticas que tem contornos formais, as *public schools*, escolas destinadas às crianças e adolescentes das elites inglesas, "inventaram" o esporte, digo num sentido simbólico, localizando esse como o contexto de sua primeira institucionalização. Ele surge com o papel inicial de dar vazão à agressividade daquelas crianças e adolescentes e mantê-las sob o controle das instituições de educação, objetivo e contexto que parecem ter se fundido às práticas de maneira que se podem reconhecê-los, muitas vezes, até aos dias atuais (fair play = controlar a agressividade). Eram momentos de transformação social e institucional, da queda das monarquias e da criação dos estados (instituição jurídico-política burocrática), do questionamento dos poderes divinos, da luta por direitos

⁸³ "Do ritual ao recorde: a natureza dos esportes modernos".

individuais não comprometidos com posses, da racionalidade técnica, da criação do mercado como elo forte entre as nações e das demais características marcantes e fundantes da modernidade. O esporte forjou-se à essa temperatura e pressão.

Como um conceito novo de prática corporal, acompanhou os laços internacionais da Inglaterra nos anos que se seguiram e difundiu-se pelo mundo. Não podemos deixar de atentar que, nessa caminhada, o esporte foi transformando-se, passou a ser praticado e privado em ambientes de associativismo (clubes, federações, confederações, associações, etc.), a reproduzir e difundir o *ethos* amador das elites que tinham tempo livre para praticá-lo, se apropriou da moderna e corrente burocratização. Foi, em seguida, rapidamente popularizado, passando por significações diversas (em diversos contextos: escolas, ruas, clubes, países, etc.), viu o *ethos* amador perder espaço e dar lugar ao desenvolvimento do profissionalismo, se tornou um dos grandes veios do mercado mundial, produziu algumas das personalidades mais conhecidas da humanidade, assumiu os mais diferentes contornos – de brincadeira isolada de duas pessoas ao espetáculo mais assistido do mundo. Resumir em um ou dois parágrafos a história do esporte, de maneira quase leviana, como fiz, é quase um sacrilégio. Porém, vejo isso como uma necessidade prática e teórica.

Entretanto, devo chamar à atenção que coloquei propositadamente, afim de causar algum desconcerto, entre os exemplos de esportes logo acima, algumas práticas que não chamamos de esporte (como a capoeira). Espero que num segundo olhar, após esse introdutório debate, essas práticas saltem aos olhos de quem vê-las entre suas colegas esportivas.

De certa forma, seguimos essa manifestação da cultura corporal de seu surgimento até os dias atuais, quando algumas das características suscitadas estão ainda mais patentes (espetacularização, burocratização, alta competitividade, etc.). Dunning considera “ser dominante no desporto moderno, à dimensão mundial: a tendência de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados” (1992, p. 299), o que corrobora o que vinha dizendo.

Partiremos agora para a perspectiva sincrônica de análise, embasada na discussão acumulada até aqui.

4.1 SKATE E ESPORTE

“...quanto mais específica a caracterização do jogo é, mais arriscado é o empreendimento” (GUTMANN, 1978, p. 11).



A existência desse capítulo se deve ao fato de o fenômeno esportivo (moderno) exercer dupla força sobre os demais elementos da cultura corporal na contemporaneidade. A saber, funciona como um fecho luminoso, ofuscando qualquer outra forma organizativa de práticas corporais e ocupando lugar de destaque nos meios de comunicação social, no imaginário da população, na escola, no mercado e assim por diante. E funciona também como um buraco negro, tornando esporte, ou seja, organizando como esporte qualquer prática corporal, mesmo sendo ela oriunda de culturas e significações diferentes daquelas que o esporte preconiza: racionalização, burocratização, competitividade, etc, “sugando” para a esfera (arena) esportiva qualquer indício de movimento humano – via de regra⁸⁴. O skate, por sua vez, não foge a isso e passa por um processo de esportivização já estabelecido, não sem conflitos.

Tratamentos diferenciados para o esporte podem ser utilizados de acordo com o propósito de seu uso. Aqui ele é considerado uma manifestação social e cultural, pode ser pensado como uma instituição (que *institucionaliza*), como um *modus operandi*, mas não como uma pessoa que faz, pensa, planeja e atribui sentido às coisas. Assim como também considera-se que não há um deus do

esporte ou uma mente que planeja como tudo acontecerá (mesmo que isso fosse vontade de alguns dos comandantes de algumas das instituições esportivas que dirigem o esporte internacionalmente). Palas Atenas⁸⁵ não está no Olimpo decidindo, com o aval do pai, os rumos de cada conflito, entre eles os de cunho esportivo. Para que se enriqueça o diálogo, mostrarei as relações entre o skate (fenômeno inicialmente diverso do esporte) e o esporte, onde se aproximam, onde se afastam e o que o esporte já emprestou ao skate.

A prática do skate, iniciada por jovens rebeldes da Califórnia (PERALTA, 2001), totalmente alheia ao modo de o esporte organizar o movimento humano, passa a contar em seus tempos e espaços com características esportivas. Em princípio, na forma de apresentações e corridas, para depois passar a competições parecidas com a forma da ginástica de competição.

Para fins de esclarecimento, uma competição de skate, comumente se realiza em espaço coberto⁸⁶, incrementado com equipamentos conhecidos como obstáculos (imitando o mobiliário urbano), escadas, degraus, corrimões, rampas etc. Os competidores são divididos em grupos (baterias) em que somente alguns (2, 3 ou 4) classificam-se para a fase seguinte (entre profissionais, são geralmente três fases; entre amadores, duas). Cada competidor tem sessenta segundos para exibir suas manobras a um corpo de árbitros (munidos de uma prancheta onde fazem anotações sobre fatores como número de manobras e graus de dificuldade, quase sempre muito subjetivos) que atribuem uma nota para a performance.

Vale lembrar e historicizar que o skate não nasceu como esporte, mas que se desenvolveu em um período onde o esporte já existia e se construía como uma das manifestações mais importantes na sociedade da segunda metade do século XX, como no momento em que servia de palco para as disputas entre os Estados Unidos da América e as Repúblicas Socialistas Soviéticas (ou entre o capitalismo e o socialismo, como alguns iriam querer). Diferente do basquetebol e do voleibol (MARCHI JÚNIOR, 2002), o skate não foi inventado como (ou para ser) um esporte, mas nasceu e cresceu como uma prática da juventude (rebelde?), se caracterizando

⁸⁴ Como exemplo da esportivização, Stigger (2005) apresenta o site da *Federação Internacional de Yoga Esportiva*, “entidade que já realizou, desde 1989, doze campeonatos mundiais (disponível em : <http://iysc.yoganet.org/> acesso em: 12 jun. 2005)” (p.48, grifos do autor).

⁸⁵ Palas Atenas, segundo a Odisséia e a mitologia grega, foi uma deusa que habitava o Olimpo. Era a Deusa dos conflitos e ajudou Ulisses durante os dez anos de sua volta para casa, após dez anos da batalha em Tróia.

como um estilo de vida, desenvolvida no tempo livre das obrigações com o objetivo de diversão (PERALTA, 2001). Ao passo que o skate se desenvolveu, seus praticantes *encontraram* e conheceram a forma organizativa do esporte e dialogaram com ela. Fruto desse diálogo, o skate tomou emprestadas algumas de suas características. Em alguns momentos, o skate parece relutar por se parecer com o esporte, em outros parece ávido por se parecer mais ainda. Em alguns momentos parece se arrepender de não ser mais rápido em sua transformação, em outros parece se arrepender de estar se transformando, e tão rapidamente.

O sentido atribuído à prática de skate dificultou diálogos frutíferos nesse sentido com os skatistas entrevistados. Conseqüência da polissemia e da confusão com termos como esporte, *andar de skate* e prática corporal. Algumas vezes pudemos conversar opondo o skate/esporte com o skate/diversão, mas mesmo assim encontrávamos severos limites, logo que inclusive em competições esportivas o sentido atribuído poderia ser o da diversão: “quando eu vou prá campeonato, vou prá me divertir com meus camaradas, tal... fazer um negócio diferente...” (Ilton). Essa é uma das formas heteróclitas de se manifestar a esportivização do skate e penso ser produtivo me ater para explicar o desvio das regras da arte. Existe no skate uma “seriedade no envolvimento” e uma “orientação para os resultados” (DUNNING, 1992, p. 299), como observa-se em outras modalidades esportivas. Porém, não é a mesma que se pode facilmente reconhecer em esportes como o futebol ou a ginástica olímpica. Observe-se que o skate inicia uma rotina de competições no seu seio (seriedade e resultados) e que o skatista tem a obrigação (frente aos seus patrocinadores) de estar nas competições e inclusive de conseguir bons resultados. Todavia, ele pode estar lá somente para se “divertir com seus camaradas”, “para fazer um negócio diferente”. Que se imagine um atleta de alguma seleção nacional de futebol fazendo isso numa competição oficial (como a copa do mundo) ou uma ginasta na olimpíada.

Mesmo assim, não sendo o skate espaço para a homogeneização das possibilidades de excelência esportiva, os skatistas percebem na prática o que passam a significar as competições e a esportivização no contexto do skate. Como exemplo disso (tudo), está o relato de Guto, que correu o (competiu no) “campeonato da Qix assim, sem poder andar muito”, achando que estava “com o

⁸⁶ “Uma área (ginásio) coberta com piso adequado, por exemplo, parque [sic], cimento (queimado) ou asfalto liso” (grifos do autor), cf. ofício nº 032/2004 da Federação Gaúcha de Skate – anexo 2.

dedo do pé quebrado” e “só pra mostrar a cara mesmo e aparecer... “. Ou seja, considerando o que significa uma janela, uma vitrina de tal magnitude.

Conforme dito anteriormente, o skate teve seu surgimento em condições diversas das do surgimento das modalidades esportivas mais tradicionais (futebol, voleibol, basquete, etc.). O futebol, segundo os mais diversos indícios, surgiu da organização de jogos e brincadeiras medievais, no contexto da Inglaterra industrializante e das *public schools*. De certa maneira, poder-se-ia dizer que ele foi transformando-se em esporte, guardando características de alguns de seus antepassados e incorporando novas características também. O voleibol e o basquetebol diferentemente, foram inventados como esportes, como modalidades esportivas:

Assim como o basquetebol, o voleibol não foi uma prática que com o passar do tempo assumiu um processo de desportivização, em outras palavras, a modalidade foi inventada como um jogo portador de um conjunto de regras e características que o insere no universo dos esportes (MARCHI JÚNIOR, 2002, p. 99).

O filme “Dog Town and Z-Boys” de Peralta (2001), espécie de documentário, retrata com muita clareza tal processo. Utilizando imagens atuais e, sobretudo, gravações feitas à época da invenção do skate, o autor parece não deixar sobreviver qualquer dúvida quanto à natureza da prática nascedoura. O skate aparece sendo criado por surfistas da Califórnia em meados dos anos 1950, passando a adquirir cada vez mais vida própria e se distanciando do surfe. Passou por momentos em que se tornava “febre” entre os jovens e em que era quase esquecido (este processo está bem descrito no filme), lembrando a instabilidade estrutural já descrita. Ao assistir o longa metragem, dois aspectos chamaram a atenção por dizer sobre assuntos importantes para esse trabalho: a constituição de uma série de características que poderíamos considerar como estilo de vida (indumentária, comportamento, estética própria etc.) e a constante lembrança de que os primeiros skatistas (em seus próprios depoimentos) andavam de skate *por diversão* e não por qualquer outro motivo, surpreendendo-se com o que havia se tornado o skate desde então.

Apesar de poder parecer insignificante a diferença entre algo que é feito como brincadeira ou como uma competição (principalmente as de caráter esportivo), as conseqüências de uma mudança dessa natureza são muitas e muito significativas.

Como exercício, poderíamos fazer referência à (imaginar a) escolha de atividades a se realizar numa festa de aniversário de criança. Qualquer atividade proposta seria recebida de uma determinada maneira pelos potenciais participantes e, sobretudo, se desenvolveria de maneira peculiar. Uma corrida por um prêmio talvez chamasse a atenção e a participação de alguns, a divisão das crianças em grupos teria desdobramentos diferentes, um jogo conhecido de alguns (como o futebol) talvez causasse uma cultural e técnica distinção e uma brincadeira também seria realizada com suas peculiaridades.

Uma competição esportiva geralmente tem características bastante visíveis: tempo determinado, objetivos claros, oposição entre os participantes – “crescente competitividade” (DUNNING, 1992, p. 299) -, muitas vezes espaço destinado especificamente para a atividade, sendo o esporte uma forma complexa e muito codificada de competição. O esporte estaria no “grupo de jogos” que Caillois chamou de *agôn*, “que aparece sob a forma de competição”, ou seja, “como um combate, onde a igualdade de oportunidades é criada artificialmente para que os adversários se defrontem em condições ideais, susceptíveis de dar valor preciso e incontestável ao triunfo do vencedor” (1990, pp. 34-35). Apesar de que qualquer tipo de classificação tem seus limites e de que a de Caillois tem vários, sua reflexão ajudou a compreender uma das principais características dos jogos em geral e do esporte em particular: o combate, o confronto, a oposição. O simples fato de ele ter usado a palavra “triunfo” ajuda muito, pois representa uma atitude sobre outros. Parece que os jogos e os esportes pertencem à mesma família de práticas corporais. Diferente das brincadeiras, que não parecem pertencer à mesma família, mas que pertencem ao mesmo reino, o da cultura corporal.

Uma brincadeira é mais efêmera, menos comprometida e menos rígida. Uma brincadeira não tem claras fronteiras de tempo e espaço, seu objetivo e seu significado podem fugir ao entendimento de quem não se envolve, embora certa pitada de diversão seja comum. “Brincadeira é um domínio da liberdade”, diria Allen Guttmann (1978, p. 4). Não há, geralmente, vencedores em brincadeiras e, se eles existem, são de brincadeira (ou de brincadeirinha). Você pode inventar uma brincadeira a qualquer momento, pode mudar as regras de uma brincadeira conhecida, não haverá uma instituição determinando regras mundiais a serem seguidas, nem burocracias para brincar. Sobretudo, você pode brincar junto e não jogar contra, como num jogo ou esporte.

Se voltássemos à nossa festa de aniversário de criança, poderíamos imaginar duas cenas: 1 - um jogo entre os participantes (ou parte deles) e 2 - uma brincadeira com todos eles. Ao simplesmente ler estas duas propostas, alguém poderia supor que eu defenderia uma ou outra. Atente-se para o fato de que coloquei uma restrição à participação em uma delas e abri à totalidade dos participantes outra. Mostrarei porque não se trata de tomar partido.

Atividade 1: jogo. Qualquer jogo teria como conseqüência a divisão dos participantes da festa em duas ou mais equipes e as colocaria em oposição. Se fosse um jogo conhecido e já praticado nos contextos das crianças, por certo que alguns iriam se destacar, em detrimento de outros, os quais perderiam ou diminuiriam o interesse na atividade. Possivelmente os adultos presentes se interessassem pela atividade ou por observar os que se destacassem. Aqueles cujo interesse fora perdido ou diminuído talvez deixassem a atividade. Assim, teríamos uma miniatura (ou um arremedo) do que o processo de esportivização tem sido no contexto das práticas corporais: um processo de especialização (alguns se destacam/se especializam), de competição (as colocaria em oposição), de separação (talvez deixassem a atividade), que ofusca (observar os que se destacassem).

Atividade 2: brincadeira. Qualquer brincadeira poderia ser adaptada ao número de crianças presentes, mesmo aquelas que são realizadas em duplas ou qualquer outro número combinado de pessoas, sem que isso significasse colocá-las em oposição. Mesmo que fosse uma brincadeira conhecida em diferentes formas, ela poderia ser facilmente configurada de acordo com os interesses momentâneos. Possivelmente os adultos se interessassem pela brincadeira e talvez participassem dela. A saída de algum(ns) participante(s) não faria muita diferença, a brincadeira poderia ser reorganizada rapidamente. A indefinição de um espaço e de um tempo para a brincadeira (e a sua demora também) talvez cansasse os participantes, o que a pouca tensão que a envolve talvez também fizesse. A falta de tensão ou o sentimento de que pouca coisa está em jogo (“é só uma brincadeira”) talvez causasse desinteresse em alguns. Outras brincadeiras poderiam ser organizadas seguidamente, ora contemplando uma característica humana, ora contemplando outras. Assim, não teríamos exclusão (pelo menos não tão radical e específica, repetitiva); teríamos baixa competitividade e, podemos dizer, baixas possibilidades de que alguma oposição causasse desentendimento entre os participantes.

Entretanto, existe algo de difícil compreensão entre o interesse (baixo e pouco durável) que suscita uma brincadeira e aquele que suscita um jogo ou um esporte, o que Dunning foi chamar de “seriedade no modo de envolvimento” (1992, p. 299).

Conforme o que vinha dizendo ao longo do capítulo 4, não poderia considerar o skate uma mera brincadeira (sem querer diminuir sua importância ou relevância). O exercício que fizemos acima serve para opormos duas formas bem distintas de organizar práticas corporais. Porém, o skate se organiza(va) como uma prática diferente das brincadeiras e diferente do esporte. Podendo se realizar como uma brincadeira e passando a ser paulatinamente “cooptado” pelo esporte. Um indicativo de sua maneira particular de organização é a existência das *sessions*. Como indicado anteriormente, uma *session* é um passeio por determinada área, rua, avenida ou região da cidade em busca de um “pico”, um lugar propício para se andar de skate. Uma verdadeira caça ao tesouro. Quanto melhores e mais numerosos os picos encontrados maior também a satisfação ao final das atividades. E as *sessions* são largamente realizadas por skatistas de alto nível. De certa maneira, muitas vezes, são seus treinos. Assim como também são por vezes seus “jogos”, em comparação com outras modalidades. Numa *session*, um skatista pode filmar uma manobra ou fotografá-la para depois oferecer a uma vídeo magazine ou uma revista, e essa é uma das principais atividades de um skatista profissional.

Um dos motivos pelos quais o skate esteja sempre entre o que alguns espaços na mídia vêm chamando de “esportes radicais” talvez seja o fato de ele ter bastante do que Caillois chamou de *lilnx*, uma característica de práticas corporais e um

[...] tipo de jogos que associa aqueles que assentam na busca da vertigem e que consistem numa tentativa de destruir, por um instante, a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de voluptuoso pânico. Em todos os casos, trata-se de atingir uma espécie de espasmo, de transe ou de estonteamento que desvanece a realidade com imensa brusquidão (CAILLOIS, 1990, p. 43).

Foi isto que pude evidenciar na significação de Carlinhos para uma de suas preferências sobre um skate. Eu lhe perguntei se lembrava de ter saltado a escadaria da Praça da Matriz de Porto Alegre, uma escadaria imponente e muito alta. Ele respondeu que “ah! Sim” e que antes dele, “o Urina. Foi um dos

primeiros...”. Disse também que “depois ninguém mais tentou mesmo...”. Em seguida, refletiu “Pô! É uma escada legal mesmo. Alta adrena! É legal que ... o cara no ar, dá muito tempo pro cara pensar na vida e na manobra, né?” Espantado com a afirmação (imagine alguém despencando de vários metros de altura e dizendo que “dá muito tempo pro cara pensar na vida”), devolvi: “é mesmo?”. E ele respondeu “e tomar um café!!!”. Rimos um pouco e eu continuei “mas é questão de segundos...” e ele disse “ahã... e tu pensa muita coisa... e isso é legal”.

Assim, a descrição de Caillois feita acima ganha alguma plasticidade para mim. Eu estava com Carlinhos quando muitos anos atrás ele saltou a escadaria da Matriz. Lembro (logo que não houve registro) dele vindo em alta velocidade, saltando (atingindo uma “espécie de transe”), parado no ar, quem sabe “pensando na vida e na manobra”, para depois “desvanecer a realidade com imensa brusquidão” ao aterrissar. Assim como poderia servir de exemplo o depoimento de Crânio:

[o skate] tem uma adrenalina muito diferente assim... um lance, só de pensar, assim.. Se eu tô parado em casa, cara, dormindo, se eu começo a pensar em andar... O bobo já acelera, minhas mãos já começam a suar, já fica naquela adrena, tá ligado?

Por conta daquela dupla força que exerce o esporte (facho luminoso e buraco negro), se dá um descompasso entre as mais frequentes significações entre os skatistas para sua prática e as aparições mais populares dela. Entre os skatistas não há grandes considerações acerca do skate como esporte, podendo algumas vezes se considerar que o skatista-atleta (alguém que leve as competições muito a sério) fere o skate e que não seja bem-visto pelos seus pares: “as pessoas.. são mais discriminadas, são mais discriminadas as pessoas que levam o skate muito como competição” (Goró); “Acho que se alguém começar a andar de skate com outro propósito a não ser se divertir, cara, nem começa. Porque o skate é um estilo de vida [...] tem que começar a andar por vontade, assim, por satisfação pessoal, não por querer ser um profissional, por querer ganhar dinheiro com o skate...” (Crânio). Aqui se encontra outra expressão diferenciada do skate em relação ao esporte em geral, a dinâmica do desporto moderno apresenta quase sempre uma “tendência de crescente competitividade” (DUNNING, 1992, p. 299), coisa que não se reconhece no skate (pelo menos unanimemente).

Como outra evidência desse descompasso, pode-se lembrar as apresentações feitas em programas de televisão, onde os skatistas são apresentados de acordo com títulos que tenham conquistado, fato aparentemente pouco relevante entre os próprios skatistas. Ou mesmo as próprias atividades que logram obter espaço na mídia não específica do skate, quase sempre competições, quando aparentemente não são as competições as atividades preferidas dos próprios skatistas. Assim, se evidencia a característica ofuscante do esporte, aquela que destaca sobretudo atividades de cunho esportivo, deixando de lado, muitas vezes, qualquer outra manifestação do skate que não as voltadas para o esporte, por intermédio dos complexos processos que envolvem os meios de comunicação social. Numa relação entre *ofuscar* e *sugar*, o esporte vai conquistando espaço no skate e entre os skatistas. Apresenta em espaços privilegiados o skate-competição (ofusca outras manifestações) e com isso atrai (suga) para essa dimensão do skate.

A forma lenta e paulatina com que o esporte vai se aproximando do skate pode ser reconhecida na fala e nos processos descritos pelo presidente da FGSKT. Quando narra seus primeiros movimentos como skatista preocupado com o “desenvolvimento” do skate, ele atenta para o “processo todo do desenvolvimento do skate naquela região, que é a zona sul”, sua zona residencial. A partir da sua mobilização e de seus próximos, conseguiram, “através de um simples projeto e de um abaixo-assinado, [...] quase cinco mil assinaturas de pessoas do Marinha e em volta, tudo dizendo que queriam uma pista a mais em Porto Alegre e mesmo para a zona sul. Dando enfoque para a zona sul. E esta pista saiu”. Depois de alguns anos, de sua aproximação com skatistas de outras regiões e de sua participação em uma fundação que promove, entre muitas outras coisas, cursos de formação de quadros para a “gestão” do esporte, tendo se tornado presidente da Federação, suas intenções mostram mudanças significativas. Da busca por pistas, com movimentos mais localizados, passa a concorrer para a “profissionalização” de uma modalidade que é o “carro-chefe” de uma “linha de esportes”, do lugar de uma instituição moldada ao exemplo de outras tantas federações e confederações tão próprias do associativismo esportivo.

Eu vejo que o skate, sem dúvida, ele está sendo um grande portal... eu diria até um carro-chefe pra uma linha de esporte que nós chamamos esportes radicais. Eu acho que o skate é o carro-chefe disso, muito mais aí do que outros esportes, que nós dizemos

radicais. Em cima disso, naturalmente, vai ter que haver, já está havendo, uma qualificação. Não só de atletas, perante as suas atividades esportivas, mas de profissionais (Roberto – FGSKT).

Ainda que este processo seja visto como “perigoso”, como em sua fala a seguir pode ser evidenciado, em função de atender a certos interesses, fica claro que está em curso e que a Federação se motiva por dirigi-lo.

...o que acontece? Automaticamente, a mídia... Toda uma ação que é voltada pra essa questão de esportes radicais, eles dão enfoque pro skate. Por vezes, uma cobrança dessa mídia e dessas pessoas que querem ver a coisa acontecer de uma vez, logo, que nem outros esportes vem ocorrendo... o skate, por vezes, ele se retém, num processo de desenvolvimento natural... é mais interno. Não adianta, por vezes, ter cinco, dez, vinte campeonatos e atender meramente a necessidade de quem quer ver. Enquanto nós temos que, por vezes, nos organizar dentro de casa. Existe um processo de desenvolvimento, que ele tá ocorrendo lentamente... ele até poderia ser mais rápido. Mas não adianta tu culpar, não tem a quem culpar. E, por vezes, a gente tem a preocupação de que as pessoas que tem que tá envolvidas quando esse *boom* ocorrer... quando a gente tiver pronto pra ter cinco, dez campeonatos profissionais por ano, quando estivermos prontos pra ter campeonatos mundiais com freqüência no Brasil, participar de uma olimpíada, seja o que for.... se as pessoas que realmente fazem o skate, não estejam preparadas... o que pode ocorrer... e essa é uma preocupação nossa. Ao ponto de, de repente, saciar a necessidade de um telespectador, ou de uma grande movimentação, do que nós diríamos, da massa da mídia... dando oportunidades, por vezes... que... que... não são realmente do skate, que não tem o amor, que não tem a mesma visão nossa, que o skate tem que ser desenvolvido de uma maneira harmônica (Roberto – FGSKT).

Assim, diferente do que Stigger chamou de crise entre amadorismo e profissionalismo em determinado contexto,

A crise entre amadorismo e profissionalismo, ocorrida em vários esportes, é uma das chaves para a compreensão do processo de democratização dessa prática, inicialmente reservada a amadores, mas posteriormente democratizada e transformada em espetáculo de massa (STIGGER, 2005, p. 39),

este conflito assume outras cores no skate. A esportivização do skate – sua profissionalização também – acontece sem a dinâmica de reserva (restrição) encontrável no processo das modalidades mais antigas, passa por uma relação entre skate e esporte que se dá de forma lenta, sem excluir o *skate por diversão* e,

se poderia dizer, até dando a esta dimensão da prática certo espaço. Embora isso possa parecer curioso, opiniões acerca da esportivização do skate são bastante diferentes de skatista a skatista. Os skatistas não são homogêneos em suas considerações acerca da presença de competições em seu meio, assim como alguns podem ter em grande valor as competições, muitos parecem, como visto acima, ter aversão aos “competidores”. Parece esse o motivo para que as fotografias e as filmagens possam competir com as competições como espaço privilegiado da consagração.

Por ter dito que não sem conflitos se estabelecia o processo de esportivização do skate, não poderia deixar de dizer também que muitas vezes sem conflito se dá. O próprio processo de estabelecimento de formas de competição foi se dando com tranqüilidade e sem aparentar grandes disputas. Jamais ouvi alguém que fosse totalmente contrário às competições, no sentido de que elas não deveriam existir. Somente sua importância era constantemente relativizada nas entrevistas e nas conversas informais. Alguns depoimentos são bem esclarecedores:

Competição... infelizmente, no Brasil, as competições no Brasil não é muito boa, né? não são muito organizadas... e, tipo, eu quero tentar... agente tá tentando mudar esse conceito aqui no Brasil, né, meu? Que nem só de campeonato vive o skatista. Não é só em campeonato que tu aparece. É mil vezes tu aparecer numa foto de revista lá, num vídeo, do que tu tá lá no campeonato. Porque no campeonato tu não tem como mostrar o que tu anda, tu tem só um minuto, em um minuto tu não vai mostrar o que tu anda prum moleque. Tu vai mostrar numa parte de um vídeo. Entendeu? O cara vai te ver três minutos, cinco minutos andando. O cara vai te ver numa foto na revista, numa seqüência, numa manobra diferente... (Zumbi).

...como eu te falei, hoje em dia tão me cobrando mais é eu fazer uma parte em vídeo. Por incrível que pareça, pro cara que é leigo, tá cada vez mais difícil do cara entender isso, porque cada vez o cara tá levando menos em consideração assim, a competição. Sabe? Durante todos os anos, teve campeonato na Alemanha, e tipo, no último ano que a gente foi, o campeonato tava bem devagar, não consegui patrocínio e tal... Münster, na Alemanha... e, tipo, esse ano não vai ter, sabe? Pô, depois de... ali... aquele troféu que eu tenho é de...? eu tirei 12º... pô, esse ano foi o décimo quarto, décimo quinto e pô, tava bem devagar e o décimo sexto não vai nem ter. Então, tu vê como a competição da perdendo força. Tá ganhando força as competições diferentes, sabe? Competições diferenciadas, não esse sistema de 1 minuto. Tá ganhando força competições diferentes... (Goró).

As competições diferentes às quais Goró se refere são competições que oferecem aos competidores mais do que um minuto para sua apresentação. A etapa profissional da QIX, em Novo Hamburgo, por exemplo, oferece um automóvel ao ganhador da competição comum (1 min. de apresentação) e outro para quem der a

melhor manobra numa competição com tempo relativamente maior para cada competidor. Existe uma competição nômade pelo país chamada “Desfio de rua”, quase sempre acompanhada pela cobertura de uma revista, que coloca em determinado espaço uma série de obstáculos imitando o mobiliário urbano, liberando o espaço para os skatistas durante tardes inteiras. Serão os vencedores aqueles que melhor utilizarem cada obstáculo, sem tempo decidido previamente para essa utilização.

Como dito anteriormente, o fenômeno da burocratização corrente no início da modernidade industrializante foi apropriado pelo esporte e pode-se dizer que, atualmente, o esporte (pelo menos o hegemônico) tem como característica própria a burocracia. Assim, é uma prática identificada com ofícios, inscrições, regimentos, instituições etc.: “... o esporte é geralmente praticado de forma organizada, assim, por *organizações*” (PILZ, 1998. P.3). As atividades em que envolviam os skatistas, de uma maneira geral, não contavam com tais procedimentos entre suas práticas mais comuns. Porém, apenas como exemplo, existe no Rio Grande do Sul e no Brasil uma rede de associações, de federações e uma confederação que nada mais é que a estrutura burocrática, amadora e iniciante, que se forja ao skate.

Um dos mecanismos referentes à esportivização, seja de práticas como um todo, seja da significação da prática por indivíduos envolvidos, tem a ver com o caráter da referência que se tornam os esportistas de alto nível. No caso do skate (da configuração estudada), a situação não é diferente.

Constrangimentos [causados pelo conflito ethos amador x profissionalização] não se encontram limitados ao desporto de alto nível, tendo repercussões nos níveis mais baixos da atividade desportiva. Isso deve-se, em parte, ao fato de os esportistas masculinos e femininos de alto nível constituírem um grupo de referência promovido pelos meios de comunicação social e que estabelece padrões que os outros tentam seguir. Isso também é, em parte, a consequência das pressões pela competição desenvolvida em busca dos prêmios materiais e do prestígio que se pode obter através do acesso ao nível mais elevado (DUNNING, 1992, p. 322, grifo meu).

Em função do padrão estabelecido, da referência promovida pelos meios de comunicação, dos prêmios oferecidos, do status alcançável, do dispositivo de conjunto enfim, esportivizar-profissionalizar a prática torna-se algumas vezes uma espécie de obsessão e um objetivo teimosamente perseguido por jovens skatistas.

“Acho que nessa encarnação, eu nasci pra isso” (Coral). Isso tem a ver com o fato de que “...jogar e/ou observar um ou outro desporto veio a constituir um dos principais meios de identificação coletiva na sociedade moderna e uma das principais fontes de significado na vida das pessoas” (DUNNING, 1992, p. 324). Assim, além de servir de modelo aos próprios praticantes, os atletas de alto nível tornam-se referência para aqueles que se interessam por determinadas modalidades ou mesmo aqueles que as observam sem maiores comprometimentos específicos. O skate serve de referência para jovens não só como prática, mas como modo de vestir, de se comportar, de estar no mundo. Entretanto, como “... tudo parece indicar que [...] em matéria de esporte [...] a extensão do público para além do círculo de amadores contribui para reforçar o reino dos profissionais puros” (BOURDIEU, 1983c, p. 144), pode-se também dizer que as referências mais fortes vão se dar entre os profissionais. Parte da circularidade circular da magia social da consagração da qual falávamos anteriormente. Talvez por isso o skate passe a ocupar um espaço tão complexo e de difícil compreensão na sociedade (no Brasil, pelo menos), sendo referência para o estilo de vida de muitos jovens e despertando o interesse do mercado e da mídia e, sem surpresa, do “esporte”. Ao interesse do esporte (e do skate por ele também, ou seja, de skatistas por competir de forma organizada como um esporte) corresponde uma determinada autonomização do espaço dos profissionais (competidores).

Uma conseqüência da constituição desse campo relativamente autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que vai *pari passu* com o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum (BOURDIEU, 1990b, p. 217).

Não passa longe o processo de ajustamento das competições de skate aos moldes mais interessantes ao televisionamento. Isso causa uma separação entre o skate “que aparece na tv” e aquele que não aparece, logo que “... a submissão crescente do esporte à lógica do comércio, por meio da comercialização do espetáculo esportivo televisionado, tende a cortar a ligação orgânica entre o esporte de alto nível e a prática esportiva de base” (Bourdieu, 1999, p. 6) e que “... a constituição progressiva de um campo relativamente autônomo reservado a profissionais é acompanhada de uma despossessão dos leigos, pouco a pouco reduzidos ao papel de espectadores” (BOURDIEU, 1990b, pp. 217-218). No universo

do skate, na configuração estudada, a despossessão se dá de maneira paulatina, criando um espaço específico para aqueles que logram estar no círculo da consagração. É nesse círculo que se dialoga sobre determinados temas, os quais são muitas vezes inacessíveis a skatistas não consagrados. Acompanha um processo de ubiqüidade de referência nos consagrados que lhes atribui papel de destaque e, na via contrária, despossui skatistas não consagrados, relegando-lhes um espaço quase sempre atrasado em relação à inovações, modas, idéias e de pouca autonomia.

Talvez a maior e mais organizada das competições, a Olimpíada, seja um bom termo de medida para as modalidades esportivas (sejam elas nascidas esportes ou não). Aquelas que logram estar nas olimpíadas são as mais estruturadas burocraticamente, tendo passado por um processo de estabelecimento de federações nacionais e confederações continentais e mundiais, participando de competições continentais, se fazendo representar em vários países e continentes, etc. A transformação do skate em modalidade olímpica poderia ser considerada como a conquista de um espaço no contexto dos esportes que só se daria mediante uma outra conquista, a de um espaço dentro do skate pelo próprio esporte. A olimpíada é uma competição tão grandiosa que mesmo alguns skatistas, que não têm como atividade comum refletir sobre os movimentos que a sociedade faz, mesmo os que atinem ao esporte como fenômeno social, refletem sobre possíveis conseqüências de ter o skate no interior de uma. Eu conversava com um skatista e ele relatava que as competições não estavam mais sendo a principal vitrine para skatistas profissionais e, sim, as fotografias e as filmagens, quando lhe perguntei:

B: tu acha que essa tentativa que tá tendo aí⁸⁷, do skate e do Comitê Olímpico, de transformar o skate em esporte olímpico, pode desequilibrar essa balança de volta a favor das competições? Se tornando um esporte olímpico, tendo mais investimento do país e tendo uma representação... com certeza, se tiver numa olimpíada, vai tá nos jogos dos continentes, como os Panamericanos e Europeus...

G: na verdade, eu não tenho certeza do que que isso vai ajudar, do que que isso vai prejudicar, sabe? Tipo, eu sei que tipo, o skate é tão grande quanto um [esporte] maior que vai e que são olímpicos... Tipo, vários e vários são olímpicos... E, na verdade, não tá nas olimpíadas... Maior que tipo assim.. não vai virar um boom! Tipo, “ah, o skate entrou nas olimpíadas e agora, bah! O skate é O esporte”. Na verdade, vai continuar o skate. De

⁸⁷ Em 29 de janeiro de 2005, realizou-se o 1º Encontro de skate do Fórum Social Mundial, tendo, entre outras, a pauta “Skate nas Olimpíadas”, onde foi relatada reunião entre a Confederação Brasileira de Skate e o Comitê Olímpico Brasileiro e onde os presentes se colocaram sobre a questão. A fala do presidente da Confederação foi enfática no sentido de dizer que as Olimpíadas teriam que se adequar ao skate e não o contrário.

repente, vai ajudar, por algum lado, entendeu? Por coisas e tal... Mas tem que ser muito cuidado como colocar o skate nas olimpíadas, entendeu? Que o skate é um esporte que tem que ter... Até esse é um motivo de eles não terem colocado nas olimpíadas ainda, né? O outro motivo é porque não tem federações... Ou confederações em todos os países, né? Que é uma coisa que tá se moldando agora... O Brasil é um exemplo de país e o Ale Vianna, que é o nosso presidente da nossa Confederação aqui, tipo, a missão dele, que eles fizeram com o COI, né?

B: com o COB?

G: eu não sei...

B: Comitê Olímpico Brasileiro?

G: não internacional...

B: COI.

G: com o COI. Eles fizeram uma reunião e tal e, tipo, o objetivo do Brasil é, como o Brasil já tá bem difundido, desenvolvido assim em termos de associações, federações e confederação, muito mais que os outros países, apesar de o skate ter muitos adeptos, não estão tão organizados nessa parte, tipo, uma das funções é ajudar o Mercosul, os países que são mais próximos. E os EUA ajudar os outros países... pra que formem... tipo, na Argentina, o skate é um esporte relativamente forte, tem bastante praticantes só que não tem nenhuma federação. Então, tipo, o Brasil tá com esse papel de ajudar a Argentina a formar suas federações e confederações... pra se unir tudo e virar um esporte olímpico, entrar nas olimpíadas. (Goró).

As questões que envolviam mudanças na identidade do skate e dos skatistas sempre levavam meus entrevistados a serem reflexivos (preocupados) e a reafirmarem a ligação do skate com seu ambiente urbano. Parte da preocupação estava em ver o skate na mão de skatistas-atletas, não identificados com seu caráter “de rua”. Ao falar sobre colegas, um dos entrevistados, relatava que “tem uns que se preocupam mais com o corpo, vai na academia, musculação. Tipo, tem um corpo de atleta mesmo. Tipo, skatista-atleta, tá ligado?” Dizia que essa não era a sua preferência, que não “teria gás” se precisasse levantar-se cedo para “malhar”. Que lhe faltaria energia para andar de skate, caso dedicasse tempo para musculação ou alongamentos. Eu lhe perguntei se ele pensava ser possível que os skatistas se transformassem todos em atletas no futuro. Ele respondeu um pouco contrariado:

G: ah! Acho que tipo assim... é tão difícil falar sobre isso... [parecia não querer fazer apostas] a tendência é, eu acho que tipo assim... a tendência é, cada vez buscar mais o profissionalismo. Né? Normal. Cuidar do corpo, saúde, mente... pra tá tudo em harmonia...

B: como um atleta de ginástica, de judô, futebol...

G: é. Como qualquer atleta... só que tem uma diferença. A maioria desses que tu falou, como ginasta, corredor... qualquer um desses, ele não nasceu na rua. Eles nasceram dentro de um ginásio, treinando... num clube! Skatista nasceu na rua! Tá ligado? Então, a raiz dele com a rua... de não ter idéia do que vai fazer amanhã, é bem maior do que um cara que nasceu dentro de um ginásio (Guto).

Os brasileiros certamente lembrarão dos problemas causados quando um famoso jogador de futebol iniciou suas tentativas (que atingiram o objetivo) de não treinar. O referido jogador é, até os dias de hoje, notícia freqüente e tido como excêntrico pelos meios de comunicação (que sempre ressaltam as diferenças de suas atitudes em relação a outros jogadores) e não raro televisa-se imagens dele jogando futebol de areia ou futevôlei. O caso se dá de forma invertida no skate, os skatistas profissionais e os especialistas estão acostumados a estranhar quem treina.

Ajudando a ressaltar o caráter heteróclito da prática do skate está a bem lograda tentativa do skatista estadunidense Danny Way (VAZ, 10.07.2005) em saltar a Muralha da China. É, sem dúvida, uma forma de escrever, gravar o nome na história. E também um bom assunto para, nesse momento, se encaminhar o final dessa discussão entre skate e esporte. Se tomássemos algumas das categorias de Guttmann (1978) emprestadas e trouxéssemos mais uma, esse trabalho ficaria facilitado. Falemos nas exemplares burocratização, institucionalização, quantificação e busca de recordes.

Danny Way saltou a Muralha sem que isso fosse considerado uma atividade oficial de nenhuma instituição oficial do skate. Apesar disso, seu feito não foi diminuído, inclusive se tornou uma das notícias mais festejadas e veiculadas no universo do skate no ano de 2005. Se um jogador de futebol cruzasse toda a extensão da Muralha fazendo malabarismos com uma bola e isso não fosse uma atividade da Federação Internacional de futebol *association*, talvez sequer virasse notícia. Se alguém corresse 100 metros em 5 segundos (mesmo que fosse no alto da Muralha da China), sem árbitros oficiais, sem controle da velocidade do vento, sem que isso se realizasse numa competição oficial de algum órgão oficial do atletismo mundial, mesmo sendo esse tempo metade do recorde mundial, o feito não seria considerado. Na maior parte das vezes, sem o aparato burocrático e institucional, os feitos não são válidos nos esportes mais tradicionais, mais fiéis à burocratização e à institucionalização. E assim encontra-se uma distinção clara entre a dinâmica do esporte moderno e o skate, uma diferença referente à burocratização. O skate parece ser menos controlável e menos suscetível a essas características modernas e esportivas.

De acordo com as formas encontradas no skate atual (e de acordo com sua história), parece pouco provável que se inicie uma competição que se repetirá a

cada ano ou a cada dois ou quatro anos para observar quem salta mais ou melhor a Muralha, assim como há para observar quem salta mais alto a vara. É um feito inédito (ineditismo = capital específico do skate) e, portanto, possivelmente sequer merecerá interesse em ser repetido. Diferentemente de outras modalidades que produzem e reproduzem a quantificação característica dos esportes. Saltar um obstáculo conhecido foi uma maneira de gravar o nome na história, mas muito peculiar ao skate, fora de padrões tão rígidos como os do esporte. É uma maneira de gravar, mas diferente do que Guttman (1978) chamou de “filho da mania moderna de quantificação” (p.50), a maneira de gravar tão própria do esporte, o recorde ou, do verbo em inglês para “gravar”, *record*.

Sobretudo, no caso do skate, o sujeito tem a possibilidade de ser excelente, famoso, bem sucedido sem sequer estar em competições. Isso não seria comum, mas poderia acontecer. O caso citado do skatista Crânio é emblemático, jamais venceu uma competição e conta com alguns dos melhores patrocínios. No futebol, por exemplo, não importa quantos malabarismos o jogador faça com a bola, a arena de sua excelência será sempre uma competição oficial, “treino é treino, jogo é jogo”. No skate, pode-se ser o melhor sem competir.

Citius, altius, fortius, o lema das olimpíadas, não é algo que combine muito com o skate.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a abordagem sistemática dos temas encontrados nos capítulos anteriores desta dissertação, coloco algumas questões particulares que considero relevantes e também algumas que escaparam ou não couberam nos debates que antecederam. Considero, para além das minhas limitações pessoais, como aquelas ligadas à minha posição no espaço social (limites referentes ao acesso à bibliografias – domínio de diversos idiomas, traduções e circulação em determinados universos acadêmicos; aos recursos financeiros para viajar e adquirir livros; ao tempo dedicado à pesquisa e à subsistência etc...) ou aquelas decorrentes de minha trajetória intelectual (escola pública → universidade → campo de trabalho → Programa de pós graduação → escolas de pensamento com que tive contato: fenomenologia, marxismo, materialismo histórico e dialético, positivismo, antropologia social e sociologia etc), que pontos importantes do universo estudado foram problematizados e que tiveram tratamentos condizentes com a prática científica atual. Apresentei anotações sobre tais temas a partir de observações *in actu*, de entrevistas e de documentos recolhidos, atribuí à cada tema um corpo teórico apropriado a peso do dispêndio de energia científica (regime de estudos, rotina de leituras) e tentei a todo momento ultrapassar as fronteiras de simples descrições e correlações com a teoria, deixando com tudo isso um tanto de minhas reflexões nas páginas que estiveram nas mãos de quem chegou até esse capítulo final da dissertação.

Em resumo e em termos gerais, o término dessa etapa da formação me leva a levantar algumas questões em termos de considerações finais, por mais “temporárias” que sejam. É o caso de que algumas das “descobertas” feitas no decorrer da pesquisa não aparecem dessa maneira no texto; de que por mais que tenha me esforçado pelo contrário, por momentos, tive a impressão de que não foi possível atingir um objetivo oculto ao qual me tinha disposto, o de não permitir que o texto causasse a impressão de que determinados fenômenos parecessem isolados e não-concomitantes no campo – como, por exemplo, transsubstancializações e esportivização.

Em certo momento da pesquisa, na idade da escolha do tema e do problema, do posicionamento do foco, levantava questões como a centralidade dos skatistas

patrocinados frente aos outros skatistas todos e um tipo de discurso repetido que causava uma espécie de unicidade nas falas dos sujeitos da pesquisa. Meu orientador fez o papel de advogado do diabo e fui obrigado a enfrentar as evidências e a organizar essa “intuição” a partir de dados. Tempos depois, a literatura acerca de temas como esses pôde ajudar a entender mais especificamente tais problemas e o que chegou até vocês como a trajetória social de skatistas do universo dos patrocínios e como a especificidade da *illusio* no mundo social estudado foi a conseqüência dessas singelas “descobertas” tão caras a um pesquisador. E sem esse relato, talvez tivesse perdido a oportunidade de dizer que aprendi que pesquisa também se faz refletindo e “viajando”, como se diz por aí.

O formato usual na academia brasileira para textos de dissertações e teses pode ajudar bastante a um jovem pesquisador, dando exemplos de como organizar seus pensamentos e seus dados. A própria estrutura do texto já dá indicativos, basta observar o índice de um desses trabalhos para começar a organizar mentalmente o seu. Entretanto, ao terminar a escrita (ou melhor, abandoná-la) e ver cada capítulo e sub-capítulo encadeados, tive a sensação de que tinha cumprido, em determinada medida, o objetivo de não segmentar o objeto do estudo e também que tinha deixado de cumpri-lo. Não há como falar de tudo ao mesmo tempo, não há como falar sobre certos assuntos com profundidade sem separá-los e também não há como falar sobre determinados assuntos assaltando-lhes de sua própria estrutura.

Assim, a forma final do texto apresentou a ordem seguinte:

O capítulo 2 dessa dissertação trata das primeiras aproximações com o tema e o universo do estudo, assim como apresenta a problematização e as questões de pesquisa que sustentaram os capítulos seguintes. Seguimos as pistas do universo cultural do skate desde suas aparições mais fortuitas até encontrarmos sentidos, significados e um estilo de vida. A força dos significados atribuídos pelos membros da cultura do skate ao que até então eram somente indícios encontrados em notícias vagas e esporádicas, representada em palavras como “O cara que foi skatista vai ser skatista a vida inteira” ou “O skate é minha vida”, nos levou até o espaço de um estilo de vida. Dali, começou a ser perdida a sensação de tempestade de idéias e conduziu-se um caminho à discussão de temas específicos encontrados na relação mais sistemática com o universo estudado.

O capítulo 3 aborda as formas específicas que tomaram os métodos e as técnicas de pesquisa e de coleta de dados nessa dissertação. Se evidencia como o

percurso da pesquisa levou o perfil dessa dissertação ao tratamento sociológico dos sujeitos e dos temas. Se relata as práticas concretas das técnicas selecionadas com o auxílio da literatura especializada para essa pesquisa, a observação, a entrevista e a análise de documentos.

O quarto capítulo acompanha historicamente a trajetória social dos sujeitos da pesquisa. É descrito um processo de aproximação com a prática do skate a partir de configurações locais, chamadas por mim de “vizinhança”, onde também desenvolve-se e apreende-se uma determinada modalidade de aprendizagem.

Em seguida, se apresenta um complexo momento das trajetórias dos sujeitos que abarca a saída das configurações locais para configurações centrais ao universo do skate, as altas e baixas do skate (instabilidade estrutural), a questão do estilo na sua forma particular ao skate e uma nova modalidade de aprendizagem, com dois aspectos que me pareceram mais marcantes: a ampliação das fontes de informação e a qualificação das comparações ao coexistir e competir com outros skatistas, tão ou mais experientes e hábeis que eles mesmos e os tipos de atividades, o reconhecimento de tempos e espaços privilegiados para performances e aprendizagens.

A seqüência do capítulo discute especificamente skate e estilo de vida, trazendo debates sobre a constituição do gosto pelo skate, das disposições e dos capitais peculiares ao skate e sua incorporação. Os modos com que se correlacionam as trajetórias sociais, as posições sucessivamente ocupadas nos espaços sociais pelos skatistas pesquisados, as relações com a escola e o conhecimento, assim como com a cultura, as implicações relativas à família, se mostraram relevantes para o entendimento do universo em questão. Nesse trecho do texto se discutiu a estrutura dos capitais no universo do skate e que o capital em voga se trata de um capital corporal, mas que seria pouco dizer somente isso sobre ele. Se mostrou como a entrada no skate patrocinado se dá pelo acúmulo de sucessos em ambientes de competição e de fotografias e filmagens para vídeo magazines e revistas e que a permanência se constrói a partir de uma série de injunções, renúncias por um lado e acessos por outro. São encontradas nesse capítulo as discussões acerca do encaminhamento das atribuições individuais em vistas de “fazer o corre”, uma das principais distinções e uma disposição que se transforma em capital no universo dos patrocínios.

Dando seqüência ao texto, está a questão da *illusio*, uma forma peculiar de “desenvolvimento do skate” ou “desenvolvimento do esporte” que se repete nas falas dos skatistas pesquisados, o que provocou a sensação de estar a ouvir um mantra. A *illusio* se caracteriza, na configuração estudada, por ser significada num determinado espaço do campo, a partir de uma determinada posição. Mesmo que se manifeste de maneira obtusa e encontre contradições, essa mística do desenvolvimento/evolução do skate opera amplamente por meio de uma cadeia de skatistas, ou seja, apanha os skatistas e é apanhada por eles.

As questões ligadas às transubstancializações se apresentam em seguida. A especificidade das discussões sobre a transformação de capitais, sobretudo dos capitais válidos no universo do skate, em capital econômico é o centro do debate neste sub-capítulo. O tema principal é o cerne da aprendizagem do processo de transubstancialização na configuração do skate estudada, o fato de que é um processo que se aprende *paripassu* com o aprender a “fazer o corre” e é em parte o próprio “corre”. O que Bourdieu chamou de “alquimia simbólica” (1996. P. 167) e de “alquimia social”.(2004, p. 184) encontra-se amparado no universo do skate na “magia social da consagração” (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 154) e na circulação circular (BOURDIEU, 2004, p.211), onde as trocas têm dupla natureza, material e simbólica. Trata-se de um processo em que a consagração é tributária de um processo coletivo (de recalque e de mais-valia simbólica), onde os ganhos simbólicos dirigem-se principalmente a quem abre mão do objeto dotado da valorização simbólica e justamente a quem atribui o valor. Assim, estar no círculo da consagração significa também ter o poder de consagrar, de atribuir valor simbólico, o que, muitas vezes, pode em seguida ser transformado em valor econômico. Para os skatistas isso significa, por exemplo, consagrar peças do vestuário e modelos de tênis, sendo que se lhes resta obter parte do lucro gerado pela energia despendida em todo o processo material e simbólico.

No decorrer do sub-capítulo que segue, se apresenta uma discussão acerca dos estatutos comuns ao campo: o skatista na perspectiva de um estilo de vida, ressaltando o fato de existirem diversos estilos de ser skatista, como os *streeters* e os *punks*, fazendo referência também aos skatistas da *old school*; o atleta, ou seja, que sob determinadas condições específicas, em competições e quando *interessa*, como no caso da relação com órgãos públicos, o skate passa a ser tratado como esporte e o skatista como atleta; e o representante de marca(s) (imagem e

mercadoria), aqueles skatistas que lograram estar no círculo dos patrocínios. Ali se discute que tais estatutos não podem ser pensados de maneira estanque e incomunicáveis. Como disse, eles são vividos, muitas vezes, de acordo com interesses, seja do gosto individual e coletivo (estilo de vida), seja da relação da modalidade com outras esferas e fenômenos da sociedade (esporte), seja do interesse na transubstancialização do capital cultural/corporal em vantagem material/financeira (representante de marca(s)). O estigma do preconceito também é discutido como um traço dos estatutos dos skatistas.

A discussão acerca de uma lógica da reciprocidade, que se apresenta na seqüência do texto, é abordada sob duas esferas de relacionamento: skatista-skatista e skatista-marca(s)/marca(s)-skatista(s). As perspectivas encontradas e debatidas, ressaltando o caráter conflituoso da relação, dizem sobre uma expectativa de dar retorno ao skate pelo que se obtém através do skate, na ótica dos skatistas, e de obter lucro, na ótica dos empresários.

Ao final do capítulo, está a discussão sobre o campo do skate parecer exercer um grau de absorção que coloca um obstáculo à iminência da saída do mesmo, é uma espécie de devoção ao campo que localiza no ponto do final da experiência como skatista profissional a reconversão por dentro do próprio universo do skate. Estão ali os planos e os sonhos dos entrevistados, apontados como “oportunidades de expressar crenças (modelos, valores, normas) cujas disposições correspondentes (ainda?) não se constituíram” (LAHIRE, p.42, 2004, grifos do autor).

No capítulo 5, se discute a localização do skate no universo das práticas corporais e as relações entre skate e esporte. A partir de uma revisão de literatura, é explicitada a característica do skate como uma prática que desvia das regras da arte, por escapar à homogeneidade com que o esporte organiza suas práticas mais tradicionais, no que toque aos seus traços peculiares, como a burocratização, a quantificação, o crescente sentido de seriedade etc. Tratou-se de estabelecer uma discussão com vistas a “limpar o meio de campo” em relação ao problemático conceito de esporte (polissêmico, discutido e, em certos casos, discutível, disputado). Localizou-se o esporte como uma prática que, entre a demais práticas do universo da cultura corporal, funciona como um fecho luminoso, ofuscando qualquer outra forma organizativa de práticas corporais e ocupando lugar de destaque nos meios de comunicação social, no imaginário da população, na escola, no mercado e assim por diante. E que funciona também como um buraco negro, tornando esporte,

ou seja, organizando como esporte qualquer prática corporal, mesmo sendo ela oriunda de culturas e significações diferentes daquelas que o esporte preconiza: racionalização, burocratização, competitividade etc, “sugando” para a esfera (arena) esportiva qualquer indício de movimento humano – via de regra. O “nascimento” ou a invenção do skate e sua peculiaridade alheia ao modo de o esporte organizar o movimento humano é apresentada com dados de sua criação e o fato de passar a contar em seus tempos e espaços com características esportivas é colocado. A partir de exemplos concretos do universo do skate, se deu a discussão das principais diferenças entre o skate e esporte. Entre os fatores mais expressivos de tais diferenças, estão a possibilidade de se alcançar excelência no universo do skate sem participar competições, a não preponderância das instituições sobre a prática, o baixo grau de burocratização e as formas heteróclitas de quantificação e notoriedade.

No sub-capítulo abaixo, mostrarei alguns temas que não foram abordados de forma profunda e sistemática como gostaria. Trabalhei com um universo não muito grande de sujeitos, cerca de trinta, dos quais dezesseis foram entrevistados. Alguns tiveram certa importância e não estiveram entre os entrevistados, outros passaram pelo foco da pesquisa sem chamar a atenção. Entretanto, por mais específico que o tema escolhido fosse, por mais limitado que o recorte da pesquisa se apresentasse, por mais isolados que os fenômenos próprios do skate se manifestassem, fatores intervenientes sempre pareceram se colocarem de maneira impositiva por sobre ou ao lado de assuntos específicos abordados. O tema da etnia, o qual meramente fiz menção de me ater; o tema das classes, que apareceu porém sem maiores aprofundamentos e o tema da sexualidade e do gênero, praticamente inexistente nesse trabalho, são alguns exemplos disso.

Enfim, espero ter comunicado um *modus operandi*, um conjunto de casos possíveis do real, algumas das formas mais próprias do universo do skate e especificamente das formas referentes ao universo dos patrocínios, da mercadorização, da espetacularização e da esportivização.

5.1 LIMITAÇÕES DO TRABALHO

O uso do termo “limitações” implica aqui mais em dialogar sobre os contornos da pesquisa e as escolhas que fiz do que acerca de objetivos não alcançados. Como disse anteriormente, apenas dois dos meus entrevistados eram negros. Isso apareceu como um dado em determinado ponto da dissertação. Porém, quantos debates poderiam suscitar tal informação? Entrevistei todos os skatistas profissionais de Porto Alegre (com certeza todos que competem na categoria profissional e tem patrocínio), mais alguns não profissionais. Dezesseis pessoas e apenas duas eram negras. E a condição delas também é um dado: um caiu no ostracismo e outro parece caminhar para o “desperdício” de suas possibilidades. O quanto há da herança étnica em suas trajetórias? Não tentei responder.

Ao abordar temas como a escolarização, o acesso a bens culturais (viagens e domínio de idiomas, por exemplo) e a profissão dos familiares mais próximos, pais etc. (uma das perguntas das entrevistas tinha relação direta com esse assunto), pude colocar meus olhos na determinância da condição social dos sujeitos sobre suas trajetórias. Tive consciência, durante a pesquisa, de que a questão da classe social estava o tempo todo acompanhando outras questões e “se intrometendo” nos meus dados. Não é possível produzir sobre a realidade sem levar em conta as posições ocupadas no espaço social, sobretudo no que toque à possibilidade de acessos de todo tipo, o que produz munidos e “desmunidos de competência cultural” (BOURDIEU, 1983b, p. 94) e outras competências. E isso, em nossa sociedade, está ligado ao pertencimento à determinada classe ou, se quiserem, à quantidade de recurso material e financeiro que tem cada “grupo de semelhantes”. A importância da categoria da classe social para um estudo acerca do skate? Não respondi com precisão.

Praticamente não há mulheres no universo do skate. Essa declaração não é exagerada, pelo menos na configuração estudada. O skate é um espaço masculino, masculinizado, masculinizante e ausente do feminino. Essas afirmações são fortes, mas podem ser sentidas assim por qualquer pessoa que se aproxime o suficiente para ouvir as conversas um pouco mais íntimas. Por outro lado, as mulheres começam a aparecer no universo do skate, como skatistas, como fotógrafas, como empresárias. Em função de o mundo social ser “continuamente sobressaturado de diferenças sexuais” (LAHIRE, 2005, p. 23), como vêm se dando sua aproximação,

qual o espaço que se reserva para elas, qual o grau de participação permitido, quais as especificidades das relações de gênero e sexo no skate? Não tentei responder.

Outros pontos poderiam ser levantados (e espero que sejam). Sobre o texto, foi feito um esforço para abarcar os mais diversos temas, desde as aprendizagens primeiras até a obsessão pelo campo que coloca no fim da experiência como skatista profissional a quase obrigatoriedade de reconversão por dentro do mundo social do skate.

5.2 CONTINUIDADES

As próprias questões limitadas e limitantes nesse/desse trabalho já são ótimos indícios de continuidades, em minha opinião. Entretanto, aponto também para outros caminhos possíveis e relevantes.

Um estudo que possa multiplicar as configurações estudadas (mais duas ou três configurações no Brasil e pelo menos duas fora dele – Estados Unidos da América e Europa), ao tempo que potencializasse a abrangência dos recortes práticos e teóricos, possibilitaria falar de maneira mais satisfatória do skate. Poderia, através de homologias e analogias, refletir e discutir a hipótese da transferibilidade e da transponibilidade de disposições, sociabilidades, valores etc., coisas tidas como tão naturais para o senso comum e para o discurso científico. Penso que esse seria o indicativo mais forte para minhas continuidades, como indiquei em outro ponto, as pessoas que se envolvem em práticas corporais, as “inserir no seu modo de vida” (STIGGER, 2002, p. 59), porém, não temos indícios de trabalhos empíricos especificamente realizados para saber se

... as atividades esportivas oferecem referências para que os indivíduos organizem a sua vida social, sendo desenvolvido, nesse convívio, um processo de socialização dos participantes dos grupos, os quais – ao viverem coletivamente – passam a compartilhar maneiras de estar no mundo, que são expressas tanto dentro quanto fora do campo de jogo (STIGGER, 2002, p. 245).

Tomo a liberdade de me repetir, afim de aludir ao fato de que nenhuma das pesquisas que tomei conhecimento se preocupou em tratar especificamente da transferibilidade ou da transponibilidade de disposições incorporadas em práticas

esportivas, salvo algumas generalizações feitas a partir de configurações muito específicas, sem variação praticamente, ligadas ao profissionalismo. Embora observe uma tendência geral a pensar que “o espaço dos esportes é simplesmente ‘homológico’ aos outros espaços sociais...”, que “explorá-lo leva-nos a melhor compreender esses espaços, exatamente como explorá-los leva-nos a melhor compreendê-los” e que, quando se utilizam referências Bourdieanas,

outra palavra dá mais sentido ainda a essas convergências, aquela do habitus, ‘uma subjetividade socializada’, diz Bourdieu, ou ainda ‘social incorporado’, lei ‘inscrita’ no corpos [sic] (lex insita), dispositivo sociocultural feito corpo, aquele que todas as influências sociais introduzem no organismo para fazer dele uma delimitação de referência que estrutura e é estruturada” (VIGARELLO, 2005, pp. 190-191, grifos do autor).

Não estou convencido a acreditar nisso sem que se façam estudos com finalidades específicas a discutir esse tema.

Porém, vou me confrontar com o campo científico, com a comunidade acadêmica em sua configuração brasileira e não sei se isso me permitirá conduzir um regime de estudos de tal magnitude. Pois o campo científico que percebo é o das estruturas de Kuhn, é o campo científico de Bourdieu. Onde, por vezes, nos sentimos (eu me sinto) como um 4 no jogo de truco argentino⁸⁸.

⁸⁸O jogo de truco argentino é um jogo de cartas onde existem quatro cartas de maior valoração, numa hierarquia entre elas quatro e as demais cartas do jogo. Todas as outras cartas são inferiores àquelas quatro cartas, mas têm distintos pesos entre si. As cartas número 4 de todos os naipes são as mais desvalorizadas, salvo em uma espécie de jogo dentro do jogo que se desenrola pela combinação entre cartas do mesmo naipe. Assim, as cartas 4 valem nada à mão de um jogador, podendo, em casos específicos, valer um pouco mais que isso, na circunstância de uma combinação, no mais das vezes com cartas mais possuídas de valor.

OBRAS CONSULTADAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

BARRIONUEVO, J. **Malabarismos do candidato**. ZERO HORA, Página 10, Porto Alegre, p.10, maio, 2001.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **Skate**. In: Da Costa, Lamartine P. (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, Shape, 2005.

BOGDAN, R. C.; Biklen, E. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, LDA. Porto, Portugal, 1994.

BOLOTA, F. et al. **A Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil**. São Paulo, SP, Parada Inglesa, 2000.

BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu: Sociologia** [organizador da coletânea Renato Ortiz]. Tradução de Paula Monteiro e Alcía Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. **Gosto de classe e estilos de vida** In: Pierre Bourdieu: .Sociologia [organizador da coletânea Renato Ortiz]. Tradução de Paula Monteiro e Alcía Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983b.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro, 1983c.

BOURDIEU, P. **Espaço simbólico e espaço social**. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, págs. 13-33, 1990.

BOURDIEU, P. **Programa para uma sociologia do esporte**. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, págs. 207-220, 1990b.

BOURDIEU, Pierre. **Estruturas Sociais e estruturas mentais**. In: **Teoria e Educação**, nº 3, 1991.

BOURDIEU, P e WACQUANT, L. J. D. **Respuestas: por una antropologia reflexiva**. Traducción: Heléne Levesque Dion. Miguel Hidalgo, México, Editorial Grijalbo, 1995.

BOURDIEU, P. **Habitus, Illusio y racionalidad**. In: BOURDIEU, P. e WACQUANT, L. J.D. **Respuestas: por una antropologia reflexiva**. Traducción: Heléne Levesque Dion. Miguel Hidalgo. México: Editorial Grijalbo, 1995.

BOURDIEU, P. **La lógica de los campos**. In: BOURDIEU, P. e WACQUANT, L. J.D. **Respuestas: por una antropología reflexiva**. Traducción: Heléne Levesque Dion. Miguel Hidalgo. México: Editorial Grijalbo, 1995.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, São Paulo, Papiрус, 1996.

BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004.

BOURDIEU, P. **Entrevista com Pierre Bourdieu por Juremir Machado**. Folha de São Paulo, 7/2/99. disponível em <www.espaçoadademico.com.br/010/10bourdieu01.htm> Acesso em 07.08.2006 –

BROHM, J.-M. **Sociologia Política del Deporte**. Partizans –Deporte, Cultura y Represión. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 1978.

BUENO, S. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. – ed. Revista e atualizada. – São Paulo: FTD, 2000.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia Ltda., 1990.

CARDOSO, R. C. L. e SAMPAIO, H. M. S. (orgs.). **Bibliografia sobre juventude**. São Paulo: USP, 1995.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992. – (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor)

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE, disponível em: <www.cbsk.com.br> acesso em 27.12.2005.

COSTA, V.L.M. **Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas** in MOREIRA, W.W. e SIMÕES, R. (org.). **Fenômeno esportivo e o terceiro milênio**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

COSTA, V.L.M; COSTA, M.R.M. **O imaginário de aventura e do risco entre jovens skatistas**. FIEP BULLETIN, Foz do Iguaçu, v.73, n. special Ed., pp. 238 – 238, 2003.

COSTA, V.L.M e COSTA, M.R.M. **skate street: as imagens de potência de jovens skatistas** in: COSTA, V.L.M (org.). Aventura, risco e imaginário em Educação Física, Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, 2004, v.1 pp.11-20.

COSTA, V.L.M. **The Culture of the excellence on the x-games: the imaginary of the skateboard on the journalist's discourse**. In: The FIEP bulletin, Foz do Iguaçu, v. 75, n. special Ed., pp. 116 – 119, 2005.

DAMO, A. S. **Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro** in: Movimento V. 1, n. 1. Porto Alegre, 1994.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão – uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado, PPGAS – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.

Das pistas para as ruas. ZERO HORA. Kzooka. Porto Alegre, 24.09.2004.

DAYRELL, J. T. **Juventude, Grupos de estilo e Identidade** in: Educação em revista, BH – nº 30, dez/99. belo Horizonte, MG.

DESROSIÈRES, A. **um encontro improvável e suas duas heranças**. In: Encrevé, p. & Lagrave, R. (coord.).Trabalhar com Bourdieu, tradução de Karina J. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

DIRETO da rua. ZERO HORA. Revista ZH Donna, Donna Fashion Iguatemi, Porto Alegre, pp.18 –19, out. 2003.

DUNNING, E. **A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado do desporto**. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação: Memória e sociedade**, Lisboa: Difusão Editorial, 1992. Tradução de Maria Manuela Almeida e silva.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação. Memória e sociedade**, Lisboa: Difusão Editorial, 1992. Tradução de Maria Manuela Almeida e silva.

ENGELS, F. e MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista**. In: **Obras Escolhidas de Marx e Engels**, Vol. 1, São Paulo: Alfa-Omega, s/d.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE SKATE. Disponível em: <www.fgskt.com.br> acesso em 21.01.06.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação**. Explicação das normas da ABNT. – 14. Ed. Porto Alegre: s. n., 2005.

GASTALDO, E. L. **A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate.** in: Leal, O. F. (org.). **Corpo e significado.** 2 ed. – Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Editora Koogan, Rio de Janeiro, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo, SP: Atlas , 1999.

Gordo do Bom Fim para o mundo. ZERO HORA, Esportes, Porto Alegre, p.44, fev., 2005.

GOOGLE <www.google.com.br> acesso em 05.2005.

GRAEFF, B. **Skate no Rio Grande do Sul.** In: MAZO, J. Z. (Org.) ; REPPOLD FILHO, A. R. (Org.) .. (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** 1. ed. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.. 1 ed. Porto Alegre: CREF/RS, 2005, v. v. 1., p. 62-62

GUTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978. Traduzido por Eduardo Stigger à pedido de um grupo de estudantes de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano sob a orientação do prof. Dr. Marco Paulo Stigger no ano de 2002.

HONORATO, T. **Uma História do Skate no Brasil: do lazer à esportivização.** Anais do XVII Encontro regional de História: o lugar da história. Campinas, Unicamp, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA,. **Praticantes de Skate.** Gerência de pesquisas de opinião, 2002.

KLEIN, N. **Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido.** 2 Ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.

LAHIRE, B. **Homem plural: os determinantes da ação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004; traduzido por Patrícia Chittoni Ramos Rivillard e Didier Martin.

LAHIRE, B. **Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 49, pp. 11-42, Portugal, 2005.

LOPES, M. A. **Os reis do asfalto – como jovens americanos, copiando manobras do surf, fizeram do skate um dos esportes mais radicais e festejados do planeta**. SUPERINTERESSANTE, História. Edição 219, pp. 78-81, novembro de 2005.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E.D.A. **pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EDU, 1986.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J.G.C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. www.n-a-u.org/depertoedentro/html acesso em 27.12.2005.

MARCHI JÚNIOR, W. **Bourdieu e a teoria do campo esportivo**. In: Esporte: história e sociedade, Campinas: Autores Associados, 2002.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, sem data.

PADIGLIONE, V. **Diversidad y Pluralidad en el escenario deportivo**. Apuntes: Educación Física y deportes, Barcelona, INEF de Catalunya, nº 41.

PERALTA, S. (diretor). Dog town and Z-boys: onde tudo começou. Narrado por Sena Penn. Editor Paul Crowder. Aprox. 90 min. – NTSC – colorido – livre, 2001.

PILATTI, L. A. **Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno**. In: revista digital, Buenos Aires, ano II, nº 97, junho de 2006. www.efdeportes.com/efd97/bourdieu.htm acesso em 07.08.2006.

PILZ, G. **A sociologia do esporte na Alemanha.** In www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/256.pdf acesso em 17.09.2006. tradução e notas de Alexandre Fernandez Vaz, 1998.

REVISTA TRIBO SKATE, 1999. ano 09, nº 50, p. 37.

REVISTA TRIBO SKATE, 2000. ano 09, nº 52, p. 13.

REVISTA TRIBO SKATE, 2003, ano 13, nº 98 .

REVISTA TRIBO SKATE, 2004. ano 14, nº 105.

REVISTA TRIBO SKATE, 2004. ano 14, nº 108.

SETTON, M. da G. J. **A Teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea** in Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2002, pp. 60-70).

SKATEBOARD WORLD vol. 1 n 4, outubro de 1977.

SK8.COM.BR – www.sk8.com.br – acesso em 22.01.05.

STIGGER, M. P. **Desporto, Lazer e Estilos de Vida: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto.** Tese de Doutorado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2000.

STIGGER, M. P. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida.: um estudo etnográfico.** Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). 2002.

STIGGER, M. P. **Educação física, esporte e diversidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Educação Física e Esportes).

STIGGER, M. P. **La diversité culturelle du sport en tant que pratique de loisir: quelques éléments pour sa compréhension à partir de la recherche ethnographique.** IN: Revue Loisir et Société/Society and Leisure, Volume 28, numéro 1, printemps, Presses de l'Université du Québec Université du Québec à Trois-Rivières Trois-Rivières (Québec), 2005b, p. 89-113.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, R.R. **O elemento comunitário na prática do skate**. In: Anais do VIII ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 1996.

UVINHA, R.R. **juventude, lazer e esportes radicais**. Editora Manole Ltda., São Paulo, SP, Brasil, 2001.

VAZ, P. Danny **Way** “vence” a muralha da China. In www.maha.com.br/skateneews.php?id=565 acesso em 03.10.2006.

VIGARELLO, G. **Sistemas de esportes, esportes concorrentes**. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Tradução de: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

WACQUANT, L. J.D. **Os três corpos do lutador profissional** in: Lins, Daniel et ali. *A dominação masculina revisitada*, Campinas, Papius, 1998, pp. 73-96.

WACQUANT, L. J.D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WACQUANT, L. J.D. **Introducción**. In: BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc, J.D. **Respuestas: por una antropologia reflexiva**. Traducción: Heléne Levesque Dion. Miguel Hidalgo. México: Editorial Grijalbo, 1995.

WAVES. Disponível em <Waves.com.br> – acesso em 20.01.2006.

WINKIN, Y. **A nova comunicação, da teoria ao trabalho de campo**. Papius, 1998.

ANEXOS

Anexo 1



FGSKT Nº 023/2004

Porto Alegre, 19 de maio de 2004.

Ao Presidente da CBSK
Sr. Alexandre Vianna

Ao cumprimentá-lo, aproveitamos a oportunidade para expor o que segue:

Em relação ao Circuito nós da Federação Gaúcha, gostaríamos de lhe passar algumas questões que para nós é muito importante para o crescimento do nosso Skate Nacional.

Ale tivemos alguns fatos que nos preocupou, começando com o cronograma organizacional, não houve realmente uma "Parceria" a qual nos foi informado pelo no momento de acordo firmado verbalmente comigo. Nós da FGSKT teríamos participação na organização dos horários das competições não houve, nós poderíamos optar pela localização das pistas e questionar certas melhorias nas imendas dos obstáculos não houve, nós teríamos direito de trabalhar com 3 juizes de Street e 2 juizes de Vertical não foi possível pois os custos foram cortados e foi permitido somente 3 juizes "curingas". Teríamos direito a almoço para a equipe técnica não houve.

A FGSKT teria cobrado o valor de R\$ 500,00 para homologação e o Dispôs somente de R\$ 300,00.

Ale gostaria de lhe deixar claro outras questões, nós da Federação imaginamos "corrija se estivermos errados" que para nós da FGSKT homologarmos um etapa de um circuito nacional, teremos que dispor dos seguintes serviços: 3 Juizes, 1 mesário, 1 planilha, 1 locutor, 1 coordenador de pista, 1 pessoa para assessoria de imprensa. Ale esse quadro de RH é para fomentarmos as associações e as pessoas que são envolvidas com o Skate.

Então ficou assim: trabalhamos com 3 juizes que foram o e na planilha o . Somente estas pessoas trabalharão.

Ale, hoje é quarta feira 14:00hs e ainda não nos pagaram nada, sendo que o acordo era que pagaríamos 50% no início e os outros 50% no final do evento e isto não aconteceu. Não gostaríamos de prejudicar o ele é gente boa e não tem culpa, a galera do Sul tem muita consideração por ele e foi por isso que entramos na parada e porque o Skate igual aconteceria e se nós não tivéssemos entrado não sabemos no que daria.

Estamos cientes da responsabilidade de uma Federação e para tal assumimos essa responsabilidade tendo em vista o objetivo que é a profissionalização do nosso Esporte, e temos que evitar que estas ações saiam sem ter o nosso padrão.

Um grande abraço Ale e conte conosco.

Atenciosamente: Ricardo Menezes
Presidente da FGSKT

Anexo 2



FGSKT Nº 032/2004

Porto Alegre, 17 de fevereiro de 2005

Senhor

Cleverson Ribeiro

Comercial

Urânio Comunicação

Ao cumprimentá-lo, aproveitamos a oportunidade para expor o que segue:

Informamos que no Estado do Rio Grande do Sul foi Fundada a Federação Gaúcha de Skate, com a sigla **FGSKT**, no dia vinte e nove do mês de julho de dois mil e três (29/07/2003). Considerada como Entidade Estadual de Administração do Desporto, pela Legislação Desportiva Brasileira com arrimo na lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 e Decreto Federal nº 2.574, de 29 de abril de 1998. A **FGSKT** terá sede na Rua da Republica 801, 2º piso, Bairro Cidade Baixa nesta Capital.

Conforme contato telefônico e através de uma reunião prévia, estou lhe enviando um ofício para sua análise de homologação de campeonato de Skate o qual deverá ser seguido o seguinte requisito:

- Homologação do evento R\$ 300,00;
- Pagamento da equipe técnica R\$ 2.500,00;

A equipe técnica da FGSK contempla:

- 1 Diretor de evento R\$ 250,00
- 3 (três) Juizes Atletas Profissionais de Street Skate R\$ 250,00 x 3 = R\$ 750,00
- 1 Head Juis Atleta Profissional de Street Skate R\$ 250,00
- Fisioterapeuta R\$ 300,00
- 1 Chefe de pista R\$ 200,00
- 3 Fiscais de pistas R\$ 100,00 x 3 = R\$ 300,00
- 1 Planilha R\$ 250,00
- 1 inscrição e cronômetro R\$ 200,00

Obs: Este valor é para dois dias de evento.

- Estadia para 15 pessoas da equipe técnica (para eventos realizados fora da grande POA);
- Alimentação para 15 pessoas da equipe técnica incluindo café da manhã, almoço e janta (para eventos fora da Grande Porto Alegre) e somente almoço (para eventos dentro de Porto Alegre);
- Transporte para 15 pessoas da equipe técnica (para eventos fora da Grande Porto Alegre);
- Transporte das rampas (no caso de acerto de solicitação das pistas da FGSKT);
- Disponibilidade de equipamento de Som;
- Uma área (ginásio) coberta com piso adequado, por exemplo, parque, cimento (queimado) ou asfalto liso. Em ultimo caso cobrir o piso com folhas de compensado, ou disponibilidade de um Skate Parque;
- Cerca de isolamento para serem posta em 3 divisões: Área da Pista, Área dos Atletas e Área Técnica.
- Produção do material gráfico "especifico" do campeonato homologado pela FGSKT.

Tiragem mínima: 500 cartazes, 5.000 Flyers;

•

Rua Republica, 801 Cid.Baixa, cep-90050-321, Fone: 51 32114133, Poa- RS- Brasil



- Disponibilidade de uma área reservada de 10m x 5m para colocação de tendas da FGSKT onde comportará a equipe técnica. (Área destinada para Fisioterapeutas, organização e imprensa);
- Disponibilidade de uma área coberta (ex: tenda) e uma arquibancada para no mínimo 50 pessoas destinada aos atletas com frutas e água (tempo integral);
- É obrigatória a presença de uma ambulância junto na área de competição (tempo integral);
- Para a premiação fica por conta da Promotora do evento;

Informamos que a FGSKT tem o intuito de formalizar e profissionalizar o Maximo quaisquer evento de Skate que estivermos homologando pela Federação pois nós não visamos lucros, por isto é com maior prazer que lhe passamos esta proposta para que com sua análise seja aprovado e por fim possamos juntos realizar um evento de alto nível para o nosso Skate Board Gaúcho.

Sem mais para o momento, atentiosamente.

Ricardo Menezes

Presidente de Federação gaúcho de Skate

E-mail: Ricardo@conesul.org

Fone: 51 81169210 ou 32114133

anexo 3

Roteiro da entrevista – profissionais c/ patrocínio

1 – qual é seu nome? Idade? Onde nasceu?

2 – você foi criado por quem? como é (são) essa(s) pessoa(s)? o que ela(s) fazem - profissão? como é sua relação com ela(s) – vocês se dão bem?

3 – você estuda/estudou? Escola pública ou particular? Como você era nos primeiros anos de escola? Você estava na escola quando começou a andar de skate?

4 – você sempre praticou esportes? Que esportes? como você conheceu o skate? Por que você começou a andar de skate? Como era a cena do skate daquela época?

5 – como você aprendeu a andar de skate? Depois, como alcançou o nível de um profissional? Seus amigos/companheiros de skate dos primeiros tempos se profissionalizaram? Por que (sim ou não)?

6 – o skate interferiu em outras esferas da sua vida (escola, trabalho, família, namoro)? O que mudou quando você “decidiu” pelo skate?

7 – como é seu vida (dia-a-dia)? Fale sobre como você divide seus dias, semanas, meses. O que você faz como skatista profissional (viagens, treinos, competições, família, namoro, demos, etc.)?

8 – como funciona o esquema dos patrocínios? Como alguém consegue patrocínio? Como você conseguiu os seus, qual(is) é(são) ele(s)? Quais os melhores patrocínios? E os piores? Por que?

9 – quais são seus planos para os próximos anos? Pretende andar/competir até quando? E depois que para de andar?

Roteiro da entrevista – profissionais (ex-patrocinados) e amadores s/ patrocínio

1 – qual é seu nome? Idade? Onde nasceu?

2 – você foi criado por quem? como é (são) essa(s) pessoa(s)? o que ela(s) fazem - profissão? como é sua relação com ela(s) – vocês se dão bem?

3 – você estuda/estudou? Escola pública ou particular? Como você era nos primeiros anos de escola? Você estava na escola quando começou a andar de skate?

4 – você sempre praticou esportes? Que esportes? como você conheceu o skate? Por que você começou a andar de skate? Como era a cena do skate daquela época?

5 – como você aprendeu a andar de skate? Depois, como alcançou o nível de um profissional? Seus amigos/companheiros de skate dos primeiros tempos se profissionalizaram? Por que (sim ou não)?

6 – o skate interferiu em outras esferas da sua vida (escola, trabalho, família, namoro)? O q mudou quando você “decidiu” pelo skate?

7 – o skate é importante para você? Como o skate passou ser uma das coisas importantes da sua vida? Como foi sua recepção no universo do skate e do skate patrocinado especificamente?

8 – como funciona o esquema dos patrocínios? Como alguém consegue patrocínio? como você conseguiu o(s) seu(s), qual(is) era(m) ele(s)? Quais os melhores patrocínios? Por que você perdeu o(s) seu(s)?

9 – você pretende conseguir outro patrocínio? O q pretende fazer para conseguir outro patrocínio? Pretende continuar andando caso não consiga outro patrocínio?

10 – você trabalha? Tem ou pretende ter alguma profissão? Pretendo estudar/fazer faculdade?

11 – fale sobre seus planos para os próximos anos. Pretendo competir? Até quando?

Roteiro da entrevista – amadores c/ patrocínio

1 – qual é seu nome? Idade? Onde nasceu?

2 – você foi criado por quem? como é (são) essa(s) pessoa(s)? o que ela(s) fazem - profissão? como é sua relação com ela(s) – vocês se dão bem?

3 – você estuda/estudou? Escola pública ou particular? Como você era/é nos primeiros anos de escola? Você estava na escola quando começou a andar de skate? Uma coisa interfere na outra?

4 – como você conheceu o skate? Por que você começou a andar de skate? Como era a cena do skate daquela época?

5 – como você aprendeu a andar de skate, digo, alcançou o nível de competição e de pensar em patrocínio? Seus amigos/colegas/companheiros andam de skate, competem, tem patrocínio? Por que (sim ou não)?

6 – o skate é importante para você? Como o skate passou ser uma das coisas importantes da sua vida? Como foi sua recepção no universo do skate e do skate patrocinado especificamente?

7 – como é seu dia-a-dia? Fale sobre o q você faz em dias comuns, como divide os dias, semanas, meses. O q você tem de faz normalmente, levando em conta que tens patrocínio (viagens, treinos, competições, família, namoros, demos, etc.)?

8 – como funciona o esquema dos patrocínios? Como alguém consegue patrocínio(s)? como você conseguiu o(s) seu(s), qual(is) é(são) ele(s)? quais os melhores patrocínios?

9 – quais seus planos para os próximos anos? Pretende andar/competir até quando? E depois, quando parar de andar? Pretende ter outra profissão ou estudar/fazer faculdade?

Roteiro da entrevista – dirigentes

1 – qual é seu nome? Idade? Onde nasceu?

2 – você foi criado por quem? como é (são) essa(s) pessoa(s)? o que ela(s) fazem - profissão? como é sua relação com ela(s) – vocês se dão bem?

3 – você estuda/estudou? Escola pública ou particular? Como você era nos primeiros anos de escola? Você estava na escola quando começou a andar de skate?

4 – como você conheceu o skate? Você andou/anda de skate? Foi/é profissional? Como era a cena do skate na época em que você começou a se interessar? Quando foi isso?

5 – o skate interferiu na sua vida escolar/universitária? O skate é importante para você? Como o skate passou a ser importante para você?

6 – qual a cena do skate hj?

7 – quais seus planos para o skate? E os de sua Federação/Confederação?

8 – como você vê o papel e a participação dos skatistas profissionais no universo do skate?

9 – como você vê o papel e a participação das “marcas” (empresas e empresários) no universo do skate?

10 – fale sobre os principais problemas do skate e dos meios para solucioná-los.

Roteiro da entrevista – empresários

1 – qual é seu nome? Idade? Onde nasceu?

2 – você foi criado por quem? como é (são) essa(s) pessoa(s)? o que ela(s) fazem - profissão? como é sua relação com ela(s) – vocês se dão bem?

3 – você estuda/estudou? Escola pública ou particular? Como você era nos primeiros anos de escola? Você estava na escola quando conheceu o skate?

4 – como você conheceu o skate? Você andou/anda de skate? Foi/é profissional? Como era a cena do skate na época em que você começou a se interessar? Quando foi isso?

5 – o skate interferiu na sua vida escolar/universitária? O skate é importante para você? Como o skate passou a ser importante para você?

6 – qual a cena do skate hj?

7 – quais seus planos para o skate? E os de sua marca/empresa?

8 – como você vê o papel e a participação dos skatistas profissionais no universo do skate?

9 – como você vê o papel e a participação dos dirigentes (Federações e Confederação) no universo do skate?

10 – fale sobre os principais problemas do skate (e das marcas do skate) e dos meios para solucioná-los.